

MESTRADO
HISTÓRIA DA ARTE, PATRIMÓNIO E CULTURA VISUAL

Marcas de Fé e Poder: O Legado Patrimonial da Ordem dos
Cónegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Grijó

Vera Patrícia Soares Barbosa

M

2018



Vera Patrícia Soares Barbosa

**Marcas de Fé e Poder: O Legado Patrimonial da Ordem dos
Cónegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Grijó**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura
Visual orientada pelo(a) Professor(a) Doutor(a) Lúcia Maria Cardoso Rosas

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2018

Marcas de Fé e Poder: O Legado Patrimonial da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Grijó

Vera Patrícia Soares Barbosa

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual orientada pelo(a) Professor(a) Doutor(a) Lúcia Maria Cardoso Rosas

Membros do Júri

Professora Doutora Maria Leonor César Machado de Sousa Botelho
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Ana Cristina Correia de Sousa
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 15 valores

Sumário

Declaração de honra	9
Agradecimentos.....	10
Resumo.....	11
Abstract	12
Índice de ilustrações	13
Introdução	22
Apresentação: O Território e os seus Espaços Reestruturados	22
Estrutura	25
Metodologia: Identificação, Recolha e Sistematização dos Dados	30
Bibliotecas.....	30
Arquivos.....	31
Repositórios e Bases de Dados <i>Em-Linha</i>	32
Levantamento Cartográfico e Iconográfico.....	33
Trabalho de Campo e Registo Fotográfico.....	33
Organização de Informação: Tabelas	34
Revisão Bibliográfica.....	35
Capítulo 1. – A ordem monástica do Mosteiro de Grijó: Da Fundação à Reforma do Mosteiro de Grijó	40
1.1 - A igreja do Mosteiro de Grijó.....	43
1.1.1 – A capela de S. Caetano, Capela de S. Luzia e Capela de Santo António	45
1.1.2 - O Altar da Nossa Senhora do Amparo	50
1.1.3 - Capela-mor	55
1.1.4 - O Altar da Nossa Senhora das Dores	56
1.1.5 - O Altar da Nossa Senhora do Rosário e a Imagem da Nossa Senhora da Cera	57
1.1.6 - O Altar do Santíssimo Sacramento e o Altar de S. Sebastião	60
Capítulo 2 – A memória do Monte Murado	61
2.1. Espaço entendido como fronteira/defesa: As Fortificações	62
2.2. Na encosta do Monte Murado: Capela de Nossa Senhora de Pilar	64
2.2.1. A Imagem da Nossa Senhora do Pilar	70
2.3. A Igreja S. Salvador de Perosinho, Cemitério e o Adro.....	75
2.3.1. O culto a Nossa Senhora do Carmo.....	82

2.4. Lugar de Sergueiros: Capela de Santa Marinha	86
Capítulo 3. – As marcas de culto no território	88
3.1 - Devoções Marianas e Cristológicas no Território.....	89
3.2 - <i>Alminhas</i>	92
3.3 – Cruzeiros, Vias-sacras e Calvários.....	96
3.3.1 - A Via-Sacra e o Calvário de Murraceses	107
3.3.2 - A Via-sacra e o Calvário de Sergueiros, Perosinho	109
3.3.3 -A Via-Sacra e o Calvário de Argoncilhe.....	111
3.3.3.1 - Capela de Nossa Senhora das Neves, Argoncilhe	113
Capítulo 4. – Lugares destinados ao Sagrado.....	116
4.1. Nossa Senhora de Fontes: Espaços Conectados.....	118
4.1.1 As Imagens de Nossa Senhora de Fontes	126
4.2. Igreja de S. Mamede de Serzedo: As relíquias de S. Mena.....	131
Capítulo 5. - As marcas da Freguesia de Grijó.....	138
5.1 - Capela de Santo António	138
5.2 – As capelas do Senhor do Padrão	140
5.3 - Capela de Nossa Senhora da Graça.....	142
Considerações Finais.....	145
Bibliografia	157
Trabalhos Académicos	157
Monografias	158
Artigos.....	158
Enciclopédias e Dicionários	159
Revistas e Jornais	159
Fontes Escritas	160
Bibliografia Geral.....	161
Sítios em Linha	163
Cartografia.....	164

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho/tese/dissertação/relatório/... é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

[Vila Nova de Gaia, 29 de setembro de 2018]

[Vera Patrícia Soares Barbosa]

Agradecimentos

Reservo aqui umas linhas para deixar um eterno agradecimento às pessoas mais significativas que passaram pela minha vida, que contribuíram para que este trabalho fosse possível.

Primeiramente, à minha orientadora, Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas, que sempre cultivou uma boa relação entre professor-aluno, pela confiança, exigência, motivação e apoio durante todo o meu percurso académico e em especial estes últimos dois anos.

Em segundo lugar, ao meu companheiro, João Pedro Barbosa Oliveira, por sempre me apoiar em todos os momentos, bons e menos bons e, por estar sempre disponível para me ouvir, aconselhar e acompanhar.

À Vera, à Clarisse, à Laura, à Lúcia, à Inês e ao João cuja força, confiança, apoio incondicional fez com que este trabalho fosse possível.

À minha família, em especial à minha mãe, irmã e avós que sempre tiveram presentes nos momentos mais difíceis e também nas vitórias deste percurso. Ao meu avô, um especial obrigada, por ter sido a primeira pessoa que me apresentou o mosteiro de Grijó.

Aos restantes professores, um obrigada por me terem feito crescer a nível profissional e por estarem sempre disponíveis para me ajudar.

Resumo

As dinâmicas de transformação do território e das práticas sociais das últimas décadas alteraram significativamente a forma como vivem as comunidades, contribuindo para o desaparecimento de tradições. Se, por um lado, a transformação é necessária e inevitável, por outro, este fenómeno desencadeou um impacto no território, extinguindo os lugares e as práticas devocionais e rituais, outrora fatores de coesão das comunidades.

No âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, a presente dissertação resulta do nosso contacto, realizado entre o período de setembro de 2017 e setembro de 2018, com as práticas locais e elementos do culto que se distribuem pelas freguesias de Grijó e Sermonde, Serzedo e Perosinho e, pontualmente, a freguesia de Argoncilhe.

Marcas de Fé e Poder: O Legado Patrimonial da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Grijó tem como objetivo principal o levantamento dos vestígios patrimoniais que pertenceram aos Cónegos Regrantes do Mosteiro de Grijó, ainda hoje marcos de identidade das comunidades. São estas as heranças analisadas neste trabalho, que pretende contribuir para o conhecimento das estruturas e objetos que testemunham a devoção, como as capelas, igrejas, *alminhas* e cruzeiros. Estes desempenham um papel de marcas de sacralização do território, antes das ruturas urbanas e viárias iniciadas entre os séculos XIX e XXI, cumprindo também funções de proteção das comunidades. Atualmente, com o afastamento destes objetos dos usos quotidianos, o seu registo e estudo são urgentes, sendo este trabalho um contributo para possibilitar a coexistência entre estes objetos, as comunidades e as transformações do território.

Palavras-chave: Património cultural material e imaterial; Culto Mariano; Práticas Religiosas; Dinâmicas do Espaço Sacro; Mosteiro de S. Salvador de Grijó

Abstract

The dynamics of transformation of the territory and social practices of the last decades have significantly changed the way communities live, contributing to the disappearance of traditions. If, on the one hand, the transformation is necessary and inevitable, on the other, this phenomenon has had a negative impact on the territory, extinguishing the places and devotional practices and rituals, once factors of cohesion of the communities.

In the scope of the Master's Degree in History of Art, Heritage and Visual Culture, this dissertation results from our contact, between September 2017 and September 2018, with local practices and elements of the cult that are distributed by the parishes of Grijó and Sermonde, Serzedo and Perosinho and, occasionally, the parish of Argoncilhe.

Marcas de Fé e Poder: O Legado Patrimonial da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Grijó has as its main objective the research of the patrimonial remains that belonged to the *Cónegos Regrantes* of the Monastery of Grijó, still today marks of identity of the communities. These are the inheritances analysed in this work that intends to contribute to the knowledge of the structures and objects that witness devotion, such as the chapels, churches, *alminhas* and cruises. They play a role of territorial branding, prior to the urban and road disruptions that began between the 19th and 21st centuries, and also serve as a protection for communities. Nowadays, with the removal of these everyday objects, their registration and study are urgent, being this work a contribution to enable the coexistence between these objects, the communities and the transformations of the territory.

Keywords: Material and immaterial cultural heritage; Marian worship; Religious Practices; Dynamics of the Sacred Space; Monastery of S. Salvador de Grijó

Índice de ilustrações

Fig. 1 - Planta de Helena Raimundo. Legenda colocada por nós, 2018	43
Fig. 2 – Altar dedicado a S. Caetano. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	44
Fig. 3 – Pormenor do Altar dedicado a S. Caetano. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	44
Fig. 4 - Altar dedicado a Santa Luzia. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	45
Fig. 5 - Pormenor do Altar dedicado a Santa Luzia. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	45
Fig. 6 - Altar dedicado a S. António. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	47
Fig. 7 – Pormenor do Altar dedicado a S. António. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	47
Fig. 8 – Painele de Azulejo com a Figura de Santo António no claustro do mosteiro de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	48
Fig. 9 – Altar da N ^a Sra. do Amparo. Localizado no transepto da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	50
Fig. 10 – S. Marcus no Altar da N ^a Sra. do Amparo. Localizado no transepto da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	50
Fig. 11 - Calvário no Altar da N ^a Sra. do Amparo. Localizado no transepto da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	51
Fig. 12 – N ^a Sra. do Amparo no Altar da N ^a Sra. do Amparo. Localizado no transepto da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	51
Fig. 13 - Altar da capela-mor na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	55
Fig. 14 – Nossa Senhora localizada na capela-mor na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	55

Fig. 15 – <i>Ecce Homo</i> perto do Altar da Nª Sra. das Dores. Igreja de Grijó. Na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	56
Fig. 16 - Altar da Nª Sra. das Dores. Igreja de Grijó. Na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	56
Fig. 17 - Altar da Nª Sra. das Dores. Igreja de Grijó. Na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	56
Fig. 18 - Altar da Nª Sra. das Dores. Igreja de Grijó. Na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	56
Fig. 19 – Altar da Nª Sra. do Rosário. Igreja de Grijó na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	57
Fig. 20 – Pormenor do Altar da Nª Sra. do Rosário. Igreja de Grijó na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	57
Fig. 21 – Pormenor do Altar na Capela do Santíssimo Sacramento. Igreja de Grijó, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	60
Fig. 22 - Pormenor do Altar na Capela do S. Sebastião. Igreja de Grijó, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	60
Fig. 23 - Monte Murado atual localização do Santuário da Nossa Senhora da Saúde. Print tirado a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018	61
Fig. 24 - Cruzeiro encostado do lado sul da Capela de Nª Sra. do Pilar. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	65
Fig. 25 – Cruzeiro no arraial em frente da Capela de Nª Sra. do Pilar. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	65
Fig. 26 - Cruzeiro na Rua da Nossa Senhora do Pilar. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	66
Fig. 27 - Distância entre a Capela de Nª Sra. do Pilar e Sta. Marinha. Print tirado a partir do Google Maps. Alteração feitas por Vera Barbosa, 2018	68
Fig. 28 – Imagem da Nª Sra. do Pilar. Sacristia da capela de Nª Sra. do Pilar, no lugar de Crasto. Freguesia de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	70
Fig. 29 – Imagem da Nª Sra. do Pilar. Retábulo da capela de Nª Sra. do Pilar, no lugar de Crasto. Freguesia de Perosinho. Fotografia digital de	70

Vera Barbosa, 2018

Fig. 30 - Nossa Senhora da Purificação, colocada no altar da Nossa Senhora da Lapa na Igreja Matriz de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	71
Fig. 31- Nossa Senhora do Pilar de Zaragoza.	71
Fig. 32 – Retábulo na capela da N ^a Sra. do Pilar. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	74
Fig. 33 – Epígrafe de mármore encontrada em 1914, inserida na fachada da igreja paroquial de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	75
Fig. 34 - Marcação do possível local onde se encontraria localizado a primitiva Residência Paroquial de Perosinho. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018	75
Fig. 35 - Pormenor da Fachada da Igreja Matriz de Perosinho com a data da construção da nova igreja. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	76
Fig. 36 - Muro do lado sul do adro da Igreja de Perosinho com inscrições que indicam velhas sepulturas. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	76
Fig. 37 - Capela-Jazigo da família de Manuel Francisco Guedes. Localizada no cemitério de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	77
Fig. 38 - Cruzeiro que se encontra no Adro da Igreja Matriz de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	77
Fig. 39 - Planta com a localização dos altares na Igreja Matriz de Perosinho. Desenho produzido no Adobe Illustrator por Vera Barbosa, 2017.	78
Fig. 40 - Altar do Menino Jesus (P2) na igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	79
Fig. 41 - Capela-mor (P3) da igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	79
Fig. 42 - Altar da Nossa Senhora da Lapa (P4) na igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	80
Fig. 43 - Altar das Almas (P5) na igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	80
Fig. 44 - Altar da Nossa Senhora (P6) na igreja de Perosinho. Fotografia	81

digital de Vera Barbosa, 2018

Fig. 45 - Altar da Nossa Senhor do Carmo na igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	82
Fig. 46 - Nossa Senhora do Carmo datada de 1710. Encontra-se no altar da Nª Sra. do Carmo na igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	83
Fig. 47 – Pormenor das armas da Nossa Senhora do Carmo ao peito. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	83
Fig. 48 - Pormenor da coroa de prata. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	83
Fig. 49 - Pormenor das chamas do Purgatório. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	83
Fig. 50 - Localização do Lugar de Sergueiros referido nos documentos como Sirgueiros. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018	86
Fig. 51 - Santuário da Nª Sra. da Azenha na freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	90
Fig. 52 - Fotografia tirada do caminho processional com a igreja do Cristo Rei de plano de fundo. Freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	90
Fig. 53 - Cruzeiro feito de azulejo, freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	91
Fig. 54 – Direção do caminho percorrido desde a capela da Nª Sra. da Graça à Travessa Fonte do Casal. Localização de duas <i>Alminhas</i> . Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018	92
Fig. 55 - Travessa Fonte do Casal, via com duas <i>Alminhas</i> . Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	93
Fig. 56 - Alminha com a Crucificação. Travessa Fonte do Casal, Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	93
Fig. 57 - Alminha com a Nª Sra. do Carmo. Travessa Fonte do Casal, Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	93
Fig. 58 – Gráfico com a contagem das <i>Alminhas</i> nas freguesias de Argoncilhe, Grijó, Serzedo e Perosinho. Gráfico realizado por Vera	94

Barbosa, 2018

Fig. 59 - Cruzeiro erguido para marcar o lugar da morte de D. Rodrigo Sancho. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	96
Fig. 60 - Pormenor no cruzeiro na alameda da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	97
Fig. 61 - Cruzeiro na alameda da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	97
Fig. 62 - Cruzeiro no adro da capela de N ^a Sra. de Fontes. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016	97
Fig. 63 - Pormenor do cruzeiro no adro da capela de N ^a Sra. de Fontes. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016	98
Fig. 64 - Pormenor do cruzeiro no adro da capela de N ^a Sra. de Fontes. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016	98
Fig. 65 - Cruzeiro perto da igreja de Serzedo. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	98
Fig. 66 - Planta com a localização do projeto para o cemitério na freguesia de Grijó. Obra Municipal de Cemitério de Grijó. 1875	99
Fig. 67 – Recorte da planta com a localização do cemitério e o Passo do Alto do Couteiro. Obra Municipal de Cemitério de Grijó, 1875	100
Fig. 68 - Local onde se localizava o Passo do Alto do Couteiro. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	101
Fig. 69 - Recorte da planta. Freguesia de Grijó. Projeto da estrada Municipal das vendas de Grijó ao Convento de Grijó. 1885	101
Fig. 70 - Nicho no muro da antiga cerca do mosteiro de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	102
Fig. 71 - Marcas de uma possível capela de Passos. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	102
Fig. 72 – Pormenor da mensagem no cruzeiro datado de 1895, Rua do Sr. do Padrão. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	103
Fig. 73 – Cruzeiro datado de 1895, Rua do Sr. do Padrão. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	103
Fig. 74 - Gráfico com a contagem de todos os cruzeiros encontrados nas	104

freguesias de Argoncilhe, Grijó, Serzedo, Perosinho. Gráfico realizado por Vera Barbosa, 2018	
Fig. 75 - Cruzeiro colocado para simbolizar o percurso de Cristo na quaresma. Junto a capela de Santo António, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	105
Fig. 76 - Marcação do percurso da via-sacra até ao Calvário no lugar de Murraceses, freguesia de Grijó. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018	106
Fig. 77 - Quarto cruzeiro que compõe a via-sacra. Lugar e Murraceses, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	107
Fig. 78 – Possível estrutura do antigo lugar do cruzeiro que compõe a via-sacra. Lugar e Murraceses, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	107
Fig. 79 - Sexto cruzeiro que compõe a via-sacra. Lugar e Murraceses, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	107
Fig. 80 – Cruzeiro representando a cruz de Cristo. Lugar e Murraceses, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	107
Fig. 81 - Percurso da via-sacra entre a capela da Santa Marinha à capela do Senhor do Calvário. Lugar de Sergueiros, freguesia de Perosinho. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018	109
Fig. 82 - Um dos cruzeiros pertencentes à via-sacra do Lugar de Sergueiros, freguesia de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	109
Fig. 83 – Capela do Senhor do Calvário. Lugar de Sergueiros, freguesia de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	109
Fig. 84 - Percurso da via-sacra entre a igreja de Argoncilhe e a capela de N ^a Sra. das Neves. Freguesia de Argoncilhe. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018	110
Fig. 85 - Cruzeiro da via-sacra atualmente. Freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	111
Fig. 86 - Cruzeiro da via-sacra em 2009. Print a partir do Google Maps, 2018	111
Fig. 87 - Calvário localizado no adro de N ^a Sra. das Neves. Lugar de S. Domingos, freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	111

Fig. 88 - Altar da capela da Nª Sra. das Neves. Lugar de S. Domingos, freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	112
Fig. 89 - Primeira imagem dedicada a Nª Sra. das Neves. Capela de Nª Sra. das Neves, lugar de S. Domingos. Freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	113
Fig. 90- Capela de Nª Sra. de Fontes, Lugar de Fontes, freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016	118
Fig. 91 – Epigrafe com a informação da construção da capela de Nª Sra. de Fontes. Colocada no interior da capela. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016	118
Fig. 92 - Captura de ecrã da vista aérea da localização da passagem e capela antiga da Nossa Senhora de Fontes. Google Maps. Alterações realizadas por Vera Barbosa, 2018	120
Fig. 93 - Recorte da Planta com marcação da estrada municipal entre Serzedo à Póvoa (Grijó). Datada de 1884	121
Fig. 94 - Registo das obras feitas na capela de Nª Sra. de Fontes. Localizada no interior da capela. Lugar de Fontes, freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016	125
Fig. 95 - Altar da capela da Nª Sra. de Fontes. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital, 2016	126
Fig. 96 – Imagem da Nª Sra. de Fontes no altar da capela da Nª Sra. de Fontes. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital, 2016	126
Fig. 97 - Detalhes do Traje de Nossa Senhora de Fontes. Pintado e estofado sobre a pedra. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016	127
Fig. 98 - Imagem possível da aparição na antiga capela. Lugar de fontes, freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016	128
Fig. 99 - Ex-voto guardado na capela de Nª Sra. de Fontes. Fotografia digital, 2016	129
Fig. 100 - Igreja de Serzedo. Lugar da Igreja na freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	131
Fig. 101 - Recorte de S. Mena das Crónicas de Nuremberg	133
Fig. 102 - Santa Mena, Abadessa de Poussay	133

Fig. 103 - Capela de Santo António. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	138
Fig. 104 - Altar da capela de Santo António. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018	138
Fig. 105 - Projecto de Rectificação e Ajardinamento do Largo de Santo António, Freguesia de Grijó. 1940	138
Fig. 106 – Localização da capela de Santo António. Freguesia de Grijó. Print a partir do Google Maps, 2018	138
Fig. 107 - Recorte da planta. Freguesia de Grijó. Projeto da estrada Municipal das vendas de Grijó ao Convento de Grijó. 1885	139
Fig. 108 - Marcação da localização das <i>Alminhas</i> do Senhor do Padrão. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018	139
Fig. 109 – <i>Alminhas</i> do Senhor do Padrão. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	139
Fig. 110 – Figura de Cristo no interior das <i>Alminhas</i> do Padrão. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	139
Fig. 111 – Pannel de azulejo com a imagem de S. João Evangelista. <i>Alminhas</i> do Senhor do Padrão, na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	140
Fig. 112 - Pannel de azulejo com a imagem de S. João Evangelista. <i>Alminhas</i> do Senhor do Padrão, na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	140
Fig. 113 - Placa de homenagem aos Amigos da Música no 1º Centenário 1868-1968. <i>Alminhas</i> do Senhor do Padrão, na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	140
Fig. 114 – Frontão da capela das <i>Alminhas</i> do Senhor do Padrão, na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	140
Fig. 115 – Capela do Senhor do Padrão. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	141
Fig. 116 - Capela da Nª Sra. da Graça. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017	142
Fig. 117 - Nª Sra. da Graça. Na capela da Nª Sra. da Graça. Freguesia de	143

Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Fig. 118 – Altar da N^a Sra. da Graça. Na capela da N^a Sra. da Graça.
Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

143

Fig. 119 – Ex-voto datado de 1793. Na capela da N^a Sra. da Graça.
Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

143

Introdução

A presente Dissertação descreve o trabalho de investigação por nós desenvolvido no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual. Apresentamos o resultado do nosso contacto com as práticas locais e elementos do culto que se distribuem pelas freguesias de União de Grijó e Sermonde, União de Serzedo e Perosinho e, pontualmente, a freguesia de Argoncilhe realizado entre o período de setembro de 2017 a setembro de 2018.

De igual modo, este trabalho pode afirmar-se como sendo um estudo de antigos elementos e práticas religiosas que serviram e ainda servem as comunidades destas freguesias. Apesar da construção de muitos desses equipamentos, que se destinavam ao culto, ter sido promovida pelos cónegos do Mosteiro de Grijó, também trataremos outros elementos edificados posteriores à extinção das Ordens Religiosas masculinas em 1834.

A escolha do título, *Marcas de Fé e Poder: O Legado Patrimonial dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Grijó* parte do principal motor de desenvolvimento destas freguesias no que respeita os equipamentos edificados para as práticas religiosas.

Os instrumentos promovidos pela ordem monástica são os principais responsáveis pela dinamização sacra dos espaços analisados ao longo do nosso estudo e que, após o fim da gestão dos cónegos do Mosteiro de Grijó, continuam até aos nossos dias, acabando por se tornar fragmentos do antigo legado patrimonial dessa comunidade monástica que, contribuiu para a identidade e memória das várias gerações.

Apresentação: O Território e os seus Espaços Reestruturados

O território em estudo localiza-se a sul da província do Douro Litoral, a norte de Santa Maria da Feira, pertencendo aos concelhos de Vila Nova de Gaia e Aveiro. Atualmente é um vasto território dividido pela União de freguesias de Grijó e Sermonde, pelas freguesias de Serzedo e Perosinho e, ainda, pela freguesia de Argoncilhe, esta última pertencente ao concelho de Aveiro.

Estas freguesias eram terras isentas de jurisdições episcopais exploradas diretamente e indiretamente pelos Cónegos do Mosteiro de Grijó. Por esse motivo, excluímos a freguesia de Sermonde deste trabalho, apesar de hoje estar vinculada a Grijó.

Entre a Idade Média e o século XIX esta área esteve profundamente marcada pela presença do Mosteiro de Grijó, fator fundamental na marcação e gestão do território. Atualmente, o motor de desenvolvimento assenta na sua população e na indústria. Assim, o que veremos ao longo deste estudo será uma paisagem cultural marcada pelas gerações e diversas circunstâncias históricas, económicas e sociais que aqui se sobrepueram em várias camadas.

Este território encontra-se hoje muito marcado pela industrialização e transformações urbanas dos séculos XIX que se estendem pelos séculos XX e XXI. As antigas práticas que fragmentavam os espaços e os hierarquizavam, como veremos durante este estudo, ao longo da Idade Média e da Época Moderna, diluíram-se com o tempo, alterando significativamente o habitat, as dinâmicas da região e as motivações construtivas. A construção de carácter industrial e a densificação do povoamento que esta prática vai gerando, alteraram profundamente a organização do território próprio da sociedade pré-industrial, pulverizando as antigas marcas de sacralização, como exemplifica o caso da via-sacra e do Calvário de Fontes.

A conservação da crença e das práticas devocionais que se mantêm nos nossos dias são a causa mais importante da sobrevivência de parcelas das antigas vias-sacras. Apesar de terem perdido o seu sentido de percurso, o que ocorre pelos novos usos industriais do território, a devoção e a crença levam a que essas estruturas se mantenham dada a sua relação com a população, embora hoje estejam descontextualizadas e de terem perdido parte do seu significado. Mesmo assim, dá-nos a consciência de pertencermos “à grande família humana, em que houve e há maneiras tão diferentes, e mesmo tão contraditórias, de crer e de sentir”¹ os lugares.

São, sobretudo, as autoestradas, a reorganização urbana e as zonas industriais compostas por várias edificações destinadas a albergar diversas empresas, mas também o crescimento urbano dos locais, que causam a destruição ou a alteração de caminhos

¹ MATTOSO, José. *Portugal Medieval. Novas Interpretações*. Volume 8. Círculo de Leitores, 2002. P. 95

antigos, cultos, lugares de fé que, descontextualizados, deixam de fazer sentido. A reforma dos costumes é assim inevitável, mas muitos sobreviveram até aos nossos dias². No fundo, as rotinas das suas comunidades são alteradas, mas necessárias ao desenvolvimento dos territórios rurais e urbanos. Veremos no decorrer deste estudo, como o território é apropriado ao longo dos tempos, servindo as várias gerações³ que o usaram com fins diferentes.

Para tal, teremos de desconstruir a nossa paisagem cultural herdada para entender como esta contribuiu para a identidade e reforço das relações da população que a habitam e nela se estabeleceram⁴. A relação do Homem com os lugares emite uma realidade física e geográfica como suporte de vida, usos e atividades económicas⁵. Sobrepõem-se e alteram-se as vivências pelas comunidades locais, convivendo com outras que só visitam esporadicamente à procura de novas experiências, convivem nestes espaços marcados de significado para quem os vive diariamente.

A paisagem cultural assim como o património etnológico – que nos interessa para entender os marcos de proteção oriundos das tradições religiosas dispersas pelo território – unem-se pelos testemunhos materiais e imateriais das comunidades⁶ e assumem um papel crucial para estudar os lugares atualmente. São estas, que ainda salvaguardam os seus testemunhos pela inclusão desses objetos nas suas rotinas e pela insistência das práticas. Consideramos estes objetos, ainda hoje, no caso do nosso território, sacralizadores dos seus espaços para uma parte da comunidade, mas para outra apenas como objetos que reforçam e lembram um passado distante, sendo muitas vezes ignorado e, por conseguinte, o seu significado perdido. Mesmo desenvolvendo novos traçados e os novos costumes, obrigados pela civilização industrial moderna, a essência das suas tradições, usos e costumes permanecem na memória e materializam-se no espaço físico.

² **GONZÁLEZ-VARAS** Ibáñez, Ignacio. *Patrimonio cultural : conceptos, debates y problemas*. Ed. Catedra, Madrid, 2015

³ **FADIGAS**, Leonel. *Fundamentos Ambientais do Ordenamento do Território e da Paisagem*. Edições Sílabo, Lisboa, 2007. P. 17

⁴ **FADIGAS**, Leonel. *Fundamentos Ambientais do Ordenamento do Território e da Paisagem*. Edições Sílabo, Lisboa, 2007. P. 131

⁵ **FADIGAS**, Leonel. *Fundamentos Ambientais do Ordenamento do Território e da Paisagem*. Edições Sílabo, Lisboa, 2007. P. 17

⁶ **GONZÁLEZ-VARAS** Ibáñez, Ignacio. *Patrimonio cultural : conceptos, debates y problemas*. Ed. Catedra, Madrid, 2015

Tal como os espaços de culto que se preservam ainda cumprem essa função, também as imagens devocionais, que nesses locais são veneradas, tornam-se elementos dinamizadores do território, havendo uma leitura entre o interior e exterior. Além disso, essas imagens, com fortes devoções, foram e continuam a ser as razões pelas quais ainda se conservam as tradições e os seus espaços de culto.

As comunidades de alguns desses locais que abordaremos ao longo do nosso trabalho, sentem-se responsáveis por esses locais e as suas imagens sagradas. Portanto, a separação entre o físico e o espiritual é ténue, sendo em alguns casos inexistente. É este sentimento vivo entre as gerações que salvaguardam o seu património e mantêm esses lugares ainda ativos, cumprindo a sua função primordial mesmo que tenham sido alvos de transformação e adaptação das sociedades modernas.

Esta realidade não seria possível se já não existisse na comunidade a conexão entre a imagem e o lugar, pois conhece as narrativas associadas que são transmitidas pelas gerações. Todavia, é no respeito pela memória dos que a preservaram anteriormente que alguns continuam a salvaguardar esses locais, os seus cultos e as suas tradições, que atualmente se encontram ameaçados pelas sociedades modernas.

Todos os territórios que analisamos ainda se encontram muito marcados pelos objetos que simbolizam a fé e se preservaram até aos nossos dias. Além das capelas e das igrejas dispersas nas freguesias, sendo que as mais relevantes foram alvo de estudo ao longo deste trabalho, importa também referir os locais que ainda conservam as suas vias-sacras e Calvários.

Estrutura

Devemos desde já salientar a impossibilidade de analisar a totalidade dos territórios referidos neste trabalho, por serem constituídos por uma vasta área, sendo necessário realizar uma pré-seleção dos espaços que se enquadrariam melhor no nosso tema. Deste modo, escolhemos lugares que ainda existem e se preservam na memória das suas comunidades, além de que, tivemos em consideração as informações disponíveis na documentação recolhida.

No decurso dessa recolha, muita da documentação que pertencia ao mosteiro de Grijó, após a extinção das ordens religiosas masculinas em 1834⁷, foi vendida ou destruída e, outras foram deslocadas para o mosteiro de Mafra. Esta documentação que não foi consultada, certamente poderia trazer respostas às questões levantadas ao longo do trabalho e também às abordagens hipotéticas.

Por forma a dar resposta aos objetivos propostos, organizamos o nosso trabalho em dois volumes.

A primeira parte é o *corpus* do trabalho organizado em cinco capítulos. O primeiro, dedicado *A ordem monástica do Mosteiro de Grijó: Da Fundação à Reforma do Mosteiro de Grijó* e *A igreja do Mosteiro de Grijó*, inicia-se com uma breve apresentação do mosteiro de Grijó desde a fundação à extinção das ordens religiosas masculinas em 1834, referindo, pontualmente, aspetos essenciais à história desta comunidade monástica. Divide-se em seis pontos, cada um dedicado às análises de altares ou capelas distribuídas no interior da igreja de Grijó. Ressalvamos que o nosso objetivo com este trabalho não é o de abordar as narrativas dos santos nem de tratar dos programas que compõem os interiores das igrejas e capelas. Em alguns casos, como a igreja de Perosinho e igreja de Grijó, tornou-se impossível desvincular a leitura dos interiores com as dinâmicas produzidas em volta destes edifícios. Assim, apenas mencionamos as imagens e tentamos apresentar, de forma resumida e sem muitos detalhes, cada uma das figuras.

Desta forma, no final deste trabalho, também propomos aberturas para futuras abordagens que aqui ficam só referidas. Estamos conscientes que seria necessário mais conhecimento e documentação para podermos analisar todos os altares de igual modo. Como o nosso principal objetivo é a análise das marcas das práticas religiosas no território, que ainda resistem às transformações da malha urbana e à desvinculação das novas gerações, que se deslocam sem terem criarem relações com os seus locais e os elementos que, para a população mais envelhecida ou local são marcos de identidade e memória.

⁷ Apesar de todas as Ordens Religiosas terem sido extintas em 1834, as ordens religiosas femininas permanecem ativos até à morte da última religiosa.

Assim, apenas mencionamos as imagens, sendo analisadas com mais pormenor a capela de Santo António, o Altar da Nossa Senhora do Amparo e a Capela da Nossa Senhora do Rosário por estarem diretamente ligadas à principal temática abordada neste trabalho o culto mariano. E no caso de Santo António por ser figura importante para a ordem dos cónegos regantes de Santo Agostinho. Salvaguardamos, no entanto, que se trata de relações hipotéticas, resultado das conclusões apuradas através das nossas leituras, sendo necessário aprofundar estas relações.

O segundo capítulo, dedicado à freguesia de Perosinho, funcionou como mote de abertura deste estudo. Começamos por *A memória do Monte Murado e Espaço entendido como fronteira/defesa: As fortificações* que permite identificar o território e dar a conhecer a importância do Monte Murado como lugar dinamizador desta área e que nos apresenta o culto a Nossa Senhora de Crasto e sucessivamente, esta informação nos transporta para o próximo ponto *Na Encosta do Monte Murado: Capela da Nossa Senhora do Pilar*. Segue-se *A Igreja S. Salvador de Perosinho, Cemitério e Adro*, destinado à leitura dos espaços (interior e exterior) da igreja de Perosinho com destaque para *O Culto a Nossa Senhora do Carmo* por ser uma das devoções com mais importância para a comunidade. Terminamos este capítulo com o *Lugar de Sergueiros: Capela de Santa Marinha*, porque se prende com a fundação da igreja de Perosinho.

O terceiro capítulo surge como uma forma de incorporar os elementos dispersos destinados ao culto em todas as freguesias. Portanto, os dois primeiros pontos, *As Marcas de Culto no Território* e *Devoções Marianas e Cristológicas no Território*, são direcionados a contextualizar os cultos - mariano e cristológico - em determinadas épocas. Esta introdução possibilita a compreensão dos elementos analisados nos pontos seguintes, *Alminhas*, os *Cruzeiros*, *Vias-Sacras* e os *Calvários*, sendo a teorização apoiada em casos práticos dispostos no nosso território em estudo.

Relativamente à freguesia de Argoncilhe, à qual dedicamos dois pontos, *A Via-Sacra e o Calvário de Argoncilhe* e *Capela da Nossa Senhora das Neves, Argoncilhe*, como a documentação referente a esta não é muito credível, havendo informação que não se encontra a origem da sua localização, optámos por escolher apenas estes dois casos de estudo. A fragilidade presente na documentação requeria mais tempo para analisar, com

mais cuidado e profundidade os seus lugares e os objetos que têm bastante interesse para um trabalho futuro. Outra razão que nos levou a referir apenas pontualmente Argoncilhe recaiu também na impossibilidade de visitar alguns dos edifícios considerados fundamentais para elaborar uma análise entre o que ainda existe e o que existe mencionado na documentação.

Aproveitamos para referir, assim como alguns elementos na freguesia de Argoncilhe não foram mencionados pelas razões acima referidas, também nas freguesias que nos propomos estudar houve uma seleção. Tivemos em consideração nesta primeira fase a documentação que tínhamos disponível e os elementos que presentemente se mostram um valor patrimonial cultural tanto do antigo mosteiro de Grijó, assim como para as suas comunidades atuais. Alguns casos tornavam-se de certa forma urgentes neste estudo, porque muita da informação está dispersa ou desaparecida, sendo necessário recorrer a estudos menos direcionados com esta zona para podermos entender como surgiram algumas imagens e cultos. A salvaguarda deste património material e imaterial foi o nosso primeiro impulso para a elaboração deste trabalho, destinando este período de elaboração da dissertação a conseguir reunir o máximo de informação e entender melhor o uso destes equipamentos, atualmente e no passado.

O quarto capítulo inicia-se com a contextualização sobre a escolha de lugares para a implantação de capelas. É a parte do trabalho dedicado sobretudo à freguesia de Serzedo, sendo o ponto fundamental deste capítulo a *Nossa Senhora de Fontes: Espaços Conectados*, um exemplo para a implantação de capelas em lugares ermos e fronteiriços e também o melhor exemplo para detetar as vivências de culto no espaço. Consideramos que se abordássemos os espaços sacros no início do trabalho, não seria de imediato a sua compreensão. O facto de termos dado alguns exemplos prévios, sem este contexto, neste ponto, com o exemplo da capela de Nossa Senhora de Fontes torna-se imediato o entendimento de lugares para a implantação de capelas.

Ainda nesta parte e como forma de contribuir para a temática imposta sobre os lugares sagrados, analisamos, a título de exemplo, a *Igreja de S. Mamede de Serzedo: As Relíquias de S. Mena*, um exemplo para a implantação de igrejas e a sua função simbólica, como marco de proteção do território.

O último capítulo trata dos elementos presentes na freguesia de Grijó. Assim, *As marcas da Freguesia de Grijó* propõe introduzir os restantes elementos de culto sendo a *Capela de Santo António*, *As Capelas do Senhor do Padrão* e *Capela da Nossa Senhora da Graça*. São quatro exemplos que se traduzem, simbolicamente, em marcas de poder e fé da ordem monástica de Grijó num período de reforma.

Neste trabalho trazemos novas leituras e relações no que respeita as dinâmicas dos espaços sacros, incluindo os equipamentos dispersos para as práticas religiosas, considerando que o nosso estudo é somente uma investigação inicial. Assim, apresentamos muitas questões e poucas respostas, porque o desenvolver deste trabalho trouxe mais dúvidas do que certezas, sendo que muitas vezes recorremos a elementos do território como epígrafes, observação das transformações e cruzamento de muita documentação para cobrir lacunas.

Apesar das edificações e marcas religiosas que trazemos para este estudo, terem sido patrocinadas pelos cónegos do mosteiro de Grijó, durante os séculos XVI a XIX, também analisaremos elementos surgidos após a extinção das ordens religiosas masculinas em 1834.

O segundo volume, dedicado aos apêndices, encontra-se dividido em duas partes. A primeira organizada por freguesias, com a disposição em tabelas dos elementos que resultaram do levantamento fotográfico resultado do trabalho de campo. Seguindo sempre esta ordem, a primeira tabela respeita às *alminhas*, continuando com a tabela dos cruzeiros, uma outra para edifícios presentes no território, cujo a tipologia não se encontrou em nenhuma das outras tabelas e uma outra dedicada às imagens de Nossa Senhora. Em vez de organizamos as imagens dedicadas ao culto mariano por capelas ou igrejas, optamos por fazer apenas uma tabela para cada freguesia, a fim de ser mais acessível a informação. Além destas tabelas usadas para a elaboração do trabalho, existem outras que mesmo não tendo uma ligação direta com os conteúdos apresentados no primeiro volume, contribuíram para a compreensão do território em estudo.

Também organizamos a bibliografia principal e citada para desenvolver este estudo por tabelas e, por último, temos um segundo apêndice dedicado à bibliografia geral.

Metodologia: Identificação, Recolha e Sistematização dos Dados

Antes de nos referirmos à metodologia por nós elaborada para a realização desta dissertação, mencionamos que este trabalho teve origem no tema desenvolvido para a unidade curricular *Dinâmicas do Espaço Sacro* intitulado *O culto: Nossa Senhora de Rosário de Fontes*. Durante a elaboração deste estudo fomos tendo contato com o objeto que despertou e o nosso interesse em investigar as relações entre o que envolve o culto de Nossa Senhora e o seu padroado.

Ao longo da nossa recolha e sistematização dos dados, deparamo-nos com mais património cultural que a ordem monástica de Grijó tinha promovido e, após o trabalho de campo, tornou-se óbvio para nós que a abordagem não podia restringir-se apenas ao lugar de Fontes e à sua relação com os cónegos de Grijó. Desta forma, alargamos o campo do nosso estudo aos outros territórios já referenciados anteriormente.

Realçamos novamente que a nossa investigação é apoiada quase exclusivamente nas fontes impressas e no registo fotográfico em trabalho de campo. Todavia, as imagens devocionais e os elementos religiosos que compõem a paisagem cultural são fontes visuais que apoiam a elaboração deste trabalho.

Para explicar a recolha da documentação subdividimos este capítulo em seis partes. Estas partes representam os locais onde elaboramos a recolha e que documentos se encontram disponíveis para o nosso estudo.

Bibliotecas

A nossa investigação partiu da consulta bibliográfica disponível em bibliotecas. Procuramos, essencialmente, estudos e obras gerais mas também, sobre o Mosteiro de Grijó que serviu como ponto de partida. Também nos ajudou a familiarizar-mos com o tema, além de nos ajudar na orientação do estudo remetendo-nos para outros títulos e fontes para consultar.

Partindo desses estudos, selecionamos três bibliotecas fundamentais para contactar com a bibliografia necessária: Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto e a Biblioteca Municipal de Espinho. A pesquisa nos catálogos foi realizada a partir de palavras-chaves, que incluem os topónimos dos lugares, as invocações das Nossas Senhoras, palavras relacionadas com a temática religiosa, temas e nomes de autores que foram referenciados nas obras consultadas previamente.

Na Biblioteca Pública Municipal do Porto a pesquisa foi em-linha, tendo muitos dos documentos disponíveis *online*, mas também tivemos que consultar uns tantos outros presencialmente. O recurso aos estudos de Viriato Capela⁸ sobre as Memórias Paroquiais de 1758 do Distrito do Porto, assim como dos Distritos de Aveiro e Coimbra foram recorrentes, além de consulta local de Jornais como o *Jornal dos Carvalhos* e a *Revista Mea Villa*, apenas com alguns números disponíveis.

O levantamento nas restantes bibliotecas foi destinado à bibliografia geral para contextualização do tema. O acesso aos estudos académicos e obras publicadas que tratam temáticas semelhantes servem como objeto de comparação, muita das vezes, mas também como apoio para desenvolver a investigação.

Arquivos

No que diz respeito aos arquivos, destacamos o Arquivo Nacional Torre do Tombo por disponibilizar em-linha a Crónica do Mosteiro de Grijó⁹, obra fundamental para desenvolver o nosso estudo.

Outros arquivos estiveram na nossa consideração como o Arquivo Histórico Municipal do Porto, no qual obtivemos acesso a uma planta de 1884 com a indicação da construção da via pública, além disso funciona como uma fonte importante para a

⁸ CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique. Co-autor; BORRALHEIRO, Rogério, co-autor. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património. Portugal nas memórias paroquiais de 1758*; volume 5. Braga, 2009

CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique. Co-autor; BORRALHEIRO, Rogério, co-autor. *As Freguesias do Distrito de Aveiro e Coimbra nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património. Portugal nas memórias paroquiais de 1758*; volume 7. Braga, 2011

⁹ CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma.* 1634.

cartografia e apresentação de elementos essenciais ao nosso estudo como a Capela de Nossa Senhora de Fontes. Também no Arquivo Histórico Municipal de Vila Nova de Gaia, em-linha, tivemos acesso a várias licenças de obras que nos dão informações cartográficas dos locais em estudo.

O Arquivo Distrital do Porto consta da nossa consulta sobre as diversas Confrarias que existiram/existem nas capelas e altares das Igrejas Matrizes.

Repositórios e Bases de Dados *Em-Linha*

Além dos documentos consultados presencialmente ou em-linha, alguns sítios também se destacam pela qualidade de documentação acessível. Assim, o Repositório Aberto da Universidade do Porto, o Repositório Institucional da Universidade da Católica Portuguesa e o *Internet Archive* surgem como sítios de bases de dados de acesso livre por nós consultados.

Os dois primeiros serviram para o acesso a trabalhos académicos e artigos publicados relativamente ao tema, de uma forma genérica, servindo para contextualizar e entender melhor as questões sociológicas e culturais, como desenvolver temas específicos. Para esse efeito, nas nossas pesquisas recorreremos ao uso de palavras-chaves.

O *Internet Archive* proporcionou o acesso a obras por nós procuradas, como a documentação de época, sendo exemplo o *Santuário Mariano*¹⁰. Neste sítio pesquisamos apenas a documentos mencionados em trabalhos mais recentes.

O Repositório Institucional da Universidade da Católica Portuguesa é aqui destacado por nos ter fornecido um dicionário com termos utilizados na História da Igreja¹¹. Este dicionário é uma ferramenta fundamental no nosso trabalho, utilizado d forma recorrente como ferramenta auxiliar ao longo da sua realização.

¹⁰ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]

¹¹ **AZEVEDO**, Carlos Moreira (Dir.). *Dicionário d História Religiosa de Portugal*. Centro de Estudos d História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Volume 1 a 4. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

Efetuamos ainda uma pesquisa exploratória na plataforma *em-linha Google Books*, mas esta não se mostrou muito útil para a nossa investigação, sendo que os mesmos documentos encontrados estão disponíveis na íntegra no *Internet Archive*.

Levantamento Cartográfico e Iconográfico

A principal fonte para levantamento cartográfico está disponível em-linha no Arquivo Histórico Municipal do Porto através do uso da plataforma *Gisaweb*. Como já referido, através das licenças de construção ou obras nas vias-públicas é que temos acesso às capelas e cruzeiros que existiam ou ainda existem nos lugares.

As fotografias por nós encontradas, também neste arquivo, são muito poucas e não contem elementos fundamentais para o tema. Assim, serão usadas como documentação secundária e em casos excepcionais, sem grande importância por não relevarem dados importantes para a investigação.

Por fim, usufruímos muito da ferramenta *Google Maps* que permite que possamos capturar imagem do terreno e também panorâmicas, sendo alguns essenciais para mostrar alguns lugares antes de obras.

Trabalho de Campo e Registo Fotográfico

O trabalho de campo mostrou-se uma fonte imprescindível para desenvolver o nosso estudo. Através do nosso contacto com os objetos conseguimos abrir novas abordagens e também confrontar com a documentação que fomos recolhendo.

Assim, o nosso trabalho de campo teve duas fases. Uma primeira destinada a percorrer todas as ruas da freguesia, exceto a freguesia de Argoncilhe, a fim de fazer o levantamento fotográfico dos elementos religiosos como os cruzeiros, vias-sacras e *alminhas*, ambos instrumentos de sacralização do território, mas também outros objetos que interessam para o estudo que acabamos por não abordar. E numa segunda fase visitamos os interiores das capelas e igrejas que nos foram permitidos para fazer novamente o registo fotográficos do que ainda existe.

Utilizamos mapas impressos da ferramenta *Google Maps* com a marcação e localização dos edifícios a registar. Nota-se que alguns destes objetos não se encontram registados na ferramenta *Google Maps*, sendo mais uma razão para este trabalho de

campo ser feito. Ainda existe muito património disperso nesta área geográfica que não é conhecida. Também nos fizemos acompanhar por um caderno de apontamentos com o intuito de registar questões, descrever situações ou objetos que nos pareceram pertinentes para desenvolver a investigação.

Este nosso contacto com os objetos alertou-nos para a necessidade de executar uma salvaguarda destes lugares e os seus objetos que poderão desaparecer. A falta de conhecimento não permite a salvaguarda e a sua ausência de registo acaba por se tornar uma lacuna para a história. Incentivados por esta questão, fizemos um levantamento fotográfico mais exaustivo de todos os elementos que encontramos e achamos urgente registar enquanto se encontram em bom estado ou ainda permanecem no espaço. Assim, em apêndice não só dispomos em tabelas os elementos que foram usados neste trabalho, como também registamos os outros elementos que poderão ser alvo de investigação em outros estudos posteriores.

Organização de Informação: Tabelas

Para a organização da informação recorremos ao uso de tabelas. Em apêndice encontra-se o inventário dos objetos encontrados através do trabalho de campo com as informações disponíveis, mas iremos explicar os seus campos.

Optamos por elaborar tabelas em vez de inventários porque o nosso intuito inicial não incidiu sobre a inventariação exaustiva destes elementos. Aachamos que para fazermos inventários os campos teriam de ser mais detalhados, sendo que o que trazemos neste trabalho prende-se mais com a necessidade de registo urgente destes elementos e salvaguarda dos mesmos do que realizar um inventário pormenorizado que requeria outras metodologias.

Assim, as nossas tabelas encontram-se organizadas por freguesias. A tabela sobre as *alminhas* é composta por cinco campos, o primeiro é para o registo fotográfico denominado de *Imagem*, a *Localização* para identificar a rua em que estão inseridas, o *Tema* que é representado, a *Caracterização* onde registamos detalhes e o material dos objetos e por último a *Datação* sendo este campo preenchido no caso de estar registado a data. A tabela dos Cruzeiros segue a mesma estrutura, porém trocamos o campo *Tema*

pela *Utilização* destinado a registrar qual a função dos cruzeiros no lugar onde se encontram.

A terceira tabela é dedicada a outros edifícios fotografados no território e a quarta ao registo das imagens de Nossa Senhora porque queríamos agrupar todas estas imagens presentes nas freguesias. Não obstante elas também estejam registadas nas tabelas executadas para cada capela ou igreja, gostaríamos de tornar mais acessível e organizada as informações sobre estas imagens, também para contabilizar quantas imagens de Nossa Senhora encontramos. Assim, temos os campos *Imagem* para o registo fotográfico, *Invocação* para designar o culto, *Capela/Igreja* para indicar a sua localização, *Material* que foram esculpidas, *Datação* este campo só será preenchido quando existir um pré-estudo na sua datação ou termos documentado a sua encomenda, sendo possível balizar uma época e, por último *Observações* para o caso de querermos deixar notificação ou dispor a fonte que nos permitiu datar a imagem.

Outras tabelas que estarão disponíveis em anexo serve apenas de registo do nosso trabalho de campo, sendo que muitos poucos desses objetos serão referidos ao longo do trabalho, no entanto, como já referimos e, agora, reforçamos queremos que esses objetos fotografados possam estar disponíveis para trabalhos futuros ou para o caso de desaparecerem que estes se encontrem documentados. Os campos que seguimos nestas tabelas secundárias corresponde aos campos utilizados na tabela dos Cruzeiros para documentar elementos no território e para o interior das capelas e igrejas usamos os campos da tabela das Nossas Senhoras.

Revisão Bibliográfica

O estudo que procuramos desenvolver, evidencia-se como uma tema novo nesta área geográfica que trazemos para investigação. Delineamos uma abordagem que se prende pelo cruzamento de fontes impressas e estudos posteriores para podermos aplicar esse conhecimento no território estudado. Ressalvamos que o trabalho de campo também é uma fonte imprescindível para esta investigação, sendo que muitas vezes só através de elementos que encontramos no território nos foi permitido continuar esta investigação com mais segurança.

Deste modo, tornam-se essenciais duas obras para o estudo deste território: a *Crónica do Mosteiro de Grijó*¹², de Marcos da Cruz no século XVII, e o *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas*¹³, de Frei Agostinho de Santa Maria do século XVIII. Ambas fontes primárias, importantes para o estudo de época no que diz respeito a reforma do mosteiro de Grijó a partir do século XVI. As informações disponíveis permitem conhecer os lugares, os edifícios e as imagens que estariam nas capelas e igrejas antes das transformações dos séculos posteriores. Apesar de serem fontes datadas dos séculos XVII e XVIII, referem-se muitas vezes a momentos anteriores, tornando-se fontes únicas no nosso estudo. Em ambas as obras procuramos referências ligadas às capelas de culto mariano e a força da sua devoção por todo o território, materializando-se nas várias procissões e crenças em milagres e aparições.

A primeira por se tratar de uma crónica eclesiástica preocupa-se, primeiramente, com a glorificação do passado de uma Ordem. Esse carácter de enaltecimento de um mosteiro ou ordem, está bem patente nesta obra limitando-se a contar a história dos Cónegos Regrantes do Mosteiro de Grijó desde a Fundação à Reforma. Porém, não podemos entender esta fonte sem perceber o contexto em que se insere. Numa época da Restauração da Independência, em que as antigas ordens religiosas necessitavam de mostrar a sua importância¹⁴ como resposta as novas ordens religiosas e também salvaguardar a sua existência. Interessa-nos, sobretudo, retirar informação sobre as reformas ou edificação de capelas feitas por alguns Piores do Mosteiro.

O *Santuário Mariano*, datado entre 1707 a 1723, analisamos os volumes cinco e sete. Dedicado à inventariação de espaços sagrados dedicados ao culto mariano com a

¹² **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634.

¹³ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. [Em-linha]. Disponível em: <https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1>

¹⁴ **COSTA**, Marta Sofia. *A Construção da memória como instrumento de legitimação do presente: em torno da Crónica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó de D. Marcos da Cruz (século XVII)*. Dissertação no Mestrado em História e Património (Mediação Patrimonial). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Setembro, 2016. P. 56

existência de imagens milagrosas. Todavia, muitas das informações presentes não foram recolhidas por Frei de Agostinho de Santa Maria, mas sim por religiosos locais. Desta forma, ao utilizarmos esta fonte, assim como a crónica, é importante cruzar com outros estudos de época ou posteriores. Por outro lado, é uma fonte essencial por sistematizar os relatos de aparições e milagres importantes para a evolução do culto mariano, assim como, descrever detalhadamente, em alguns casos, as capelas.

O interesse por estudos hagiográficos e da religiosidade em geral, surge com maior força em Portugal a partir da década de 80¹⁵ do século XX, sendo o estudo das fontes escritas ainda um trabalho em evolução no campo dos estudos académicos. Como trabalhos académicos destacamos os artigos do Professor Carlos Ferreira de Almeida¹⁶, um dos pioneiros no que respeita os estudos sobre a religiosidade popular e ao culto mariano, apresentam-se como estudos pioneiros no que respeita a estes temas por território português. Estes estudos são fontes ricas para o entendimento dos espaços e a sacralidade no que respeita a aspetos sociais e geográficos. Também os artigos do Professor Manuel Joaquim Moreira da Rocha¹⁷ por serem estudos dedicados à época moderna, destacando o artigo *Construção de Capelas pela irmandade do Senhor dos Passos – Uma via crúis no espaço urbano* que se refere às vias-sacras no espaço urbano, permitindo-nos compreender melhor este fenómeno.

¹⁵ **ROSA**, Maria de Lurdes. *Historiografia da santidade no século XXI: percursos prévios, problemáticas atuais: balanço e reflexão*. Revista Lusitânia Sacra. 28 (Julho-Dezembro 2013) 215-237. P. 225

¹⁶ **ALMEIDA**, Carlos Alberto Ferreira de. *Senhora da Abadia*. Revista Etnográfica: Museu de Etnografia e História, vol. 2, tomo 2, nº4. Abril, 1964.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *O culto da Nossa Senhora, no Porto, na época moderna: perspectiva antropológica*. Porto: [s.n.], 1979.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Religiosidade popular e ermidas. Religiosidade Popular. Studium Generale: Estudos Contemporâneos*. Porto. Nº 6 (1984).

¹⁷ **ROCHA**, Manuel Joaquim Moreira da. *Construção de Capelas pela irmandade do Senhor dos Passos – Uma via crúis no espaço urbano*. Separata da Revista POLIGRAFIA 1. Edição do Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1992.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da. *Dirigismo na produção da imaginária religiosa nos séculos XVI-XVIII: as Constituições Sinodais*. Separata da revista Museu – IV, série nº5, 1996

Também os trabalhos mais recentemente divulgados no âmbito académico como dissertações de mestrado¹⁸ e teses de doutoramento¹⁹ são referências indispensáveis ao nosso trabalho. Através destas não só podemos entender contexto histórico e realidades em outros sítios, como também perceber e contextualizar o culto mariano e a sua expansão. Os estudos de Raquel Brochado Teixeira o *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*, e da Maria Madalena Loureiro dos Santos, *Penafiel – Cruzeiros e Alminhas. Subsidio para um inventário*, são dois exemplos que abordam os elementos dispersos pelo território como as *alminhas* e os *cruzeiros*.

Outros dois trabalhos que destacamos, um da autoria de Susana Abreu *A Docta Pietas ou a Architectura o Mosteiro de S. Salvador também chamado Santo Agostinho da Serra (1537-1692)* – e o trabalho de Celso Francisco dos Santos – *A Architectura do Mosteiro de S. Salvador de Grijó 1574 – 1636* – são duas obras atuais sobre o tema do Mosteiro de Grijó e a Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.

As mesmas serviram para retirar referências a outras obras que consultamos para a realização desta investigação.

Apesar dos trabalhos já referidos trabalharem o tema e objetos similares aos nossos, sentimos a necessidade de consultar obras com um carácter mais geral de contexto histórico²⁰.

¹⁸ **ABREU**, Susana Matos. *A Docta Pietas ou a Architectura o Mosteiro de S. Salvador também chamado Santo Agostinho da Serra (1537-1692)*. Mestrado em História de Arte em Portugal, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1999.

TEIXEIRA, Raquel Brochado. *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010.

SANTOS, Maria Madalena Loureiro dos. *Penafiel – Cruzeiros e Alminhas. Subsidio para um inventário*. Relatório de Estágio do Mestrado em História da Arte portuguesa apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2017.

SANTOS, Celso Francisco dos Santos. *A Architectura do Mosteiro de S. Salvador de Grijó 1574 – 1636*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Volume I e II. Porto, 1988.

¹⁹ **RESENDE**, Nuno. *Fervor & Devoção: património, culto e espiritualidade nas ermidas de Montemuro : séculos XVI a XVIII*. Tese de doutoramento em História da Arte Portuguesa. Porto, 2011.

²⁰ **CHAVES**, Luís. *Portugal Além. Notas Etnográficas*. Vol. 1. Edições Pátria. Gaia – Portugal.

CHAVES, Luís. *A Arte Popular. Aspectos do Problema*. Biblioteca Popular do Instituto Port. De Arqueologia, História e Etnografia. Portugalense Editora. 2ª Edição, Porto, 1959.

OLIVEIRA, P. Miguel de. *As Paroquias rurais portuguesas. Sua origem e formação*. União Gráfica, 1950, Lisboa.

A obra de José Mattoso *Portugal Medieval. Novas Interpretações*, assim como os artigos mencionados de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, ajudaram-nos a entender a importância da hierarquização dos lugares, como as comunidades viviam os espaços e a necessidade de criar lugares para o culto.

Os estudos de Luís Carlos Amaral²¹ e de Inês Amorim²² surgem com a finalidade de entender mais sobre os territórios geridos pelo Mosteiro de Grijó e, também, conhecer mais sobre a ordem monástica. São duas obras que estudam momentos diferentes da gestão dos territórios que pertenceram ao Mosteiro de Grijó, sendo fundamental para enquadrar aspetos históricos locais.

Recorremos também às monografias locais das Freguesias de Serzedo e Perosinho²³. Estes estudos baseiam-se na sistematização de documentos que comprovem a antiguidade da paróquia, porém, indicam-nos documentos disponíveis em arquivos ou fontes fundamentais para o nosso estudo. No entanto, a obra *Perosinho. Apontamento para a sua monografia do Presbítero José Ribeiro de Araújo é importante* por ser muito mais descritiva referindo algumas mudanças e existências de objetos que sacralizavam o espaço como cruzeiros.

Além disto, não podemos deixar de incluir os dois estudos de José Viriato Capela²⁴ são fontes de carácter estatístico nas quais existia um questionário, destinado aos Párocos,

OLIVEIRA, P. Miguel de. *História Eclesiástica de Portugal*. Edição Revista e Actualizada. Editor Europa-América, 1994.

MATTOSO, José. *Portugal Medieval. Novas Interpretações*. Volume 8. Círculo de Leitores.

RODRIGUES, Ana Maria S. A. *A Formação da rede paroquial no Portugal medievo*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

²¹ **AMARAL**, Luís Carlos. *São Salvador de Grijó na Segunda Metade do Século XIV. Estudo de gestão agrária*. Edições Cosmos, Lisboa, 1994.

²² **AMORIM**, Inês. *O Mosteiro de Grijó. Senhorio e Propriedade: 1560-1720 (formação, estrutura e exploração do seu domínio)*. Da Autora, Braga, 1997.

²³ **ARAUJO**, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980

COUTO, Manuel António Pereira. *A freguesia de S. Mamede de Serzedo – Contributos para o estudo dos seus limites na Época Moderna*. Instituto de História Moderna. Junta de Freguesia de Serzedo. Porto, 2006.

COSTA, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Mamede de Serzedo – A propósito do milénário da sua Igreja*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Serzedo, 2000

COSTA, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Salvador de Perosinho*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Junta de Freguesia de Perosinho, 2000.

²⁴ **CAPELA**, José Viriato; **MATOS**, Henrique. Co-autor; **BORRALHEIRO**, Rogério, co-autor. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património. Portugal nas memórias paroquiais de 1758; volume 5*. Braga, 2009

de cada Paróquia de forma a dar a conhecer o que tinham. Usamos, porém, este documento salvaguardando que por vezes as informações pelos Párocos fornecidas podiam não ser as que corresponderiam à realidade. Desta forma, podemos usar esta fonte para retirar informações, sobretudo no que respeita os cultos, romarias e aspetos geográficos, mas sempre tendo presente que não se trata de uma fonte absoluta como outra qualquer. E por isso, que durante o nosso trabalho manteremos sempre a comparação entre várias fontes de época e estudos atuais. A partir da diferença entre apresentada na documentação podemos delinear uma ideia mais autêntica porque nos apresenta vários pontos de vista não só de quem escreve, mas também do seu tempo. Além disso, o nosso trabalho de campo permitiu que o registro e a observação feita por nós trouxessem novas abordagens nesta investigação.

O nosso estudo parte das marcas dedicadas ao culto mariano que ainda hoje vemos no território, contudo, sentimos a necessidade de recorrer a obras que tratam algumas questões históricas como a criação de redes paroquiais, a História Eclesiástica em Portugal e fontes relativas a devoções populares, para podermos enquadrar os nossos objetos no seu tempo e entender não só o lado sociológico que carrega nos nossos dias, mas também entender questões administrativas e jurídicas que achamos fundamentais na contextualização e entendimento da edificação de capelas, cultos e objetos que se espalham pelo território.

Capítulo 1. – A ordem monástica do Mosteiro de Grijó: Da Fundação à Reforma do Mosteiro de Grijó

Dedicado a S. Salvador do Mundo, encontramos localizado em Grijó parte do que foi o mosteiro da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho antes da extinção

CAPELA, José Viriato; **MATOS**, Henrique. Co-autor; **BORRALHEIRO**, Rogério, co-autor. *As Freguesias do Distrito de Aveiro e Coimbra nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património. Portugal nas memórias paroquiais de 1758*; volume 7. Braga, 2011.

das ordens religiosas masculinas em 1834. No entanto, esta casa monástica teve início noutra lugar, perto do atual, conhecido por Murraceses²⁵.

Foram os irmãos Guterre e Ausindo Soares quem fundaram, em 922, um mosteiro familiar, onde nos surge pela primeira vez na documentação o título de S. Salvador do Mundo após as obras realizadas para o aumento da igreja. Essas obras foram custeadas pelo sobrinho dos fundadores, Soeiro Fromarigues que em 1093 solicitou ao Bispo D. Crescónio de Coimbra²⁶ a consagração da nova igreja.

Nada restou do primitivo mosteiro, apenas as indicações presentes na documentação. Assim, trataremos de direcionar este capítulo para a análise da igreja, como elemento fundamental para o seu estudo.

O couto de Grijó e a sua jurisdição foram doados pela rainha D. Teresa em maio de 1128 aos religiosos daquele primitivo mosteiro²⁷. Em 1132, um ano após a fundação de Santa Cruz, o mosteiro de Grijó adquiriu a regra de Santo Agostinho, sendo confirmada canonicamente em 1135 quando D. João Peculiar e o seu sobrinho D. Fr. Pedro Rabaldis chegaram ao mosteiro, atestando a posse da regra e do hábito dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, também conhecidos por crúzios²⁸.

Um ano depois D. João Peculiar saiu do mosteiro para se tornar bispo do Porto. É com esta ascensão a Bispo do Porto que o mosteiro sairá beneficiado:

“(…) o bispo isentou o convento de Grijó e seus coutos, da jurisdição episcopal, e lhe deu outros muitos privilégios, que confirmou quando foi feito arcebispo de Braga, e fazendo com que fossem (como foram) confirmados pela curia romana, por bullas apostólicas de Innocencio II em 1139; Lucio II, em 1144; Eugenio II, em 1148; e , finalmente, Celestino IV, em 1195.”²⁹

²⁵ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 21

²⁶ **COSTA**, António Carvalho da. *Corografia Portugueza e Descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal*. Officina de Valentim da Conta Deslandes, Lisboa, 1706-1712. P. 169-171

CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 21

²⁷ **LEAL**, Pinho. *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. 1873. P.323

²⁸ **LEAL**, Pinho. *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. 1873. P. 323

²⁹ **LEAL**, Pinho. *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. 1873. P. 323

Após a isenção que D. João Peculiar, enquanto Bispo do Porto e, posteriormente, Arcebispo de Braga, cedeu ao mosteiro livrando-o da jurisdição episcopal seguido por outros vários privilégios, ocorreu um período de guerra pelo poder. Tendo o Bispado do Porto sido alargado às Terras da Feira, os bispos de Coimbra opuseram-se por não quererem perder as grandes rendas que obtinham a partir destas terras. A persistência dos bispos de Coimbra levou que esta *guerra* durasse 56 anos, e que quatro Papas criassem quatro bulas contra os bispos “fulminando as duas ultimas interdictos; e excomunhões contra os desobedientes para que os bispos largassem a sua preza”³⁰.

Por causa destas bulas, os priores do mosteiro de Grijó serão autorizados a usar as “insígnias pontificaes, bago e mitra, nas festas solemnes, trazer cruz peitoral e anel como os bispos e conferir ordens menores”³¹.

Em 1536 os cónegos de Grijó mudam-se para a Serra de Quebrantões (Serra do Pilar) junto da cidade do Porto³². Não tardou que alguns dos cónegos quisessem regressar a Grijó. Na verdade, ao longo desta mudança, o mosteiro nunca ficou completamente vazio, permanecendo alguns dos cónegos mais velhos. Todavia o descontentamento com o novo lugar era visível. Queixavam-se de não haver quem venerasse os seus mortos e que o novo sítio era pouco habitado³³.

Entre 1564 a 1566 os bens do Mosteiro de Grijó e de Vila Nova são separados, ficando o mosteiro de Grijó com o padroado de S. Mamede de Serzedo, S. Salvador de Perosinho e S. Salvador de Grijó³⁴, núcleos antigos que faziam parte da diocese do Porto. Antes da mudança estes lugares já pertenciam ao mosteiro de Grijó, sendo a concentração desses núcleos primitivos em torno das “igrejas de Serzedo, Perosinho, Argoncilhe, Grijó”³⁵. Na *Crónica do Mosteiro de Grijó* da autoria de D. Marcos da Cruz é referida uma carta do Bispo de Coimbra D. Miguel Salomão datada em 1162 que confirma que o

³⁰ LEAL, Pinho. *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. 1873. P. 323

³¹ LEAL, Pinho. *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. 1873. P. 323

³² AMORIM, Inês. *O Mosteiro de Grijó. Senhorio e Propriedade: 1560-1720 (formação, estrutura e exploração do seu domínio)*. Da Autora, Braga, 1997. P. 17

³³ MORIM, Inês. *O Mosteiro de Grijó. Senhorio e Propriedade: 1560-1720 (formação, estrutura e exploração do seu domínio)*. Da Autora, Braga, 1997. P. 23

³⁴ MORIM, Inês. *O Mosteiro de Grijó. Senhorio e Propriedade: 1560-1720 (formação, estrutura e exploração do seu domínio)*. Da Autora, Braga, 1997. P. 55

³⁵ MORIM, Inês. *O Mosteiro de Grijó. Senhorio e Propriedade: 1560-1720 (formação, estrutura e exploração do seu domínio)*. Da Autora, Braga, 1997. P.55

mosteiro usufruía de jurisdição eclesiástica desde pelo menos 1137, altura em que o Bispado do Porto já se teria estendido pelas terras de Santa Maria da Feira³⁶. Com efeito, o mosteiro já possuiria o padroado das igrejas acima mencionadas desde a doação de Elvira Nunes em 1132³⁷.

1.1 - A igreja do Mosteiro de Grijó

Nos nove séculos em que o mosteiro esteve ativo, pouco do que terá sido chegou até nós, sendo possível apenas contemplar a igreja, transformada em igreja matriz da freguesia de Grijó, o claustro ainda visitável com os seus espaços e algumas dependências privadas que estão dentro da velha cerca. Atualmente, o Mosteiro de Grijó encontra-se classificado como IPP (Imóvel de Interesse Público), desde 22 de março de 1938³⁸.

É durante o século XVI o mosteiro será alvo da reforma por parte de Fr. Brás de Braga.

Em 1572 o mosteiro recebe a nova planta feita por Francisco Velasquez e em 1609 iniciaram-se as obras de pedraria, sendo o lançamento da primeira pedra na capela-mor em 1612³⁹. As obras continuam pelo século XVII, acontecendo em 1624 a construção do transepto e duas das capelas laterais. No ano de 1633 as últimas quatro capelas que compõem a nave são edificadas⁴⁰, sendo finalizadas a partir de 1636⁴¹.

Como já referido, a nossa abordagem neste trabalho tem como objetivo principal a devoção às imagens de Nossa Senhora, por serem elementos dinamizadores dos lugares e testemunhos ainda hoje vivos de um dos mais fervorosos cultos. Contudo, para além da geral abordagem à organização interior da igreja e dos elementos que a compõem,

³⁶ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma.* 1634. P. 130

³⁷ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma.* 1634. P. 142

³⁸ Decreto n.º 28 536, DG, I Série, n.º 66, de 22-03-1938. P. 587

³⁹ **SANTOS**, Celso Francisco dos Santos. *A Arquitectura do Mosteiro de S. Salvador de Grijó 1574 – 1636.* Dissertação de Mestrado em História da Arte. Volume I e II. Porto, 1988. P. 38-40

⁴⁰ **SANTOS**, Celso Francisco dos Santos. *A Arquitectura do Mosteiro de S. Salvador de Grijó 1574 – 1636.* Dissertação de Mestrado em História da Arte. Volume I e II. Porto, 1988. P. 38-42

⁴¹ **SANTOS**, Celso Francisco dos Santos. *A Arquitectura do Mosteiro de S. Salvador de Grijó 1574 – 1636.* Dissertação de Mestrado em História da Arte. Volume I e II. Porto, 1988. P. 44

entendeu-se relevante proceder a uma análise mais minuciosa da totalidade das imagens religiosas que se encontram nos altares e capelas da igreja e, neste caso, não só de Nossa Senhora.

Assim, foi possível relacionar algumas das imagens com a história da comunidade religiosa deste mosteiro de Grijó. Salvaguardamos, no entanto, que se tratam de relações hipotéticas, resultando de uma leitura realizada ao longo da consulta da documentação referenciada, a qual nos deu a possibilidade de teorizar estas relações entre as imagens e o poder da Ordem.

A igreja é composta por nove altares, o que dificulta o acompanhamento da análise dos mesmos. Optámos por utilizar a planta desenhada pela Helena Raimundo⁴² (fig. 1) para simplificar essa abordagem. Para além de ser perceptível e exequível o acompanhamento através da planta, optamos por atribuir aos altares, lugares e objetos de interesse uma designação que permitirá mais facilmente a leitura durante a análise. Vamos recortar uma parte da planta da autoria de Helena Raimundo, disponibilizando em volume d apêndices o original e as nossas alterações⁴³.

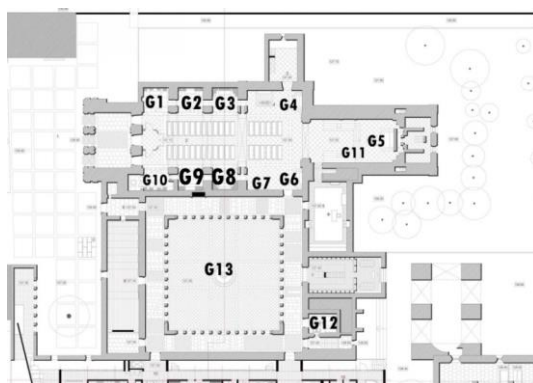


Fig. 1 - Planta de Helena Raimundo. Legenda colocada por nós, 2018

⁴² ARCHIPRIX PORTUGAL. Reabilitação do Mosteiro d São Salvador de Grijó. Escola Superior Artística do Porto. [Em Linha]. Consultado a 23 de agosto às 22:16. Disponível em: [http://www.archiprix.pt/national/index.php?project=3764]

⁴³ Disponível em: Apêndices 2, 2 – Documentos Usados de outros, alínea 3 - Planta de Helena Raimundo. ARCHIPRIX PORTUGAL. Reabilitação do Mosteiro d São Salvador de Grijó. Escola Superior Artística do Porto. [Em Linha]. Consultado a 23 de agosto às 22:16. Disponível em: [http://www.archiprix.pt/national/index.php?project=3764]. P. 265

Observando a planta acima representada, designamos os locais em análise entre G1 a G13. Não estão só identificados os altares, mas também a localização de imagens, nomeadamente o G7 e o G11 que não se encontram circunscritas em nenhum altar ou capela, sendo possível entender a sua localização através da planta e ao longo da análise reconhecê-las através dos registos fotográficos realizados em trabalho de campo. O G13 trata-se do claustro que será referenciado ao longo da análise de outros altares, pelas relações com as imagens que estão aí representadas em azulejo; e ainda o G12 que se refere à capela onde se encontra o túmulo de D. Rodrigo Sancho. Este último será referido na análise do altar da Nossa Senhora do Amparo por analogias, como demonstraremos.

A nossa análise inicia-se do lado do Evangelho, junto do nártex e termina no lado da Epístola, novamente na capela junto do nártex. Sempre que necessário haverá um cruzamento entre altares e imagens para uma mais completa contextualização e comparação.

1.1.1 – A capela de S. Caetano, Capela de S. Luzia e Capela de Santo António

A primeira capela (fig. 2, G1), que nos surge do lado do Evangelho, contém a imagem identificada como S. Caetano (fig. 3) e surge na documentação apenas nas Memórias Paroquiais de 1758⁴⁴.



Fig. 2 – Altar dedicado a S. Caetano. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 3 – Pormenor do Altar dedicado a S. Caetano. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

⁴⁴ **CAPELA**, José Viriato; **BORRALHEIRO**, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Colecção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009.

São Caetano de Thiene [1480-1547] foi o fundador da Ordem dos Clérigos Regulares aprovada pelo Papa Clemente VII em 1524⁴⁵. Trata-se de “una asociación de sacerdotes que se han propuesto vivir como los apóstoles, en la pobreza absoluta y sustentándose com las limosas que no pueden mendigar”⁴⁶. Morreu em agosto de 1547 e em 1629 era beatificado pelo Papa Urbano VIII e mais tarde, canonizado em 1671 pelo Papa Clemente X⁴⁷.

Tem como atributos o livro, o lírio e o Menino Jesus nos braços. Este último relacionado com a aparição da Virgem e da sua entrega do Menino Jesus a São Caetano, enquanto rezava fervorosamente diante da Sagrada Família na Basílica de Santa Maria Maior em Roma⁴⁸. No entanto, na imagem do mosteiro de Grijó nota-se a ausência do Menino, assim como de um elemento na mão direita, ostentando somente o livro. É representado jovem e com o hábito preto de sacerdote⁴⁹, também elementos comuns na sua iconografia.



Fig. 4 - Altar dedicado a Santa Luzia. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 5 - Pormenor do Altar dedicado a Santa Luzia. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

⁴⁵ MUELA, Juan Carmona. Iconografía de los Santos. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 79

⁴⁶ MUELA, Juan Carmona. Iconografía de los Santos. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P.79

⁴⁷ MUELA, Juan Carmona. Iconografía de los Santos. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P.80

⁴⁸ MUELA, Juan Carmona. Iconografía de los Santos. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P.80

⁴⁹ MUELA, Juan Carmona. Iconografía de los Santos. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P.80

Na capela sequente (fig. 4), no nicho principal observamos a imagem de Santa Luzia (fig. 5) ladeada pelos cinco mártires de Marrocos. Porém, aplicando a devida atenção, depreendemos a presença de seis figuras franciscanas. Sugestivamente poderia tratar-se do sexto frade menor que não chegou a partir na sua missão por ter adoecido ou, então, de Santo António envergando o hábito da ordem de São Francisco. No entanto, observando os símbolos que os identificam como mártires, nenhum deles comporta elementos atribuídos a Santo António. Consequentemente, colocamos a hipótese da imagem central à esquerda se tratar de São Francisco de Assis.

Ainda nesta capela é a imagem de Santa Luzia que se destaca no nicho central ladeada pelos mártires de Marrocos, tratando-se de um culto presente, pelo menos, desde das primeiras décadas do século XVII no mosteiro. Antes de 1634 já o culto seria relevante pelos bens associados à capela descritos na crónica de D. Marcos da Cruz, granes e guiões de prata da confraria de Santa Luzia⁵⁰. A imagem é, novamente, referida nas Memórias Paroquiais de 1758⁵¹.

Os seus atributos são a coroa, palma, espada e os olhos sobre uma bandeja⁵². Este último, atributo mais identificável na sua representação gerou algumas questões, porque Santa Luzia morrera com uma espada atravessada na garganta⁵³. Até ao século XVI acreditava-se que ela teria arrancado os seus olhos, porém confirma-se que houve uma confusão com uma monja da ordem de Santo Domingo que enviou os seus olhos a um pretendente⁵⁴. Devido a este equívoco, Santa Luzia, invocada contra as enfermidades

⁵⁰ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 312v-313

⁵¹ **CAPELA**, José Viriato; **BORRALHEIRO**, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Coleção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009.

⁵² **MUELA**, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 292

⁵³ **MUELA**, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 292

⁵⁴ **MUELA**, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 292

dos olhos, passava a ter o seu atributo explicado como um símbolo “de concentración espiritual, de se interior, y no como el recuerdo de un episodio real de su vida”⁵⁵

Nesta capela, Santa Luzia é representada com a coroa, a bandeja com os seus olhos e a palma.

Por último, a capela (fig. 6) com a imagem de Santo António (fig. 7), vestido com o hábito da ordem dos Cónegos de Santo Agostinho, uma das figuras mais importantes para “a pregação popular renovada no princípio do século XIII”⁵⁶ a par com a figura Frei Paio de Coimbra. Como atributos, observam-se na imagem os lírios, símbolo da pureza, o livro e o menino Jesus.



Fig. 6 - Altar dedicado a S. António. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

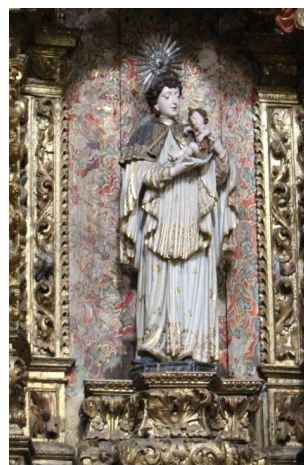


Fig. 7 - Pormenor do Altar dedicado a S. António. Na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Até ao momento, nenhuma da documentação consultada refere a existência de um altar dedicado a Santo António, não sendo possível delimitar a presença do seu culto na igreja do mosteiro de Grijó. Contudo, a presença de uma imagem sua é justificada pela sua vida. Santo António nasceu em Lisboa, onde aderiu à ordem dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho no mosteiro de São Vicente de Fora. Alguns anos depois foi

⁵⁵ MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 293

⁵⁶ MATOSSO, José. *Portugal Medieval – Novas Interpretações*. Volume 8. Círculo de Leitores, 2002. P. 87

transferido por sua vontade para Coimbra, onde teve contacto com os cinco mártires menores que, em Grijó, ladeiam a imagem de Santa Luzia⁵⁷. Estes frades menores foram decisivos para a decisão de Santo António de ingressar na ordem de São Francisco em 1221⁵⁸, alterando o seu nome de Fernando para António depois da chegada das relíquias dos mártires a Santa Cruz de Coimbra⁵⁹.

Depois de permanecer algum tempo em Espanha embarcou para Marrocos a fim de conseguir o seu martírio, pregando contra os muçulmanos⁶⁰. Acabou por não chegar a Marrocos devido a uma doença e o seu barco foi desviado por uma tempestade para Sicília, onde contactou com São Francisco. Deste recebeu ordens para exercer a pastoral em várias cidades de Itália e de França⁶¹. Durante os anos que se seguiram é documentado que Santo António concedeu muitos milagres. Morreu em Pádua, cidade que é padroeiro, sendo canonizado em 1232 é pelo Papa Gregório IX⁶².



Fig. 8 – Paineis de Azulejo com a Figura de Santo António no claustro do mosteiro de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

⁵⁷ MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 34

⁵⁸ MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 34

⁵⁹ BRANDÃO, Fr. António (1632). *Quarta Parte da Monarchia Lusytana: Que contem a Historia de Portugal desdo tempo del Rey Dom Sancho Primeiro, até todo o reinado del Rey D. Afonso III*. [S.l.]: Pedro Craesbeck, impressor del rey. P. 102-102v

⁶⁰ MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 34

⁶¹ MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 34

⁶² MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 35

Uma das características de interesse na imagem de Grijó, que por sua vez justifica a sua presença, é o facto de Santo António ser representado com o hábito branco, entendido se recordarmos a sua passagem pela ordem dos cônegos Regrantes de Santo Agostinho. No entanto, no claustro (fig. 8, G13) surge vestido com o hábito dos franciscanos.

São várias as fontes que se referem a um dos fatores primordiais para o êxito da Ordem, como por exemplo a “matéria pastoral, (...) que exerce um papel determinante na modelação do clero secular das cidades e das paróquias de zonas de povoamento, e no apoio à vida religiosa mais extremista”⁶³ Não só os mártires de Marrocos como Santo António dedicaram parte da sua vida à pregação, sendo este um aspeto em comum entre eles e a ordem dos Cônegos de Santo Agostinho:

“Não podemos deixar de ver neste facto o resultado da preocupação pastoral desenvolvida em Coimbra pelos regrantes e de a situar exatamente no momento em que o Santo António vivia em Santa Cruz. A crise disciplinar que por essa altura se deu no mosteiro e que parece estar directamente relacionada com a mudança de vocação religiosa do nosso Santo (Santo António), só podia ter estimulado ainda mais as suas preocupações pastorais e a sua inquietação perante um mundo de mudanças e conflitos”⁶⁴

1.1.2 - O Altar da Nossa Senhora do Amparo

|Chegando ao transepto encontramos o Altar dedicado a Nossa Senhora do Amparo. Surge na crónica de D. Marcos da Cruz⁶⁵ relacionada com os bens da sua confraria. É novamente mencionada no Santuário Mariano⁶⁶, sendo esta uma fonte

⁶³ MATOSSO, José. *Portugal Medieval – Novas Interpretações*. Volume 8. Círculo de Leitores, 2002. P. 87

⁶⁴ MATOSSO, José. *Portugal Medieval – Novas Interpretações*. Volume 8. Círculo de Leitores, 2002. P. 177

⁶⁵ CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 317v

⁶⁶ SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 499-501. [Em-linha]. Disponível em: <https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1>

essencial para entender o culto e, por último, nas Memórias Paróquias de 1758⁶⁷ apenas referenciada a existência da imagem na igreja de Grijó.



Fig. 9 – Altar da Nª Sra. do Amparo. Localizado no transepto da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

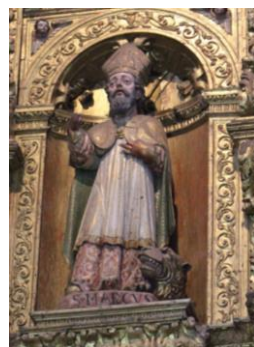


Fig. 10 – S. Marcus no Altar da Nª Sra. do Amparo. Localizado no transepto da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Este altar (fig. 9, G4) é composto pela imagem de S. Marcos (fig. 10) no nicho superior, representado com uma indumentária semelhante de um papa ou bispo. Segundo a tradição, S. Marcos foi discípulo de S. Pedro e foi enviado como bispo para Alexandria⁶⁸, acabando por morrer e ser sepultado na igreja daquele lugar⁶⁹. Possivelmente apresenta-se representado vestido como um bispo pela referência ao cargo que ocupou na cidade de Alexandria. Além da presença do seu nome, também é identificado pelo seu atributo mais comum, o leão. Teria algum objeto na mão direita que achamos tratar-se de um báculo tanto pela posição da mão como pelas vestes.

No nicho central temos o tema do Calvário (fig. 11). Ainda conseguimos ver nas extremidades a imagem do Sagrado Coração de Jesus e uma Nossa Senhora.

Antes de iniciarmos a análise mais pormenorizada do culto a esta Nossa Senhora do Amparo (fig. 12), queremos deixar referido que este altar teria outra composição em 1758, sendo referido que além da imagem da Nossa Senhora do Amparo existia uma outra

⁶⁷ CAPELA, José Viriato; BORRALHEIRO, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Coleção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009.

⁶⁸ MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 300

⁶⁹ MUELA, Juan Carmona. *Iconografía de los Santos*. Edição Básica de Bolsillo, Editor Akal, S..A., 2008. P. 30

do Senhor da Agonia. Desta forma, podemos considerar que as imagens dispostas neste altar serão posteriores ou provenientes de outro lugar.

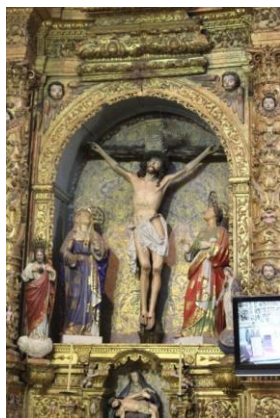


Fig. 11 - Calvário no Altar da Nª Sra. do Amparo. Localizado no transepto da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 12 - Nª Sra. do Amparo no Altar da Nª Sra. do Amparo. Localizado no transepto da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Agora, para podermos entender o culto a Nossa Senhora do Amparo no mosteiro de Grijó teremos de referir alguns aspetos ligados à fundação do mosteiro para entendermos que esta imagem, referenciada por existir na primitiva igreja⁷⁰, esteve presente num dos períodos que mais marcou a história do mosteiro como de Grijó.

Desde da fundação o mosteiro e os seus religiosos assumem um papel dinamizador do território, mantendo estreitas relações com a realeza. Assim, como as marcas no território, as imagens e as fontes escritas são testemunhos das relações entre a ordem dos cónegos regnantes de Santo Agostinho de Coimbra, a nobreza e a realeza.

Antes de se unir a Santa Cruz de Coimbra em 1132, o primitivo mosteiro familiar já pertencia a uma das famílias nobres do norte do país e, por volta de 1093, faziam parte do grupo de cavaleiros que o rei protegia⁷¹:

⁷⁰ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 499. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

⁷¹ **SANTOS**, Celso Francisco dos Santos. *A Arquitectura do Mosteiro de S. Salvador de Grijó 1574 – 1636*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Volume I e II. Porto, 1988. P. 14

“Ao grupo de cavaleiros que o rei protegia faltava apenas a identificação com um modelo de vida religiosa claramente caracterizado e autóctone. O seu dinamismo tem um evidente paralelo com a força, a juventude e aquilo que talvez se possa exprimir como autoconfiança dos cavaleiros, afonsinos. É a conjugação destes elementos de origem dispersa, mas que servem os interesses de um grupo de nobres em ascensão, que explica o rápido sucesso dos cónegos regantes por volta dos anos 1131 a 1160. (...) em 1132 aderiu ao movimento o mosteiro de Grijó, protegido por Nuno Soares (...)”⁷²

Em 1131, ano da fundação de Santa Cruz de Coimbra, Afonso Henriques transfere a corte de Guimarães para Coimbra⁷³. Foi nesta cidade que originou algumas das linhas principais para o futuro reino, contando com muitos intelectuais, entre os quais se destacam D. João Peculiar, D. Telo e S. Teotónio. Esta é a instituição “que dará expressão clara ao sentimento da autonomia nacional pondo-a em relação com a expansão territorial cuja responsabilidade atribui ao rei. A deslocação da corte e a sua associação com Santa Cruz são factos de projecção importantes à formação de Portugal”⁷⁴.

Claro que a consciência nacional é formada de muitos componentes, porém, as ordens religiosas e a elite intelectual que se formava em Santa Cruz foram fulcrais na difusão da cultura e possivelmente agentes decisivos para a nacionalidade no século XIV⁷⁵. E foi neste meio cultural que Afonso Henrique procurou apoio para as suas campanhas ao sul do país saindo vitoriosos.

No decurso do século XIII Grijó foi palco de acontecimentos que marcaram a história do mosteiro e local. A morte de D. Rodrigo Sanches tornará esta ordem monástica insigne desde a sua morte até à atualidade. Atualmente não é possível desvincular o mosteiro à morte de D. Rodrigo Sanches.

Numa das capelas do claustro, atualmente, encontramos o túmulo mandado fazer pela sua irmã D. Constança Sanches⁷⁶. No entanto, quando faleceu o seu corpo foi

⁷² MATOSSO, José. *Portugal Medieval – Novas Interpretações*. Volume 8. Círculo de Leitores, 2002. P. 160

⁷³ MATOSSO, José. *Portugal Medieval – Novas Interpretações*. Volume 8. Círculo de Leitores, 2002. P. 85-86

⁷⁴ MATOSSO, José. *Portugal Medieval – Novas Interpretações*. Volume 8. Círculo de Leitores, 2002. P. 85-86

⁷⁵ MATOSSO, José. *Portugal Medieval – Novas Interpretações*. Volume 8. Círculo de Leitores, 2002. P. 93

⁷⁶ LEAL, Pinho. *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. 1873. P. 324

sepultado aos pés do altar da Nossa Senhora do Amparo, na época conhecida como Santa Maria ou N. Sra. da Capela⁷⁷ a pedido da sua irmã. A escolha desse lugar dever-se-á à devoção que D. Constança Sanches teria à Virgem:

“(…) no anno de 1263 fazendo áquelle Mosteiro huma doação a Infante D. Constança Sanches, filha del Rey Dom Sancho o I dos direytos Reaes (…) com obrigação de huma missa quotidiana no Altar de Santa Maria, & que ella mandára fazer, ou augmentar & ao pé do mesmo Altar da Senhora estava sepultado seu irmão Dom Rodrigo Sanches. De onde depois os Conigos daquela casa o tresladarão para outra sepultura mais nobre, & alta em a Capella mór, daquille insere, que a Imagem da Senhora era muyto venerada em aquella casa, pois por devoção da Senhora se mandou sepultar o Infante ao pé do seu Altar.”⁷⁸

O túmulo construído para receber o corpo de D. Rodrigo de Sanches, que esteve na capela-mor do lado do Evangelho, após ter estado no altar da Nossa Senhora do Amparo foi movido para o claustro em 1626⁷⁹.

Colocamos a questão relativamente à localização desse altar no século XIII, porque podia constar noutra parte da igreja, anterior ao seu lugar atual. O que chegou até nós traduz-se, em grande parte, nas obras iniciadas no século XVII. Em 1636 o coro da capela-mor foi derrubado permitindo a continuação das capelas laterais⁸⁰, seria para a construção das capelas do transepto? O coro estendia-se até ao cruzeiro? Ou será que o coro foi demolido para construir capelas laterais na capela-mor já não existentes ou nunca erguidas? Sem documentação que posa esclarecer estas dúvidas, avançaremos o nosso trabalho deixando em aberto a localização da primitiva capela.

⁷⁷ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma.* 1634. P. 91

⁷⁸ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora.* Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 499-499v. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

⁷⁹ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma.* 1634. P. 91

⁸⁰ **SANTOS**, Celso Francisco dos Santos. *A Architectura do Mosteiro de S. Salvador de Grijó 1574 – 1636.* Dissertação de Mestrado em História da Arte. Volume I e II. Porto, 1988. P. 45

Também a imagem poderá não ser a mesma do século XIII porque só temos a descrição do que existia no século XVIII⁸¹, sendo uma imagem pequena, cerca de 3 palmos em pedra:

“(...) o manto formado da mesma pedra se vê pintado de azul, semado de flores de ouro, & a túnica de cor cinzenta, está sentada com o Santíssimo Filho Author da nossa vida defunto em seus braços, aonde se vê ao mesmo Senhor, que para que a tivéssemos verdadeyra, sacrificou a sua.”⁸²

1.1.3 - Capela-mor

A capela-mor (fig. 13) encontra-se revestida com azulejos provenientes das obras de 1624⁸³ e do retábulo construído a partir das obras de 1633⁸⁴.

No altar-mor encontramos a imagem de Santo Agostinho no lado do Evangelho, justificada a sua presença por ser patrono da ordem. Tem na sua mão direita um coração em chamas, atributo simbólico que alude ao Amor Divino que lhe terá incendiado o coração, conforme o diz nas suas “Confissões”.

Do lado da epístola localiza-se a imagem de São Teotónio um dos fundadores do Mosteiro de Santa Cruz e considerado o primeiro santo português. Estas duas imagens já são mencionadas no altar em 1758⁸⁵.

⁸¹ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. [Em-linha]. Disponível em: <https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1>

⁸² **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 500-501. [Em-linha]. Disponível em: <https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1>

⁸³ **SANTOS**, Celso Francisco dos Santos. *A Arquitectura do Mosteiro de S. Salvador de Grijó 1574 – 1636*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Volume I e II. Porto, 1988. P. 38-42

⁸⁴ **SANTOS**, Celso Francisco dos Santos. *A Arquitectura do Mosteiro de S. Salvador de Grijó 1574 – 1636*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Volume I e II. Porto, 1988. P. 38-42

⁸⁵ **CAPELA**, José Viriato; **BORRALHEIRO**, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Colecção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009.



Fig. 13 - Altar da capela-mor na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 14 – Nossa Senhora localizada na capela-mor na igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Também nesta capela temos num plinto com a imagem da Nossa Senhora (fig. 14) que analisaremos posteriormente em relação a outra capela circunscrita na nave.

1.1.4 - O Altar da Nossa Senhora das Dores

Novamente no transepto, no lado da epístola, observamos o altar (fig. 16, G6) com a imagem da Nossa Senhora das Dores. Trata-se de uma imagem de vestir que não é mencionada em 1758⁸⁶, sendo apenas referidas as imagens do *Ecce Homo* e São João.

Atualmente, localizado perto deste altar, disposto num plinto (G7) vê-se a imagem do *Ecce Homo* (fig. 15), que possivelmente ocuparia o lugar com a imagem da Nossa Senhora das Dores.

No nicho superior do altar (fig. 17, G6) temos uma imagem que não conseguimos identificar. É referido nas Memórias Paroquiais de 1758⁸⁷ a existência da imagem de São João (fig. 18) que encontramos no nicho inferior.

⁸⁶ CAPELA, José Viriato; BORRALHEIRO, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Coleção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009.

⁸⁷ CAPELA, José Viriato; BORRALHEIRO, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Coleção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009.



Fig. 15 – *Ecce Homo* perto do Altar da N^a Sra. das Dores. Igreja de Grijó. Na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 16 - Altar da N^a Sra. das Dores. Igreja de Grijó. Na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Este santo apresenta-se vestido da mesma forma que S. Marcos, localizado no altar da Nossa Senhora do Amparo. Tem como atributo um templo e na mão direita certamente teria outro objeto. Na base conseguimos identificar algumas letras, mas não conseguimos entender o que está escrito.



Fig. 17 - Altar da N^a Sra. das Dores. Igreja de Grijó. Na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 18 - Altar da N^a Sra. das Dores. Igreja de Grijó. Na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

1.1.5 - O Altar da Nossa Senhora do Rosário e a Imagem da Nossa Senhora da Cera

Agora, analisaremos as capelas do lado da Epístola que se encontram na nave. Depois da imagem do *Ecce Homo* (fig. 15), temos a capela (fig. 19) com a imagem de

Nossa Senhora de Rosário (fig. 20). A imagem que hoje se encontra ao centro foi mandada fazer ao escultor Manoel de Almeyda, escultor da Cidade do Porto⁸⁸



Fig. 19 – Altar da Nª Sra. do Rosário.
Igreja de Grijó na freguesia de Grijó.
Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 20 – Pormenor do Altar da Nª Sra. do
Rosário. Igreja de Grijó na freguesia de Grijó.
Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Foi fundada em 1716 a irmandade do Rosário em honra da Nossa Senhora do Rosário, sendo o “Prelado daquele Mosteyro o Reverendo Padre Dom Antonio de Santa Helena, & elle foy o que lhe confirmou os estatutos”⁸⁹ com festividade no “primeyro Domingo de Mayo, a que chamão da Rosa”⁹⁰. Todavia, antes da instituição da irmandade, este altar pertencia à imagem da Nossa Senhora da Cera:

“A Imagem antiga da Senhora da Cera por muyto antiga devia o tempo fazer nella, o q os muytos tempos costumão; e por não estar já capaz de se expor à veneração da gente, a recolherião, & mandarião então outros devotos fazer a Imagem da Senhora do Rosário, à qual se instituhio a nova confraria referida; & assim debayxo da proteção da Senhora

⁸⁸ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 501-504. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

⁸⁹ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 501-504. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

⁹⁰ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 501-504. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

do Rosário se conservão hoje naquela Capella da Senhora as duas Irmandades, que ficão ditas”⁹¹

Temos, no entanto, uma outra Nossa Senhora⁹² na capela-mor que acreditamos tratar-se da antiga imagem que se venerava nesta capela. Achamos que terá sido alvo de restauros e como já existia uma nova imagem, a da Nossa Senhora do Rosário, então, a Nossa Senhora da Cera terá sido exposta no plinto.

Na altura da mudança das imagens, a Nossa Senhora da Cera terá perdido toda a sua devoção, mas podemos ver semelhanças entre as duas nas vestes e também na representação. Até à data não sabemos que invocação terá nos nossos dias esta imagem, ficando apenas uma sugestão. Também na documentação não nos cruzamos com nenhuma descrição como é habitual acontecer no *Santuário Mariano*⁹³, sendo apenas reforçado a devoção que existia pela Nossa Senhora do Rosário:

“Toda a devoção, que antigamente se tinha com a milagrosa Imagem da Senhora da Cera, se tem hoje com a Imagem de nossa Senhora do Rosário; a esta Senhora recorrem todos em suas necessidades, & apertos,& a misericoriosa May de Deos a todos enche de favores, & beneficios, & não só aos moradores daquela Freguesia, mas a todos os das circunvisinhas; está esta Senhora continuamente fazendo beneficios, & favores a todos, como o estão publicando os innumeraveis signaes delles, como são cabeças, braços, peytos, corações, & outras memorias de cera, & mortalhas, que enchem aquella Capella da Senhora: costumão as mulheres daquelle destrito trazerem todos os dias Sanctos à Senhora ramalhetes de cravos, & rosas, & das mais flores, que crião nas suas hortas, & quintaes por todo o discurso do anno.”⁹⁴

⁹¹ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 503-504. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

⁹² Ver figura 110

⁹³ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

⁹⁴ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 504. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

1.1.6 - O Altar do Santíssimo Sacramento e o Altar de S. Sebastião

Sequentemente temos a capela com uma imagem de vestir de Cristo (fig. 21). Esta capela é referida em 1758⁹⁵ dedicada ao Santíssimo Sacramento. Já tinha confraria no século XVII, referida na crónica do mosteiro de Grijó no que respeita a sua participação em várias procissões:

“Foi muito rica em seu princípios; e ai tem peças de prata, e de talha muito ricas feitas nesse tempo. Concorrem as suas esmolos para ella esta freguesia de Grijó a de Cermonde, a de Perosinho a de Cerzedo e a de Nogueira. Faz 3 procissões em cada anno uma noite de quinta feira santa, q vai fora com muitos disciplinantes (...) Outra no Domingo do Paroelo q se faz pela caustra do mosteiro com festas (...) A terceira se faz na Dominga infra octavam corpori Christi, q é a mais solene q costuma sair fora pelo ferreiro deste mosteiro com muita festa de várias danças, Serpe e S. Christovam, e por costume antiquíssimo desde Couto vai nesta Procissam Rey e Imperidor; os quais dois anos sam desta freguesia de Grijo, outro da de Perosinho e outro da de Cerzedo (...) Algum tempo fazia outra procissão no dia da Circumciçam, em cujo Lugar se intituio a de quinta Feira de indoenças no anno de 1609. Também se faz procissão nas terceiras Domingas do mês pelas claustras deste mosteiro, o q teve principio no anno de 1607 (...)”⁹⁶

E a última capela é dedicada a S. Sebastião (fig. 22), um dos santos mais cultuados contra a peste, sendo já referida em 1758⁹⁷. Representado no momento após ter enfrentado o imperador Diocleciano. “El emperador le entrega a los arqueiros, que l desnudan y lo acribillan a flechas.”⁹⁸ Retratado seminu, jovem e atado a um tronco com flechas espetadas e rosto erguido para o céu, como atributos principais deste santo.

⁹⁵ **CAPELA**, José Viriato; **BORRALHEIRO**, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Coleção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009.

⁹⁶ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 315v - 317

⁹⁷ **CAPELA**, José Viriato; **BORRALHEIRO**, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Coleção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009.

⁹⁸ **MUELA**, Juan Carmona. *Iconografía Cristiana*. Guía básica para estudantes. Colección Fundamentos nº 148, 1998. P. 82



Fig. 21 – Pormenor do Altar na Capela do Santíssimo Sacramento. Igreja de Grijó, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 22 - Pormenor do Altar na Capela do S. Sebastião. Igreja de Grijó, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

A partir da análise realizada aos altares distribuídos na igreja parece-nos tratar-se de um programa encomendado para a nova igreja do mosteiro, não estando, atualmente, composto como era devido a algumas mudanças referidas ao longo da análise. Decerto, importava sobretudo escolher invocações que fossem de acordo com os santos mais cultuados pela ordem e também mais promovidos pela reforma da igreja católica depois do Concílio de Trento. Estas representações, possivelmente, também funcionariam como símbolos de poder que a Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho queria transmitir.

Este é um tema que neste trabalho não nos é possível abordar com mais profundidade, sendo apenas referenciado como linhas iniciais para um estudo posterior. Além das imagens de vulto, todos os altares são compostos por painéis que apoiam as narrativas em volta de cada tema.

Ao longo dos territórios que iremos analisados, a presença das marcas seja em capelas, igrejas ou elementos dispersos de apoio aos ritos religiosos, são formas de demonstração do poder por parte dos cónegos do mosteiro de Grijó.

Capítulo 2 – A memória do Monte Murado

O território será alvo de ocupação ao longo do tempo, cumprindo as funções necessárias à população nas diferentes épocas. A memória do topónimo Monte Murado

perpetuou-se até aos nossos dias, sendo já referido em vários os documentos desde o século X.

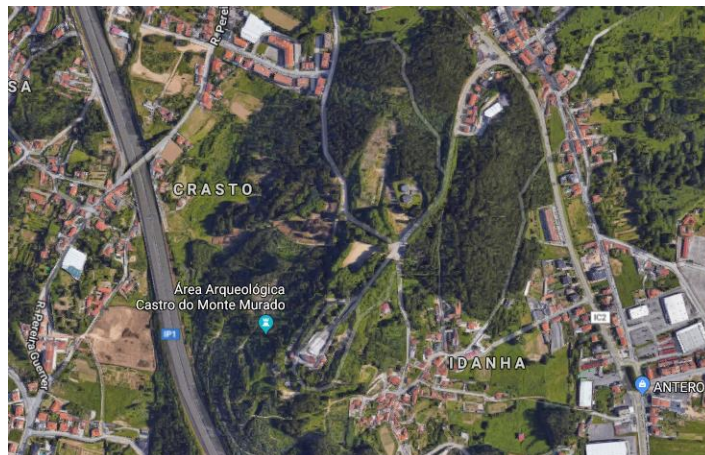


Fig. 23 - Monte Murado atual localização do Santuário da Nossa Senhora da Saúde. Print tirado a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018

Este monte, também designado por Monte da Nossa Senhora da Saúde, torna-se um lugar de culto, segundo o que apurámos a partir do século XX, entre as décadas de 50 e 60 culminado com as Aparições de Fátima. Contudo, a devoção a Nossa Senhora da Saúde inicia-se na segunda metade do século XVI pouco depois da expansão do culto de S. Sebastião e S. Roque, continuando até ao século XIX e sobrepondo-se a estes dois santos sucessivamente⁹⁹.

É a partir do estudo de Tiago Carmo¹⁰⁰ que começamos a analisar este local. Remontaremos aos séculos IX e X quando a edificação de uma fortificação terá impacto no território, sendo o seu entendimento fundamental para percebermos as ligações das várias gerações ao Monte Murado.

2.1. Espaço entendido como fronteira/defesa: As Fortificações

A implantação de fortificações fazia parte de um processo de defesa na época da Reconquista, evidente nos territórios recentemente reconquistados. Inseriam-se nas

⁹⁹ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Religiosidade popular e ermida. Religiosidade Popular - Studium Generale: Estudos Contemporâneos*. Porto. Nº 6 (1984). P. 77

¹⁰⁰ CARMO, Tiago João Alves. *Os castelos no Baio-Ferrado (séc. X- XIII) - Contributo para o estudo dos sistemas defensivos na Orla Litoral a Sul do Douro*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Setembro de 2016.

*civitas*¹⁰¹ de Santa Maria criadas por volta do século IX, servindo como fronteira contra os mouros¹⁰² e como ponto de vigia da antiga estrada romana que ligava o Porto a Coimbra. Protegiam o território organizado ao longo deste eixo viário, pois as populações ficavam perto da via e também das fortificações mantendo a ocupação¹⁰³.

Quando falamos de fortificações, referimo-nos aos “primeiros castelos que seriam estruturas muito rudimentares, implantadas sempre em zonas onde a morfologia do terreno facilitava a sua construção”¹⁰⁴. Também Carlos Alberto Ferreira de Almeida refere que a documentação de vendas e doações de propriedades, pelos tempos da Reconquista, eram muitas vezes referidos com os termos «castros» ou «montes»¹⁰⁵. É neste contexto que surge o Monte Murado.

Desde o século X são vários os documentos a ele referentes designando-o também como *Castro Petroso* e *Mons Petroso*. Certamente que os locais elevados sempre foram eleitos para a implantação de fortificações, apesar de, neste caso, as altitudes não ultrapassarem valores entre 250-270 m¹⁰⁶. O Monte da Nossa Senhora da Saúde, *Castro Petroso*, é uma das maiores elevações do Concelho de Vila Nova de Gaia e conseguia atingir uma área de vigia superior às restantes elevações¹⁰⁷. Em 1983 foram encontrados vestígios de muros de possíveis habitações, de um povoado primitivo, rodeado por

¹⁰¹ As *civitates* foram criadas no século IX e correspondia na época visigótica a uma delimitação em torno de cidades fortificadas e normalmente sedes de bispado. Informação disponível em **CARMO**, Tiago João Alves. *Os castelos no Baio-Ferrado (séc. X- XIII) - Contributo para o estudo dos sistemas defensivos na Orla Litoral a Sul do Douro*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Setembro de 2016. Página 23

¹⁰² **CARDOSO**, P. Luiz. *Diccionario Geografico*, escrito ao Rey D. João V. Tomo I. Lisboa, 1747. P. 13

¹⁰³ **CARMO**, Tiago João Alves. *Os castelos no Baio-Ferrado (séc. X- XIII) - Contributo para o estudo dos sistemas defensivos na Orla Litoral a Sul do Douro*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Setembro de 2016. P. 23-32

¹⁰⁴ **CARMO**, Tiago João Alves. *Os castelos no Baio-Ferrado (séc. X- XIII) - Contributo para o estudo dos sistemas defensivos na Orla Litoral a Sul do Douro*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Setembro de 2016. P. 32

¹⁰⁵ **CARMO**, Tiago João Alves. *Os castelos no Baio-Ferrado (séc. X- XIII) - Contributo para o estudo dos sistemas defensivos na Orla Litoral a Sul do Douro*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Setembro de 2016. P. 32

¹⁰⁶ **AMORIM**, Inês. *O Mosteiro de Grijó. Senhorio e Propriedade: 1560-1720 (formação, estrutura e exploração do seu domínio)*. Da Autora, Braga, 1997. P. 30

¹⁰⁷ **CARMO**, Tiago João Alves. *Os castelos no Baio-Ferrado (séc. X- XIII) - Contributo para o estudo dos sistemas defensivos na Orla Litoral a Sul do Douro*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Setembro de 2016. P. 67-68

muralhas que ultrapassavam os três quilómetros de perímetro numa intervenção arqueológica da responsabilidade de Armando Coelho da Silva¹⁰⁸.

Além do Monte Murado gostaríamos, referimos também o *Mons Petrosino*, que surge na documentação a partir do século XII. Assim, como Tiago Carmo, também nós acreditamos tratar-se da freguesia de Perosinho, possivelmente localizado no lugar atualmente indicado de Crasto dado que seria próximo do Monte de Pedroso. Podia tratar-se de uma elevação com uma altitude sensivelmente mais baixa e, por isso, atribuírem-lhe a designação de Perosinho, visto que partilha com Pedroso a mesma raiz, pedra¹⁰⁹.

2.2. Na encosta do Monte Murado: Capela de Nossa Senhora de Pilar

No lugar de Crasto, pertencente à Freguesia de Perosinho, encontramos a Capela da Nossa Senhora de Pilar¹¹⁰, anteriormente conhecida como Nossa Senhora do Castro/Crasto ou Castelo. O uso do topónimo Castelo está certamente relacionado com a fortificação que existiu no Monte Murado. Os nomes atribuídos às imagens da Virgem são muitas vezes retirados dos locais onde foram encontradas¹¹¹:

“(…) neste monte esteve antigamente huma grande Atalaya, ou Castello, que durou até o tempo em que os Padres da Ordem de São Bento foraõ despojados do Convento de Lorvaõ pelo dar El Rey Dom Affonso o II a suas Irmãs Dona Theresa, & Dona Sancha, convertendo-o em casa de Religiosos de Cister; vendo-se os Padres Bentos despojados daquelle seu illustre Convento, vieraõ a edificar por ordem do mesmo Rey outro Convento em hum sitio, que dista da Cidade do Porto duas legoas, & nelle com a pedra daquelle Castello, que lhe não ficava muyto distante, fizeraõ hum novo Convento, a que impuzeraõ o nome de Pedrozo, alludindo ao Castello que lhe deu a pedra; deste Castello fazem mençaõ muytas doaçoens do Real Convento de Grijò, & de Cazaes que estão em a

¹⁰⁸ CARMO, Tiago João Alves. *Os castelos no Baio-Ferrado (séc. X- XIII) - Contributo para o estudo dos sistemas defensivos na Orla Litoral a Sul do Douro*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Setembro de 2016. P. 58

¹⁰⁹ CARMO, Tiago João Alves. *Os castelos no Baio-Ferrado (séc. X- XIII) - Contributo para o estudo dos sistemas defensivos na Orla Litoral a Sul do Douro*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Setembro de 2016. P. 112

¹¹⁰ A partir daqui iremos chamar à Capela de Nossa Senhora de Crasto/Castro ou Castelo de Nossa Senhora do Pilar para um melhor entendimento.

¹¹¹ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Senhora da Abadia*. Revista Etnográfica: Museu de Etnografia e História, vol. 2, tomo 2, nº4. Abril, 1964

mesma Freguesia de Perusino aonde se vem as confrontações, & em humas diz: *Subtus Castro Pedrozo*, & em outras: *Subtus Crastum Petrosim*.¹¹²

A partir desta citação percebemos que a fortificação apresentava sinais de abandono e ruína. Segundo as lendas transmitidas pelas crónicas, no período da reconquista esteve sob a proteção de Maria e, por isso muitos locais apresentava a sua imagem. Temos como exemplo a imagem da Senhora da Vandoma colocada sobre a porta com o mesmo nome na cidade do Porto. Conforme a tradição, a armada saiu pela porta onde a imagem se encontrava e, como venceram os mouros na libertação da *Civitas Virginis*, a vitória foi atribuída à intercessão de Nossa Senhora. Os locais que recebiam estas imagens eram considerados sagrados gerando crenças similares a esta¹¹³.

Assim, a relação da imagem com a fortificação parece-nos plausível e a sua transladação para uma nova morada ter-se-á dado posteriormente, aproximando o culto e a imagem das povoações¹¹⁴ no primitivo núcleo denominado Crasto.

A Capela de Crasto já surge documentada no ano 1320 pelo “catalogo de todas as Igrejas, Comenas, Mosteiros existentes nesse anno nos reinos de Portugal e dos Algarves, fala já d’essas capellas nestes termos: «A igreja de Castro e a de Sirgueiros são ermitanias do mosteiro de Pedroso»¹¹⁵.

¹¹² SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 517-517v [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]

¹¹³ CARDOSO, Luis. *Portugal Sacro-profano*. 1767. P. 275 [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/portugalsacropro03carduoft].

¹¹⁴ SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 517-518 [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]

¹¹⁵ ARAUJO, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 115-116



Fig. 24 - Cruzeiro encostado do lado sul da Capela de Nª Sra. do Pilar. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017



Fig. 25 – Cruzeiro no arraial em frente da Capela de Nª Sra. do Pilar. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

A sua implantação inseria-se num lugar elevado e isolado (fig. 23)¹¹⁶. Nos inícios do século XX esse sítio era arborizado e com cruzeiros¹¹⁷, referido como um lugar fresco devido às árvores que envolviam a Capela¹¹⁸ desde o século XVIII. Atualmente este local encontra-se inserido na urbanização da freguesia de Perosinho, estando rodeado por habitações, mas ainda preserva o seu arraial e três cruzeiros de uma antiga via-sacra. Esse percurso processional partia da igreja paroquial e terminava na capela. Por volta da década de 80 do século XX, muitas cruzeiros de pedra encontravam-se danificadas¹¹⁹, restando, hoje, apenas três, com duas localizadas perto na capela e uma na rua Nossa Senhora do Pilar (fig. 24, 25 e 26).

¹¹⁶ Nesta vista aérea conseguimos perceber a localização da Ermida e a sua distância do Monte Murado fragmentado pela autoestrada.

¹¹⁷ **ARAUJO**, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 242

¹¹⁸ Muitos dos documentos entre o século XVII a XIX referem-se às capelas como ermidas. Porém, achamos melhor tratar destes edifícios por capelas para um melhor entendimento.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 517-518 [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

¹¹⁹ **ARAUJO**, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 122-123



Fig. 26 - Cruzeiro na Rua da Nossa Senhora do Pilar. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Os dois topónimos, Crasto e Castelo, surgem associados à imagem da Nossa Senhora de Crasto, na invocação de Nossa Senhora da Assunção¹²⁰. Apesar de ser um culto muito devoto noutros países, é entre os séculos IX e X que esta devoção a Nossa Senhora da Assunção entra na liturgia hispânica “Nos fins do séc. IX ou princípios do X, a Assunção entra também na liturgia hispânica, sendo, com excepção do calendário Vigilano, já mencionada por todos os calendários peninsulares, inclusive pelos de Córdova, de Leão e de Ripoll e pelos Emilianense e Silanse I, todos do séc. X”¹²¹. A festividade provocou uma decadência do culto anterior associado à da Maternidade Divina que se fazia no dia 18 de dezembro, mas em Portugal esta festividade manteve-se conservada até ao século XVI¹²². O documento mais antigo que se refere a Nossa Senhora da Assunção em Portugal data de 20 de agosto de 1011 e pertenceu ao mosteiro de Pedroso¹²³. Percebemos que o culto em Portugal já era forte no século XI, surgindo nos nossos calendários medievais, a par de outras cinco festas, nomeadamente, Purificação, Anunciação, Assunção ou *Dormitio*, Natividade e Expectação ou Senhora do Ó, às quais se juntaram a da Senhora das Neves, no século XIV e, no século seguinte, as da Visitação e Conceição¹²⁴. Este culto

¹²⁰ CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 151v

¹²¹ COSTA, Avelino. *A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média*, 1957. P. 30

¹²² COSTA, Avelino. *A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média*, 1957. P. 30

¹²³ COSTA, Avelino. *A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média*, 1957. P.32

¹²⁴ COSTA, Avelino. *A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média*, 1957.P. 32-33

a Nossa Senhora da Assunção terá mais força após a vitória de Aljubarrota e o número de procissões e solene vigília aumentam passando a ser celebrado a 14 de agosto¹²⁵.

Retomando a análise do lugar de Crasto, é a partir do século XX que a industrialização e a construção da autoestrada criam uma nova abordagem. Enquanto efetuávamos o trabalho de campo, falamos com algumas pessoas e nenhuma fazia referência à capela como sendo dedicada a Nossa Senhora de Crasto, parecendo que esta perdeu tanto a devoção como a importância ao longo do tempo.

A mudança de invocação poderá ter contribuído para o desaparecimento da associação do topónimo à capela, assim como as transformações no território que implicam mudanças nas vivências das populações, desvinculando a relação da Capela com o Monte Murado.

Pelo menos, até 1873¹²⁶ ainda existe a relação entre o topónimo e a capela, sendo ainda referida a Nossa Senhora de Crasto ou Castelo¹²⁷. A partir de 1890 à década de 30 do século seguinte temos notícias relacionadas com a festa no seu arraial, designando a capela por *Capela da Nossa Senhora do Pilar*¹²⁸. Não temos fontes que nos indiquem com exatidão o início da devoção à Nossa Senhora do Pilar, mas é um culto de origem espanhola existente pelo menos desde o século XVII em Portugal¹²⁹.

Por volta de 1960 já se festejava no dia 15 de Agosto a Senhora da Saúde, passando a festa da Nossa Senhora do Pilar, cuja festividade se fazia nesse dia, para o domingo a seguir¹³⁰. Na década de 90 do século XX surgem notícias que indicam a intenção de fazer do Monte Murado um lugar para turismo e devoção à Nossa Senhora da Saúde. Na notícia publicada em 1990¹³¹ a romaria de Nossa Senhora da Saúde é referida

¹²⁵ COSTA, Avelino. *A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média*, 1957. P. 35

¹²⁶ Ano que a obra de Pinho Leal publica *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. Volume VI.

¹²⁷ LEAL, Pinho. *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. 1873. P. 692 – 694

¹²⁸ ARAUJO, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 242

¹²⁹ ABREU, Susana Matos. *A Docta Pietas ou a Architectura o Mosteiro de S. Salvador também chamado Santo Agostinho da Serra (1537-1692). Mestrado em História de Arte em Portugal, Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto, 1999. P.3

¹³⁰ ARAUJO, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 122-123

¹³¹ CRUZ, Manuel, director. *As Festas dos Carvalhos*. *Jornal dos Carvalhos*, IV Série, nº1. 15 de agosto de 1990. P.3

como sendo uma das maiores do norte do País e apelam à necessidade de criar um ambiente turístico. Vejamos a seguinte descrição:

“Nos pequenos espaços dos grandes penedos que circundam o Monte e o seu frondoso arvoredo de grande porto, as mesas e as grutas de granito e agora um restaurado e bem cuidado restaurante (...) Aproxima-se a época de maior afluência de visitantes, não só nacionais como estrangeiros e de entre estes, particularmente ingleses, que depois de uma visita às Caves do Vinho do Porto, ali se deslocam. Embora todo o parque e Santuário sejam de jurisdição privada e eclesiástica, seria bom que os responsáveis pelo Turismo da nossa Cidade e até do País, acarinhasssem um pouco mais (...).”¹³².

Possivelmente, a força por parte da população de transformar este lugar em um Santuário terá contribuído para o enfraquecimento da devoção na Capela de Nossa Senhora do Pilar nos finais do século XX fazendo-se sentir nos nossos dias.



Fig. 27 - Distância entre a Capela de Nª Sra. do Pilar e Sta. Marinha. Print tirado a partir do Google Maps. Alteração feitas por Vera Barbosa, 2018

Outro aspeto que se alterou neste lugar foi o desaparecimento da via-sacra entre a igreja matriz e a capela. A distância entre a igreja matriz de Perosinho e a capela da Nossa Senhora de Pilar é cerca e 400 metros. Percorrermos os caminhos que permitem a ligação entre os dois edifícios, procurando vestígios da antiga via-sacra, porém nenhuma marca foi encontrada.

A comunidade local referiu que a via-sacra que se faz atualmente é em direção à capela de Santa Marinha. Esta última está situada no lugar de Sergueiros e dista da capela da Nossa Senhora do Pilar cerca de 800m¹³³.

¹³² **CRUZ**, Manuel, director. *As Festas dos Carvalhos*. Jornal dos Carvalhos, IV Série, nº10. 15 de maio de 1991. P. 5

Possivelmente colocam cruzes de madeira para indicar o caminho para os ritos religiosos como sucede na freguesia de Grijó.

2.2.1. A Imagem da Nossa Senhora do Pilar

Como mencionado no capítulo anterior foram vários os fatores que contribuíram para a diminuição do culto na capela da Nossa Senhora do Pilar que pesam no desaparecimento na memória da comunidade. Recordemos as principais causas, sendo estas a construção do Santuário da Nossa Senhora da Saúde, a abertura da autoestrada que separa o Monte Murado do lugar de Crasto e o crescimento urbano. Estas transformações necessárias para as civilizações modernas são também meios que enfraquecem as práticas e as crenças.

As questões acima apontadas são pertinentes para entender como durante o século XIX e XX o culto a Nossa Senhora do Pilar foi diminuindo. Todavia, nos séculos anteriores este lugar já fora alvo de mudanças de devoção, sendo que a Nossa Senhora de Crasto, na invocação de Assunção substituída pelo culto a Nossa Senhora do Pilar. Raramente a documentação refere-se à imagem, sendo mais frequente a designação de capela. Este detalhe chamou-nos atenção sobre se a imagem que temos na capela seria a mesma dedicada a Nossa Senhora de Crasto tendo alterando-se apenas o culto.

A partir desta questão vejamos a descrição da imagem no século XVIII: “Esta Santissima Imagem he de **escultura formada em pera**; está **collocada em hum retabolo dourado**, a sua **estatura saõ cinco palmos**, & he muyto perfeyta a manufactura, tem **coroa imperial**, & o Menino resplendor, tudo de prata; ao Menino está **offerecendo a Santissima Mãe o peyto**, que elle toma com muyta graça; toda aquella casa está muyto aceada, & ornada, & até o frontal he de talha dourada.”¹³⁴.

No século XX a imagem é referida como sendo a “Virgem do Pilar que é de **pedra**, de boa esculptura e mede quasi um metro d’alto.”¹³⁵

¹³⁴ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P.518 [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

¹³⁵ **ARAUJO**, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 122-123. Destaque do texto introduzido por nós.

A imagem ao centro do altar-mor trata-se de uma Nossa Senhora, que corresponde à invocação de Nossa Senhora do Pilar e a descrição da imagem no século XVIII permite-nos uma análise da imagem atual (fig. 29). Quando se refere à posição do menino que percebemos não se tratar da mesma imagem. O Menino que tem ao colo carrega um pássaro que acreditamos tratar-se de uma pomba em comparação a imagem que se encontra na sacristia (fig. 28).



Fig. 28 – Imagem da Nª Sra. do Pilar. Sacristia da capela de Nª Sra. do Pilar, no lugar de Crasto. Freguesia de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 29 – Imagem da Nª Sra. do Pilar. Retábulo da capela de Nª Sra. do Pilar, no lugar de Crasto. Freguesia de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

No entanto, existe uma outra imagem que gostaríamos de referir neste debate que se encontra presente na igreja matriz no altar da Nossa Senhora da Lapa. Neste altar encontramos a imagem de Nossa Senhora da Purificação (fig. 30), vulgarmente chamada de Nossa Senhora das Candeias no século XX. Recordando a descrição e comparando-a ao nosso registo fotográfico da imagem da Nossa Senhora da Purificação é possível encontrar semelhanças.

A imagem é em pedra ançã e apesar de não a podermos medir, percebemos que terá pelo menos 1 metro que corresponde aos 5 palmos. Não tem coroa, mas muitas vezes esses objetos, por serem amovíveis, perdiam-se ou estragavam-se. Por último, na transcrição temos referido a oferta da Nossa Senhora ao filho, indicando tratar-se do peito que parece ser o que vemos na mão.

Por outro lado, a Nossa Senhora da Purificação surge inventariada na obra *Nossa Senhora na Arte*, de B. Xavier Coutinho, referindo que esta imagem já tivera, anteriormente, a invocação de Nossa Senhora do Leite, sendo-lhe retirado “o seio por

precaução de decência”¹³⁶ acabando por alterar essa invocação para Nossa Senhora da Purificação. Também o mesmo autor data esta imagem de vulto do século XVII.

Esta informação não descarta a possibilidade da imagem ter estado inicialmente na capela de Nossa Senhora do Pilar sob a invocação de Nossa Senhora de Crasto, no entanto, esta imagem poderá ter estado sempre na igreja matriz. De qualquer das maneiras o que resta da Nossa Senhora de Crasto é um registo na documentação e o lugar de Crasto, estando atualmente pouco preservada na memória da comunidade.

Na documentação consultada, a imagem da Nossa Senhora da Purificação apenas nos surge na igreja matriz referida no ano 1758 disposta no lado da Epístola, lateralmente, juntamente com a imagem de Santo António e Santa Lúzia¹³⁷. Se esta imagem esteve na capela de Nossa Senhora do Pilar, a mudança ter-se-á dado antes do século XVIII, pois, a descrição da imagem que vimos, anteriormente, está disponível no Santuário Mariano¹³⁸ publicado entre 1707 a 1723. Não sabemos quando estas informações foram recolhidas por Frei Agostinho de Santa Maria, mas esta fonte traz uma nova abordagem sobre esta imagem.



Fig. 30 - Nossa Senhora da Purificação, colocada no altar da Nossa Senhora da Lapa na Igreja Matriz de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017



Fig. 31- Nossa Senhora do Pilar de Zaragoza.

¹³⁶ COUTINHO, B. Xavier. *Nossa Senhora na Arte – Alguns Problemas Iconográficos e uma Exposição Marial*. Associação Católica do Porto, 1959. P. 201

¹³⁷ CAPELA, José Viriato; BORRALHEIRO, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Colecção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009. P. 776

¹³⁸ SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. [Em-linha]. Disponível em: <https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1>

Quando os Cónegos Regrantes de Grijó se mudaram para o novo mosteiro na Serra de Quenbratões, atual Serra do Pilar, a principal invocação era a Santo Agostinho, passando posteriormente para a Nossa Senhora do Pilar. Este culto, fora trazido de Lisboa a partir da milagrosa imagem presente no mosteiro de S. Vicente de Fora¹³⁹ sendo o Padre D. Fernando da Cruz uma das figuras importantes para a expansão do culto de Nossa Senhora do Pilar pelo reino¹⁴⁰.

Desta forma, o Prior do Mosteiro da Serra do Pilar, D. Jeronymo da Conceição, teve conhecimento da sagrada imagem da Nossa Senhora do Pilar disposta no mosteiro de S. Vicente de Fora e mandou fazer uma - à imagem da milagrosa - para o Mosteiro da Serra do Pilar, com intuito de todas as províncias entre o Douro e Minho e Trás os Montes ficassem a saber desta invocação. Segundo a tradição, a imagem terá sido enviada para Lisboa, em 1677, para que esta fosse tocada pela imagem milagrosa, regressando ao Porto no ano seguinte¹⁴¹.

A expansão do culto da Nossa Senhora do Pilar por todo o território português não demorou a chegar a Perosinho, um dos territórios explorados pelos cónegos do mosteiro. Esta fonte mostra a difusão do culto a Nossa Senhora do Pilar no seio da ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.

Portanto, o culto na capela de Nossa Senhora do Pilar no lugar de Crasto poderá ter-se alterado entre finais do século XVII e o início do século XVIII e mais uma vez reforça a possibilidade da imagem ter-se mudado para a igreja. Como não temos documentação referente à imagem da Nossa Senhora da Purificação, além de ser referida

¹³⁹ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 5. Lisboa, 1707. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano05sant/page/n5\]](https://archive.org/details/santuariomariano05sant/page/n5)

¹⁴⁰ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 5. Lisboa, 1707-1723. P. 77 [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano05sant/page/n5\]](https://archive.org/details/santuariomariano05sant/page/n5)

¹⁴¹ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 78 [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

a partir de 1758¹⁴², esta suposição relativamente à imagem que estaria nesta capela não passa, então, de uma hipótese.

O culto a Nossa Senhora do Pilar teve origem em Espanha e expandiu-se para Portugal posteriormente. Segundo a tradição, quando Santiago, irmão de S. João Evangelista, percorria a Península Hispânica com a finalidade de evangelizar, ao passar por Zaragoza, perto do rio Ebro, a Nossa Senhora terá surgido sobre um pilar¹⁴³, sendo este um dos elementos que a identifica.

Agora, centremos a nossa análise na imagem presente na capela de Nossa Senhora do Pilar (fig. 29) e comparemos com a da Nossa Senhora do Pilar de Zaragoza¹⁴⁴ (fig. 31). Ambas contêm o mesmo atributo, o Menino que carrega um pássaro. As semelhanças entre as duas imagens são perceptíveis e não deixam dúvidas que a imagem disposta no altar foi encomendada muito provavelmente nos finais do século XVII.

O retábulo da capela-mor é composto por dois painéis, datáveis entre os séculos XVI e XVII, incorporados na talha dourada. Certamente, estes painéis foram encomendados na campanha de obras do Prior D. Vicente. É referido que durante este período se procedeu ao conserto da capela e nada mais¹⁴⁵.

¹⁴² **CAPELA**, José Viriato; **BORRALHEIRO**, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Colecção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009.

¹⁴³ **REBELO**, P. Domingos. *O Culto a Maria na Diocese de Aveiro*. Edição Movimento dos Cruzados de Fátima e Secretariado Diocesano de Aveiro, 1989. P. 111

¹⁴⁴ Imagem disponível em: Pale Ideias. Nossa Senhora do Pilar – Zaragoza- Espanha. Publicado a 15 de março de 2014. [Em-linha]. Disponível em: [<http://farfalline.blogspot.com/2014/03/nossa-senhora-do-pilar-zaragoza-espanha.html>]

¹⁴⁵ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 331v



Fig. 32 – Retábulo na capela da N^a Sra. do Pilar. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

A imagem da Nossa Senhora do Pilar encontra-se disposta no nicho central do altar, ladeada por dois painéis (fig. 32). À esquerda uma pintura de São João Batista, identificável pelos atributos do cordeiro, da cruz com a flâmula que, invés de ter a habitual mensagem *Ecce Agnus Dei*, tem uma cruz vermelha que poderá ser uma referência a Santa Cruz. À direita está representada Santa Lúzia com a bandeja que carrega os olhos e a palma que indica martírio. Desconhecemos a razão pela qual estes santos se encontram na capela-mor da capela da Nossa Senhora do Pilar. Hipoteticamente poderá corresponder a uma época em que a devoção a estes santos se intensifica, contudo, também poderiam ser padroeiros do encomendador, ou de alguém que estivesse envolvido com a ordem direta ou indiretamente.

2.3. A Igreja S. Salvador de Perosinho, Cemitério e o Adro

Até 1132 as terras de Santa Maria, de que fazia parte Perosinho, estiveram sob a jurisdição da Diocese de Coimbra. Nesse ano, o Bispo D. Bernardo concebeu a isenção de jurisdição episcopal ao mosteiro de Grijó nas igrejas de Argoncilhe, Perosinho e Serzedo¹⁴⁶ e também a igreja S. Salvador de Perosinho é reconhecida canonicamente. Deste feito, consta uma epígrafe de mármore encontrada em maio de 1914 colocada na fachada da igreja (fig. 33).

¹⁴⁶ COSTA, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Salvador de Perosinho*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Junta de Freguesia de Perosinho, 2000. P. 23



Fig. 33 – Epígrafe de mármore encontrada em 1914, inserida na fachada da igreja paroquial de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

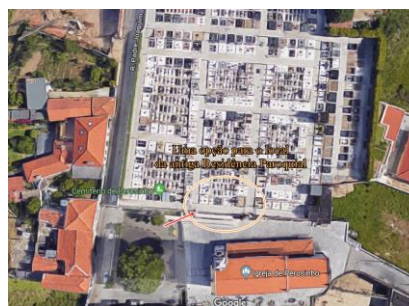


Fig. 34 - Marcação do possível local onde se encontraria localizado a primitiva Residência Paroquial de Perosinho. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018

A norte da igreja encontramos o cemitério iniciado a partir do ano 1890. Ainda em 1833 os mortos eram sepultados na igreja, sendo esta prática proibida por Decreto apenas no ano 1835¹⁴⁷ e, a partir desta altura, esse ritual passou-se a realizar no adro, funcionando, assim, como cemitério provisório.

Em 1867 o adro foi ampliado para norte e para poente. Porém, a Residência Paroquial (fig. 34) permaneceu a norte até 1889. Fora concertada em 1854, mas devido ao seu estado nos finais do século XIX a Junta da freguesia autorizou a sua demolição e construir-se uma nova fora do adro e também por questões de higiene, disponibilizando o antigo lugar para a construção do cemitério¹⁴⁸. O adro continuou por mais um ano a servir de cemitério provisório. A sul do cemitério, encontra-se a torre sineira da igreja construída em 1802¹⁴⁹ (fig. 35) após as novas obras feitas na igreja. O espaço disponível para procissões e sepultamento no adro acabou por ficar reduzido.

¹⁴⁷ “ (...) os enterramentos dentro das igrejas foram prohibidos por Decreto de 21 de outubro e 8 de outubro de 1835, de 3 de janeiro de 1837, e basta de lei de 27 de abril d’esse ano, determinou-se que se estabeleceu Cemiterios publico um todas as freguesias (...)” Informação disponível em: *Obra Municipal de Cemitério de Grijó*. 1875, f. FALTA. Cota: F/09/III/2 - Cx. 12. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner.

¹⁴⁸ **COSTA**, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Salvador de Perosinho*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Junta de Freguesia de Perosinho, 2000. P. 91-93

¹⁴⁹ Ver figura X. Na fachada da igreja, por cima da porta que dá acesso ao templo vemos a data da sua construção.



Fig. 35 - Pormenor da Fachada da Igreja Matriz de Perosinho com a data da construção da nova igreja. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017



Fig. 36 - Muro do lado sul do adro da Igreja de Perosinho com inscrições que indicam velhas sepulturas. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

Ainda restam sepulturas antigas que estavam no adro ou no interior da igreja. O pequeno muro que ladeia a igreja do lado sul é composto por essas antigas sepulturas. Conseguimos identificar algumas inscrições (fig. 36) apesar de se encontrarem danificadas e marcadas pela passagem do tempo.

Além destas alterações e marcas ainda visíveis nas pedras em volta da igreja de Perosinho, também temos um cruzeiro (fig. 38) no adro, junto ao muro do cemitério que foi movido para a sua localização atual em 1912¹⁵⁰.

Este cruzeiro, datado de 1676, foi movido da sua localização anterior, devido à necessidade de se construir um muro destinado à separação entre o adro e o caminho público. Por isso, o cruzeiro estaria situado no local por onde o muro passa. Achamos possível que estivesse alinhado com a igreja como indicação de templo ou lugar sagrado, como vemos acontecer em outras capelas ou igrejas.

¹⁵⁰ **ARAÚJO**, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P.87



Fig. 37 - Capela-Jazigo da família de Manuel Francisco Guedes. Localizada no cemitério de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 38 - Cruzeiro que se encontra no Adro da Igreja Matriz de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

A Junta de Freguesia planeou a construção do cemitério nos terrenos Residência Paroquial e também nos passais. E como a área disponível para as obras era de dimensões reduzidas, pediram a Manuel Francisco Guedes que cedesse uma parte do seu terreno, concedendo-lhe, em troca, um lugar para a construção da sua capela-jazigo (fig. 37) presente no local.

Quanto à igreja, como referido, resulta das obras realizadas em 1802. A primitiva era antecedida por uma galilé e de menores dimensões. É através da visitação de D. Lourenço da Conceição, a 12 de junho de 1741, que percebemos a necessidade de expandir a igreja, à época considerada demasiado pequena para albergar a população desta freguesia¹⁵¹. D. Lourenço da Conceição queixa-se das grades localizadas nos altares laterais como impedimento à acomodação da população, prejudicando também os sacerdotes nas celebrações litúrgicas. Como tal, ordenou a sua remoção num espaço de 15 dias, sendo o não cumprimento desta ordem sujeita a punição¹⁵². Nos finais do século XVIII a igreja foi demolida. No mesmo lugar foi construída uma nova igreja, inaugurada a 1802 como mostra a epígrafe da fachada.

A planimetria da igreja do século XIX é semelhante ao que se encontrava na primitiva, constituída por uma nave e cinco altares em talha dourada. Porém, nem todas

¹⁵¹ Transcrição completa na tabela sobre a Igreja S. Salvador de Perosinho disponível em apêndice.

¹⁵² **ARAÚJO**, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P.72

as imagens que hoje vemos estavam na primitiva igreja, assim, como havia imagens na antiga que não foram transferidas para a nova.

Para analisar os altares e as imagens que aí se encontram, usaremos uma planta (fig. 39) desenhada por nós para facilitar a descrição dos altares. Além do desenho, também definimos para a cada um dos altares números e letras, funcionando assim como legenda e cumprindo a mesma intenção de facilitar o acompanhamento da nossa análise. A nossa leitura inicia-se na nave do lado do Evangelho, continuando em direção à capela-mor e com término do lado da Epístola.

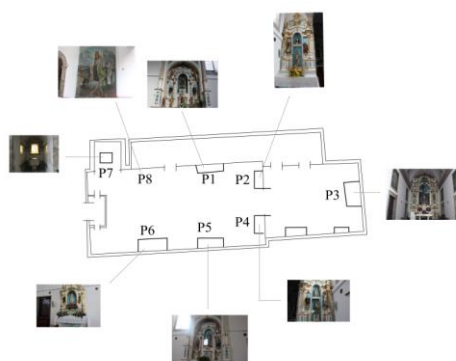


Fig. 39 - Planta com a localização dos altares na Igreja Matriz de Perosinho. Desenho produzido no Adobe Illustrator por Vera Barbosa, 2017.

Primeiramente, vemos uma capela (P7) onde encontramos uma pia de pedra. As próximas duas legendas (P8 e P1) respeitam a um painel (P8) e a um altar, ambos dedicados a Nossa Senhora do Carmo, os quais serão alvo de uma leitura mais aprofundada em capítulo próprio. O último altar, do lado do Evangelho, chama-se Altar do Menino Jesus (P2, fig. 40).

Neste altar encontramos a imagem do Menino Jesus de Praga no nicho superior e no debaixo a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Ambos os nichos se encontram ladeados pela imagem de Nossa Senhora da Conceição e por uma figura masculina que ponderamos tratar-se de S. Mamede ou S. José devido aos atributos que apresentam.



Fig. 40 - Altar do Menino Jesus (P2) na igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 41 - Capela-mor (P3) da igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Continuamos pela capela-mor (fig. 41) com duas capelas do lado da Epístola e o altar-mor (P3). Sobre as capelas não sabemos o que existe, pois não nos foi possível aproximar, mas o altar é composto por um retábulo com um painel ao centro e duas imagens nos nichos laterais, com Nossa Senhora à esquerda e São João à direita. Em 1758 - na igreja anterior - o altar-mor tinha as imagens de S. Joaquim e Santa Ana e no alto da tribuna estava a imagem do Salvador¹⁵³. Na segunda metade do século XX este altar teria uma tribuna e nela a imagem de Cristo Crucificado com as imagens de São João e Nossa Senhora, como vemos hoje. Também existiram dois Serafins de madeira que estariam juntos ao altar-mor oferecidos pelo Padre José Bento Pereira da Rocha em 1810¹⁵⁴.

Voltando à nave na parte da Epístola vemos três altares. Saindo da capela-mor temos o altar da Nossa Senhora da Lapa (P4, fig. 42) com dois nichos centrais, o superior com a imagem da Nossa Senhora da Lapa e no inferior a imagem da Nossa Senhora da Purificação. Esta última imagem referida, trata-se da mesma analisada no capítulo anterior sobre a possibilidade de ter estado, anteriormente, na capela da Nossa Senhora

¹⁵³ CAPELA, José Viriato; BORRALHEIRO, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Coleção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009. P.776

¹⁵⁴ ARAUJO, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 73-76

do Pilar sob o título de Nossa Senhora de Crasto. Em 1758¹⁵⁵ já se encontrava na igreja primitiva, constando nas memórias paroquiais. Estes dois nichos com as respetivas imagens de Nossa Senhora mencionadas encontram-se ladeados pelas imagens de S. Sebastião, à direita, e de Santo António, do lado oposto.

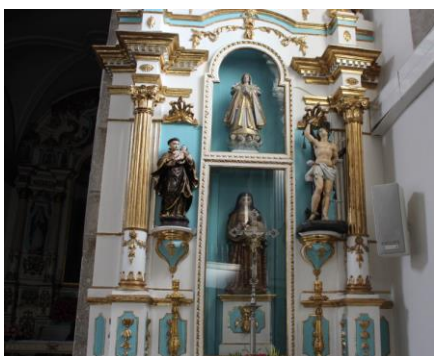


Fig. 42 - Altar da Nossa Senhora da Lapa (P4) na igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 43 - Altar das Almas (P5) na igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Segue o altar das Almas (P5, fig. 43) desta vez apenas com um nicho envidraçado que contém a imagem da Nossa Senhora do Rosário, ladeada pelas imagens de Santa Lúzia e S. Caetano.

Por último, temos um altar dedicado a Nossa Senhora (P6, fig. 44) com a sua imagem ao centro ladeada por Santa Teresinha e São Francisco. No século XIX existiu um oratório do lado da Epístola, de frente para o púlpito que estaria no lugar deste altar¹⁵⁶. Esse oratório continha a imagem de Nossa Senhora da Conceição podendo ser a mesma imagem que hoje encontramos no altar do Menino Jesus (P2), no lugar onde estaria a imagem de Santa Ana. No entanto, muitas das vezes o nome podia sobrepor-se à invocação e à própria iconografia, suportada pela devoção e atribuição a uma imagem pela própria população.

¹⁵⁵ CAPELA, José Viriato; BORRALHEIRO, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Coleção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009. P.776

¹⁵⁶ ARAUJO, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 73-76



Fig. 44 - Altar da Nossa Senhora (P6) na igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

2.3.1. O culto a Nossa Senhora do Carmo

Analisaremos com mais minúcia o altar da Nossa Senhora do Carmo (P1, fig. 45). Trata-se de um altar dedicado à Virgem, sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo (fig. 46), custeada pelo Padre João de Barros Nogueira e oferecida à igreja no ano 1710.

A imagem “de escultura de madeyra primorosamente obrada, & com as armas do Carmo no peyto (fig. 47), adornadas de algumas pedras finas; sobre o braço esquerdo tem sentado o soberano Filho; a Senhora tem huma rica coroa imperial de prata (fig. 48), tem hum agogador de extremos de ouro, que lhe deraõ os seus devotos, & o Menino tem hum resplendor de prata; a sua escultura são cinco palmos, & he de grande fermosura. Tem a Senhora na pianha, sobre que está collocada, huas almas em chammas (fig. 49), & estofadas sobre ouro que quis a devoção do mesmo Cura, que se visse o quanto a Senhora não só nos ampara na vida; mas nos alivia no Purgatorio, em as penas;”¹⁵⁷.

¹⁵⁷ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. Página 515-516 [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]

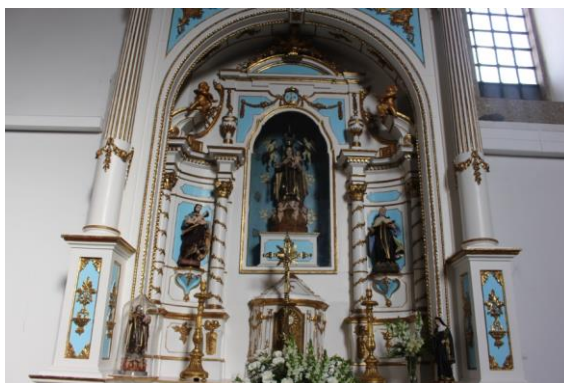


Fig. 45 - Altar da Nossa Senhora do Carmo na igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

O culto a Nossa Senhora do Carmo teve origem no século XII, devido à sua aparição no Monte Carmelo na Palestina, onde o profeta Elias se refugiou, tornando-se num lugar destinado ao encontro das várias gerações de ermitas.

Porém, a expansão deste culto alastrou-se por toda a Europa depois da aparição da Virgem a São Simão, no convento de Cambridge no século XIII, após o seu pedido de interceção da Virgem:

“Ao levantar os olhos velados pelas lágrimas, a cela enche-se-lhe, subitamente, de uma grande luz. Rodeada por numerosa multidão de anjos, a Rainha do Céu desce até ele, trazendo na mão o Escapulário Castanho dos monges, e diz-lhe: “Recebe, meu filho, deste Escapulário da tua Ordem, que será o penhor do privilégio que Eu alcancei para ti e para todos os filhos do Carmo. Todo o que morrer com este Escapulário será preservado do fogo eterno. É, pois, um sinal de salvação, uma defesa nos perigos, e um penhor da minha especial protecção”¹⁵⁸

¹⁵⁸ **REBELO**, P. Domingos. *O Culto a Maria na Diocese de Aveiro*. Edição Movimento dos Cruzados de Fátima e Secretariado Diocesano de Aveiro, 1989. P. 50



Fig. 46 - Nossa Senhora do Carmo datada de 1710. Encontra-se no altar da Nª Sra. do Carmo na igreja de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 47 - Pormenor das armas da Nossa Senhora do Carmo ao peito. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Apesar de se tratar de um culto antigo, só a partir do século XVIII é que surge na igreja de Perosinho, altura em que a imagem da Nossa Senhora do Carmo já se encontraria no mesmo altar que a vemos atualmente, estando anteriormente envidraçada com tribuna e retábulo em talha dourada.

Na segunda metade do século, por volta de 1758, a imagem continua no mesmo lugar, mas é mencionada acompanhada da imagem de São José, Santa Teresa e Santa Apolónia¹⁵⁹. Esta distribuição mantém-se até aos nossos dias, ausentando-se apenas a imagem de Santa Apolónia, que não se encontra em nenhum dos altares da igreja.



Fig. 48 - Pormenor da coroa de prata. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 49 - Pormenor das chamas do Purgatório. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

¹⁵⁹ **CAPELA**, José Viriato; **BORRALHEIRO**, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Colecção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009. P. 776

Em 1710 é apontada como não tendo irmandade ou confraria, sendo as esmolas dos devotos da freguesia de Perosinho e vizinhas usados na fábrica e culto:

“He este Santuario, & Capella da Senhora do Carmo muyto frequentado de romagens, & ahi lhe vem a fazer as suas promessas, & trazer as suas offertas; no dia da festividade da Senhora he muyto grande o concurso de romagens, & concorrem todos os Irmãos do Escapulario a ganhar as graças, & Indulgencias, que lucraõ naquelle dia; esta noticia nos deu o Reverendo Padre Dom Antonio de Saõ Gonçallo Conigo do Convento de Grijó.”¹⁶⁰

Como a devoção a Nossa Senhora do Carmo foi aumentando durante o século XVIII, em 1733 fundou-se a sua irmandade, a pedido da população e os seus estatutos foram aprovados pelo Prior e Prelado de Grijó, D. Henrique de S. José. Em 1734, o Prior do mosteiro de Grijó instituem essa irmandade passando a congregar a Ordem Camelitana “em 29 de Junho de 1734, como consta da carta mandada passar e assignada pelo Ver. Padre Geral da Ordem, em Saragoça, e inserta no livro do Tombo d’esta Irmandade”¹⁶¹.

Os estatutos a que a irmandade tinha que cumprir a quando da fundação tornaram-se impraticáveis, sendo que em 1740 na visita do Prelado de Grijó os estatutos foram alterados e em vez de haver 10 padres responsáveis pelos officios, ordenou ao pároco que “propusesse aos mordomos e irmãos a reforma dos estatuto neste ponto, de modo que os sufrágios por cada irmão se fizessem a contento d’elles, ou fossem dez missas e um officio de dez padres (...)”¹⁶². Porém, esta ordem não terá sido considerada, pois, em 1789 a dificuldade permanece e, nesta altura deu-se finalmente a reforma que o Bispo do Porto,

¹⁶⁰ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 515-516 [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]

¹⁶¹ **ARAUJO**, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 132-133

¹⁶² **ARAUJO**, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 133-134

D. Fr. João Raphael de Mendonça teve de aprovar¹⁶³, sendo esses os únicos estatutos existentes.

Ao longo do século XX são mencionadas em várias notícias as festas em honra da Nossa Senhora do Carmo¹⁶⁴, comprovando, assim, a devoção contínua a Nossa Senhora.

2.4. Lugar de Sergueiros: Capela de Santa Marinha

Muitos documentos da segunda metade do século XI se referem a uma primeira igreja paroquial no lugar de Sirgueiros (fig. 50), atualmente Sergueiros, com a invocação de S. Salvador, culto muito divulgado desde a Idade Média e padroeiro da freguesia de Perosinho.

A primeira referência a esta invocação aparece relacionada com o topónimo Pedroso e data do ano 1068, repetindo a menção em 1103¹⁶⁵. Este facto é reforçado na *Crónica do Mosteiro de Grijó* de 1634, onde se lê “Há tradição de q fosse antigamente igreja parochial”¹⁶⁶, dado referente à Ermida de Santa Marinha. Temos poucas fontes para poder afirmar se houve essa mudança de lugar, mas não é caso único no nosso território em estudo, como veremos existiu muitas vezes a deslocação de cultos para novos espaços, trasladando relíquias e/ou invocações como o caso da capela de Nossa Senhora de

¹⁶³ ARAUJO, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 132-134

¹⁶⁴ Em 1964 surge “festas em Honra da Nossa Senhora do Carmo (...)”; 1967 “(...) Festas em Honra da Nosa Senhora do Carmo (...) Nos dias 22,23 e 24 do corrente (...) as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora do Carmo (...)”; 1967 “No dia 16, consagrando a Nossa Senhora do Carmo, foi celebrada missa solene (...), benção do escapulário e outras cerimónias habituais (...). Dia 23 (...) uma magestosa procissão percorreu o costumado itinerário, vendo-se ricas colgaduras em todas as varandas e janelas do percurso dando a esta solenidade aspecto deslumbrante”. Informação disponível em COSTA, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Salvador de Perosinho*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Junta de Freguesia de Perosinho, 2000. P. 242; 244-245

¹⁶⁵ ARAUJO, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 20

¹⁶⁶ CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 151-151v

Fontes¹⁶⁷ ou na fundação de paróquias primitivas, tendo como exemplo a freguesia de Argoncilhe¹⁶⁸.

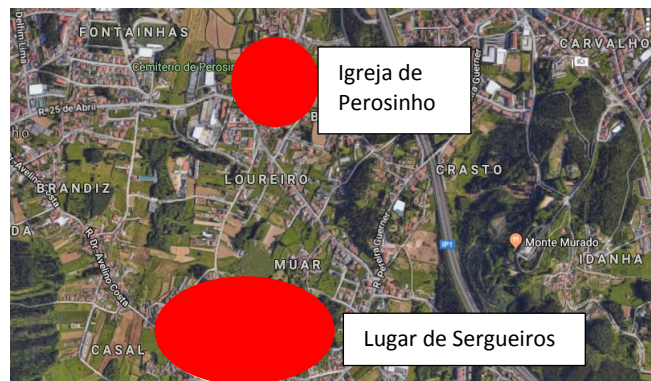


Fig. 50 - Localização do Lugar de Sergueiros referido nos documentos como Sirgueiros. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018

Em 1931, a Ermida de Santa Marinha apresentava sinais de abandono, razão pela qual um morador da freguesia de Perosinho do lugar de Sergueiros¹⁶⁹, ofereceu mil escudos para ajudar na reforma¹⁷⁰. Sobre a alçada do Prior D. Vicente da Gama (1555-1558) foi mandado fazer um retábulo que não sabemos se ainda existe porque não conseguimos ter acesso ao interior da capela, impossibilitando o registo e a confirmação também da imagem da Santa Marinha encomendada por esta altura ao escultor João de Ruam por 2000¹⁷¹.

As atribuições das imagens a João de Ruão ou à escola Coimbrã são assunto comum na área em estudo. João de Ruão, após ter-se estabelecido a sua atividade em Coimbra, veio, juntamente com Diogo de Castilho, trabalhar na construção do novo

¹⁶⁷ **COSTA**, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Mamede de Serzedo – A propósito do milenário da sua Igreja*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Serzedo, 2000. P. 15; 27

¹⁶⁸ “ (...) antigamente esta igreja de S. Martinho estava fundada onde hoje esta Ermida está [Ermida de Nossa Senhora do Campo]; e ali estava (...) anno de 1086 por dizer sua Doaçam feita a esta igreja no tempo, q ella está: Fundata in exitus villa Dragonceli q é onde hoje está a Ermida de N. S. do Campo.” Informação disponível em **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 147

¹⁶⁹ A partir daqui trataremos a Ermida de Santa Marinha por capela de Santa Marinha para um melhor entendimento.

¹⁷⁰ **COSTA**, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Salvador de Perosinho*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Perosinho, 2000. P. 241

¹⁷¹ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 331v

mosteiro em Vila Nova de Gaia pelo ano de 1537, sob o governo de Fr. Brás de Braga¹⁷². O rei D. João III pede-lhe por carta, a visita ao antigo mosteiro dos cónegos em Grijó, ordenando-lhe que se responsabilizasse pela sua reforma. Inicialmente instalou-se no antigo mosteiro de Grijó, tendo mudado em 1538 para os Guindais, nas proximidades do monte de S. Nicolau, mas no final do ano de 1541 e o ano seguinte esteve intermitentemente neste mosteiro¹⁷³.

Através desta informação, percebemos que João de Ruão poderia fazer alguns trabalhos para as capelas que pertenciam à ordem monástica, que por esta altura circulavam entre Grijó e Vila Nova de Gaia. Assim, a imagem de Santa Marinha para a capela em seu nome poderia ser de João de Ruão, assim como outra imagem na capela de Nossa Senhora de Fontes (fig. 69) na freguesia de Serzedo.

Capítulo 3. – As marcas de culto no território

Antes de darmos continuidade à análise das marcas de culto no território, dedicaremos uma primeira parte deste capítulo a aspetos fundamentais para entender o culto mariano e cristológico e, numa segunda parte, centrar-nos-emos nos elementos que se encontram disseminados pelo território.

A compreensão destas manifestações de religiosidade permitirá uma introdução aos elementos que têm vindo a ser referenciados e que, com mais detalhe, serão abordados ao longo do nosso trabalho. Referimo-nos às três tipologias que fazem parte do nosso património religioso, nomeadamente as Vias-sacras, os Calvários e as *Alminhas*. Constatamos que esses objetos surgiram e manifestaram-se em determinados períodos e contextos sociais ou territoriais. No entanto, estes encontram-se conectados aos cultos Mariano e Cristológico.

Convivemos com esses objetos diariamente, sendo, em alguns casos, ativos na sociedade, desempenhando a sua função primordial. Contudo, devido às transformações urbanísticas, essenciais às sociedades modernas, o conhecimento desses objetos tem

¹⁷² ABREU, Susana Matos. *Diogo de Castilho e João de Ruão: uma parceria invulgar no traçado do Mosteiro de S. Salvador da Serra (Serra do Pilar)*, 2007. P. 449-500

¹⁷³ ABREU, Susana Matos. *A Docta Pietas ou a Architectura o Mosteiro de S. Salvador também chamado Santo Agostinho da Serra (1537-1692). Mestrado em História de Arte em Portugal, Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto, 1999. P. 32

vindo a perder-se. No entanto, esses espaços sacros e os seus elementos, foram outrora os principais motores de sacralidade e coesão social de uma região.

O nosso trabalho não pretende apenas registar o que ainda existe, mas também mostrar o que são e para que servem independentemente de estarem ativos ou não. É importante que as futuras gerações conheçam e preservem esses marcos que fazem parte também da sua história. O contributo das gerações anteriores de escolherem que esses objetos chegassem até nós, seja no que respeita a sua construção ou preservação, deve ser respeitada e só através da difusão do conhecimento isso será possível. Assim, introduzimos o tema do culto Mariano e Cristológico de forma a mostrar a sua evolução nas diferentes épocas.

3.1 - Devoções Marianas e Cristológicas no Território

Após as marcas analisadas na freguesia de Perosinho, torna-se evidente que o culto a Nossa Senhora é dos mais fortes entre a população. “A evolução do culto mariano, está intimamente interligada com o desenvolvimento do iconográfico e com o culto dos santos”¹⁷⁴.

Nos finais da Idade Média, com a introdução do gosto pela imaginária, multiplicam-se as imagens marianas¹⁷⁵. A devoção a Nossa Senhora sobrepõe-se, em muitos casos, a cultos de santos como acontece com a “Nossa Senhora do Leite substitui cada vez mais S. Mamede que era invocado para isso”¹⁷⁶, surgindo associadas às várias necessidades humanas, como por exemplo, a proteção da agricultura¹⁷⁷, proteção das pestes e afins.

Também o aumento da devoção, por parte dos fiéis, obrigou, de certa forma, a Igreja a reconhecê-la como Mãe de Deus no Concílio de Éfeso em 431. Por toda a parte ergueram-se igrejas e as festas foram aumentando em sua honra, mas é sobretudo, a partir

¹⁷⁴ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *O culto da Nossa Senhora, no Porto, na época moderna: perspectiva antropológica*. Porto: [s.n.], 1979. P. 163

¹⁷⁵ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *O culto da Nossa Senhora, no Porto, na época moderna: perspectiva antropológica*. Porto: [s.n.], 1979. P. 163

¹⁷⁶ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *O culto da Nossa Senhora, no Porto, na época moderna: perspectiva antropológica*. Porto: [s.n.], 1979. P. 164

¹⁷⁷ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Religiosidade popular e ermidas*. Religiosidade Popular. Studium Generale: Estudos Contemporâneos. Porto. Nº 6 (1984). P. 77

do século XII que a devoção a Nossa Senhora aumenta. Até ao século XIII, as imagens dedicadas ao culto Mariano tendem a ser representadas em pé. Há uma tendência para acentuar o fabrico e culto das formas dolorosas da iconografia de Nossa Senhora as *Pietàs*, mais comum na época gótica, primeiramente com um pequeno adulto ao colo e depois, em virtude do humanismo nos finais da Idade Média e da devoção a Cristo mais apoiada nos Evangelhos¹⁷⁸, assistimos à transformação da imagem de Cristo sendo a sua aparência mais de uma criança e por vezes representada como um bebé. A partir deste momento o culto Mariano e o Cristológico começa a surgir a par, sendo a Virgem representada com o filho, na maior parte das vezes e intervindo na salvação.

Os cristãos reconhecem simbolicamente Maria entre Virgem-Mãe e Igreja-Mãe, pois, ela é mãe de Cristo e, assim, mãe dos cristãos, filhos da igreja e da própria Igreja¹⁷⁹. Os registos que hoje encontramos, mesmo tendo precedentes, desenvolvem-se fundamentalmente a partir do século XVIII¹⁸⁰. O culto à Virgem mesmo que, por vezes, não visto aos olhos da Igreja como oficial, é o mais querido entre os crentes.

Além das marcas dispersas que trataremos com mais atenção adiante, também as capelas dedicadas à Virgem no nosso território são as mais concorridas, assim como acontece nas igrejas matrizes com altares dedicados a esta. Ao analisarmos os altares da Igreja Matriz de Perosinho percebemos este fervor e dedicação dos fiéis a Nossa Senhora e o mesmo sucede na igreja matriz de Serzedo em relação à Nossa Senhora das Dores sendo referida a sua festividade no ano de 1891¹⁸¹ e na igreja do antigo Mosteiro de Grijó com a Nossa Senhora do Amparo e a Nossa Senhora do Rosário.

É à mãe de Jesus que as pessoas recorrem em momentos de maior aflição, sendo um culto reforçado pela proteção que Maria lhes dá. Também as lendas e os milagres que surgem à volta destas imagens permitem a perduração e fortalecem os seus cultos.

¹⁷⁸ **ALMEIDA**, Carlos Alberto Ferreira de. *O culto da Nossa Senhora, no Porto, na época moderna: perspectiva antropológica*. Porto: [s.n.], 1979. P. 163

¹⁷⁹ **COSTA**, Avelino. *A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média*, 1957. P. 7

¹⁸⁰ **ALMEIDA**, Carlos Alberto Ferreira de. *O culto da Nossa Senhora, no Porto, na época moderna: perspectiva antropológica*. Porto: [s.n.], 1979. P. 161

¹⁸¹ **COSTA**, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Mamede de Serzedo – A propósito do milenário da sua Igreja*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Serzedo, 2000. P. 153-154

Muitos Santos perderam devoção e nem os padroeiros das freguesias são aclamados com tanto fervor como os pedidos a Maria. É certo que o culto tem raízes longínquas, remontando ao século X, como exemplo, as vitórias dedicadas à Virgem. Além disso, quando o Condado Portugalense se separou da monarquia leonesa e restaurou as duas primeiras dioceses, Braga e Coimbra, ambas as catedrais eram dedicadas a Santa Maria, como muitos dos mosteiros deste período¹⁸².

Alguns cultos entram em declínio, mas outros mantiveram a mesma fé, como os vários casos presentes nas freguesias em estudo, nomeadamente, a capela de Nossa Senhora de Fontes em Serzedo e a capela de Nossa Senhora das Neves em Argoncilhe.

São devoções Marianas que remontam pelo menos ao século XVI, mas outras têm vindo a aparecer desde então, tornando-se lugares de peregrinação e motivos para construção de vias-sacras, como o Santuário de Nossa Senhora da Azenha (fig. 51) que tem uma via-sacra, entre a sua capela e a capela do Cristo-Rei (fig. 52).



Fig. 51 - Santuário da Nª Sra. da Azenha na freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 52 - Fotografia tirada do caminho processional com a igreja do Cristo Rei de plano de fundo. Freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Temos atualmente apenas um cruzeiro em pedra e os restantes estão rebocados a branco (fig. 51), o que não permite ver o material em que são construídos. Todavia, em maior número temos os cruzeiros desenhados com azulejos (fig. 53) embutidos nas paredes de edifícios para indicar o caminho.

¹⁸² COSTA, Avelino. *A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média*, 1957. P. 9



Fig. 53 - Cruzeiro feito de azulejo, freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

3.2 - *Alminhas*

Além dos edifícios dedicados somente a Nossa Senhora nomeadamente as capelas, também surgem as *Alminhas* que também são marcos de passagem. Estes objetos contribuem de igual modo para a expansão do culto Mariano e Cristológico. Surgem com maior força a partir da época moderna, como símbolos religiosos dedicados à proteção dos caminhos, partilhando esta função com os cruzeiros além de fazerem parte dos percursos processionais, como veremos. Estes marcos de fé são, também intercessores entre o mundo dos vivos e dos mortos, em especial no que diz respeito ao culto das almas que se encontram no purgatório.

Com efeito, os lugares das paróquias não eram destinados apenas aos vivos, mas também aos mortos. A divisão entre estes dois mundos não existia e, ainda hoje, em certos momentos, relacionam-se, em especial nas procissões das velas na Oração a Nossa Senhora de Fátima: “Ó meu bom Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levari as almas todas para o céu e socorrei principalmente as que mais precisarem”¹⁸³.

As *Alminhas*, nome dado a estes objetos que se encontram espalhados por todo o território português é ainda muito presente no nosso território em estudo. Este culto, com precedentes anteriores à época moderna conhecerá neste período uma devoção fevrosa às

¹⁸³ Rancho Infantil e Juvenil Padeirinhas de Valongo Fundado 27 Novembro 1986. *Procissão das velas em Susão, Valongo*. Publicado a 16 de maio de 2012. [Em-linha]. Consultado a 24 de setembro de 2018 às 13:32 Disponível em: [<https://padeirinhadevalongo.blogspot.com/2012/05/procissao-das-velas-em-susao-valongo.html>] Trecho retirado da Oração a Nossa Senhora de Fátima.

Almas, promovido pelo Concílio de Trento atingindo a popularidade nos finais do século XVIII e inícios do XIX.

Dispersos pelos caminhos, localizados em lugares de passagem frequentes, com intenção de lembrarem as pessoas para rezarem e darem esmola para a salvação das almas que se encontram no purgatório¹⁸⁴. Partindo desta informação, notam-se as implicações que as transformações na malha urbana trouxeram para estes monumentos. Na freguesia de Grijó, na Travessa Fonte do Casal (fig. 54) encontramos duas *Alminhas*.



Fig. 54 – Direção do caminho percorrido desde a capela da N^a Sra. da Graça à Travessa Fonte do Casal. Localização de duas *Alminhas*. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018

Estes registos que encontramos em caminhos - hoje secundários -, por não serem vistos, vão-se tornando obsoletos e perdendo a sua função primordial. No entanto, alguns são ainda possíveis de observar porque algumas pessoas ainda os preservam.

A maior parte destes monumentos encontram-se embutidos nos muros, nas fachadas de casas, formando nichos, ou em capelas de maiores ou menores dimensões. Na Travessa Fonte do Casal (fig. 55) encontramos dois nichos que representam as duas temáticas mais recorrentes no nosso estudo.

¹⁸⁴ **TEIXEIRA**, Raquel Brochado. *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010. P. 47



Fig. 55 - Travessa Fonte do Casal, via com duas *Alminhas*. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Um dos nichos apresenta a iconografia da Nossa Senhora do Carmo (Fig. 57) acompanhada da frase “Vós Que Ides Passando, Lembrai-vos De Nos Que Estamos Penando” como um pedido de orações pelas Almas que se encontram no Purgatório, sendo a oração uma forma simbólica de interceder pela salvação.



Fig. 56 - Alminha com a Crucificação. Travessa Fonte do Casal, Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 57 - Alminha com a N^a Sra. do Carmo. Travessa Fonte do Casal, Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Também o tema da Crucificação (fig. 56) se encontra com regularidade no nosso território. Acreditamos que esta representação terá duplo significado. Consideramos, por um lado, tratar-se de uma referência à morte, lembrando aos vivos aqueles que já partiram. As *Alminhas* têm essa função “de partilharem a constante busca do homem face às incertezas da vida, possuem a função de lembrar os vivos que devem rezar por aqueles

que já foram”¹⁸⁵, sendo a Crucificação um reforço dessa mensagem. Por outro lado, a presença da cruz representa a salvação, porque é símbolo da vida e de Cristo. A cruz é “um sinal de auxílio, misericórdia e perdão”¹⁸⁶.



Fig. 58 – Gráfico com a contagem das *Alminhas* nas freguesias de Argoncilhe, Grijó, Serzedo e Perosinho. Gráfico realizado por Vera Barbosa, 2018

Para estes monumentos efetuamos o inventário que se encontrara em anexo com as fotografias e as respetivas ruas da sua localização. Trazemos assim um gráfico (fig. 58) onde podemos ver as *Alminhas* encontradas nas freguesias. Ressalvamos que este resultado parte de uma recolha iniciada durante o trabalho de campo, não estando finalizado o seu levantamento, porque não foi possível percorrer todas as ruas da freguesia de Argoncilhe. Incluiremos nestes dados estatísticos os nichos vazios que encontramos na velha cerca do mosteiro de Grijó, assim como incluiremos a capela, atualmente denominada *Alminhas* do Senhor do Padrão (fig. 109).

No total encontramos vinte e nove nichos/capelas *Alminhas*, sendo os mais frequentes embutidos em muros ou paredes de casas junto a caminhos. Quinze destes elementos destinam-se à iconografia de Cristo, sete a Nossa Senhora com a predominância da representação de Nossa Senhora do Carmo, um a Santa Isabel na freguesia de Serzedo e oito não têm imagens.

¹⁸⁵ SANTOS, Maria Madalena Loureiro dos. *Penafiel – Cruzeiros e Alminhas. Subsidio para um inventário*. Relatório de Estágio do Mestrado em História da Arte portuguesa apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2017. P. 94

¹⁸⁶ SANTOS, Maria Madalena Loureiro dos. *Penafiel – Cruzeiros e Alminhas. Subsidio para um inventário*. Relatório de Estágio do Mestrado em História da Arte portuguesa apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2017. P. 17-18

3.3 – Cruzeiros, Vias-sacras e Calvários

Nos séculos XVI e XVII devido ao medo excessivo de bruxas que se espalhava, especialmente na mentalidade do povo¹⁸⁷, muitos cruzeiros eram erguidos e cravados em penedos. Em 1575, enquanto se faziam as marcações para os limites entre a freguesia de Perosinho, pertencente às terras do mosteiro de Grijó e as terras da freguesia de Pedroso, são encontrados muitos marcos que provam o medo e a necessidade de sacralizar o seu espaço por esta altura:

“(...) hum penedo grande que tem hua cruz e duas chaves. E dahi vai a outro penedo grande que esta na mea ladeira que tem outra cruz e duas chaves e dahi vai a outro penedo que esta nas cavadas que tem outra cruz e dahi a outro marco que esta na chã da estrada junto a hua pedra carreira que esta na estrada Mourisca.”¹⁸⁸

Muito possivelmente tratar-se-ia do Monte Murado, porque situava-se perto da estrada mourisca e ainda hoje conserva muito dos seus penedos. A própria indicação do nome *mourisca* podia suscitar na população algum medo, reforçado pelas lendas que geravam em volta do Monte Murado em relação a mouras encantadas. Tal, certamente criou na comunidade uma necessidade de se protegerem desse lugar, recorrendo a elementos simbólicos como cruzeiros e chaves, com a finalidade de proteger e sacralizar o lugar.

¹⁸⁷ **TEIXEIRA**, Raquel Brochado. *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010. P. 24

¹⁸⁸ **ARAÚJO**, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980. P. 10



Fig. 59 - Cruzeiro erguido para marcar o lugar da morte de D. Rodrigo Sancho. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

A cruz estará sempre presente como símbolo principal da salvação e proteção de lugares e a função dos cruzeiros dependia da sua localização. Alguns faziam parte de um programa litúrgico formando as vias-sacras ou os calvários. Outros surgiam em lugares que marcavam a presença de um templo, outros em lugares onde as entidades malignas podiam surgir tendo esses sítios um carácter perigoso, nomeadamente em caminhos, pontes e encruzilhadas¹⁸⁹. Ainda outros podiam simbolizar jurisdição paroquial¹⁹⁰, funcionar como marcos fronteiriços e, numa atmosfera mais fúnebre, ligado a acontecimentos trágicos como a morte e em lugares ou monumentos funerários como vemos nos cemitérios.

Como marco de um lugar trágico temos o cruzeiro de D. Rodrigo Sancho (fig. 59) mandado edificar pela D. Constança Sanches, sua irmã, no local onde ele teria falecido¹⁹¹. Este encontra-se na freguesia de Grijó perto do cemitério.

Muitos cruzeiros são representados com formas simples, mas é sobretudo a partir do século XVIII, culminando com o barroco, que estes elementos recebem formas mais exuberantes¹⁹² e detalhadas. A título de exemplo expomos dois cruzeiros.

¹⁸⁹ **TEIXEIRA**, Raquel Brochado. *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010. P. 25

¹⁹⁰ **TEIXEIRA**, Raquel Brochado. *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010. P. 30

¹⁹¹ **LEAL**, Pinho. *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. 1873. P. 324

¹⁹² **TEIXEIRA**, Raquel Brochado. *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010. P. 28



Fig. 60 - Pormenor no cruzeiro na alameda da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017



Fig. 61 - Cruzeiro na alameda da igreja de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

O primeiro encontra-se na alameda do mosteiro de Grijó (fig. 61) sem data. No entanto, supomos ter sido erguido durante a reforma feita no mosteiro a partir do século XVI.

Na sua base podemos observar uma figura semelhante à de um anjo (fig. 60). O mesmo sucede no cruzeiro (fig. 62) presente no adro da capela da Nossa Senhora de Fontes, no lugar de Fontes pertencente à freguesia de Serzedo.



Fig. 62 - Cruzeiro no adro da capela de N^a Sra. de Fontes. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016

Datado de 1700, na sua base encontramos duas figuras. Uma identificada como um anjo (fig. 64) representado de forma diferente do cruzeiro de Grijó e, apesar de não sabermos o significado da presença desta figura na base destes elementos, levantamos a

hipótese de terem sido objetos para culto às Almas do Purgatório, pois alguns cruzeiros destinavam-se a esta prática¹⁹³.



Fig. 63 - Pormenor do cruzeiro no adro da capela de N^a Sra. de Fontes. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016



Fig. 64 - Pormenor do cruzeiro no adro da capela de N^a Sra. de Fontes. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016

Em redor destes elementos surgiam muitas superstições, maioritariamente relacionadas com a morte de alguém e se pensarmos que estes objetos “eram considerados bênçãos, as gentes das aldeias vêm Cristo presente nos cruzeiros, como um igual, que sofreu até à morte para salvar o Homem”¹⁹⁴. Ressalvamos tratar-se apenas de uma sugestão, sendo necessário, posteriormente, recorrer-se a estudos mais profundos em torno deste tema. Na face oposta encontramos representado uma flor (fig. 63), elemento também presente no cruzeiro (fig. 65) perto da igreja de Serzedo.



Fig. 65 - Cruzeiro perto da igreja de Serzedo. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

¹⁹³ **TEIXEIRA**, Raquel Brochado. *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010. P. 32

¹⁹⁴ **SANTOS**, Maria Madalena Loureiro dos. *Penafiel – Cruzeiros e Alminhas. Subsidio para um inventário*. Relatório de Estágio do Mestrado em História da Arte portuguesa apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2017. P. 17

A par destes cruzeiros, a partir do século XVII, houve um impulso para a criação de elementos que promovessem a devoção. A paisagem transformou-se e os marcos de fé espalharam-se. Para além dos santuários e capelas, assistimos a um novo uso dos cruzeiros, sendo que estes compõem um programa formado pela via-sacra ou *via-crusis* e o Calvário a fim de “recriar o percurso sacrificial de Cristo ao monte Gólgota encontrando na orografia paroquial o local ideal para a implantação desse cenário passional”¹⁹⁵.

Neste cenário fervoroso, muitos mosteiros dedicavam-se a construir nas suas propriedades elementos para apoiar as procissões, nomeadamente a procissão do Senhor dos Passos, que encontrou a sua expansão por Portugal, tendo mais impacto a partir do segundo quartel do século XVII e erguendo-se capelas monumentais só no século XVIII¹⁹⁶.

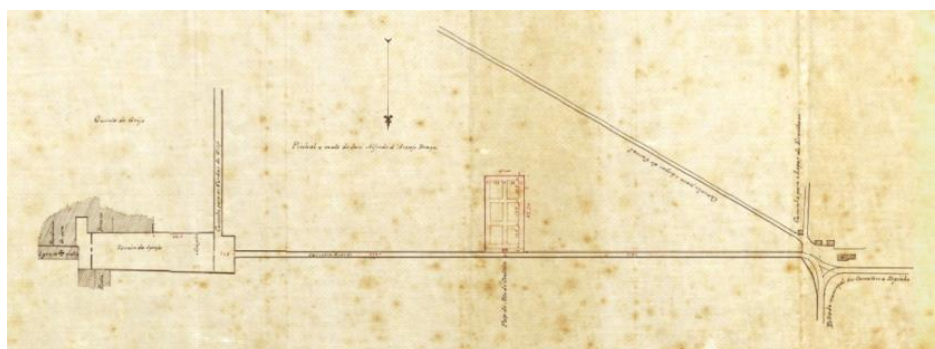


Fig. 66 - Planta com a localização do projeto para o cemitério na freguesia de Grijó. Obra Municipal de Cemitério de Grijó. 1875

“Inicialmente o percurso da via-sacra tinha lugar na Terra Santa, mas, a impossibilidade, pela distância, de fazer peregrinações à Palestina onde o penitente poderia seguir o trajeto de Cristo para a Morte, obrigou a que, por analogia, se criassem os percursos de “peregrinação de substituição. Para expressar a sua piedade cada região vai produzir esse caminho da Paixão numa *via crucis* onde são narrados os principais acontecimentos bíblicos que antecederam a Morte de Cristo, segundo uma ordem

¹⁹⁵ RESENDE, Nuno. *Fervor & Devoção: património, culto e espiritualidade nas ermidas de Montemuro : séculos XVI a XVIII*. Tese de doutoramento em História da Arte Portuguesa. Porto, 2011. P. 314

¹⁹⁶ TEIXEIRA, Raquel Brochado. *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010. P. 30

cronológica. Cada uma destas cenas desenvolve-se numa pequena capela, uma estação ou *passo*, onde se detinham os penitentes vivendo *passo a passo* a dor sofrida por Cristo.”¹⁹⁷

Os cônegos do mosteiro de Grijó também custearam estas obras, sendo ainda possível ver partes do que acreditamos terem sido capelas. Na planta de 1875¹⁹⁸ (fig.66) destinada a mostrar o plano para o cemitério da freguesia de Grijó, também podemos ver indicado o *Passo do Alto do Couteiro*¹⁹⁹ (fig. 67).

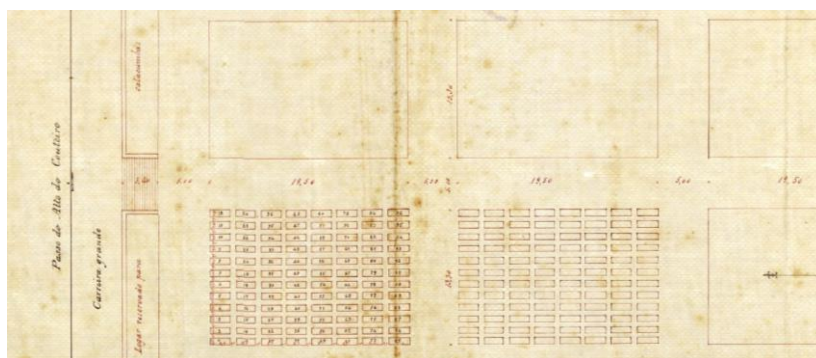


Fig. 67 – Recorte da planta com a localização do cemitério e o Passo do Alto do Couteiro. Obra Municipal de Cemitério de Grijó, 1875

Atualmente, neste lugar apenas encontramos um nicho inativo. Porém, observando atentamente o muro em que se insere, descobre-se uma estrutura pré-existente (fig. 68), podendo tratar-se do antigo *Passo do Alto do Couteiro*.

¹⁹⁷ **ROCHA**, Manuel Joaquim Moreira da. *Construção de Capelas pela irmandade do Senhor dos Passos – Uma via cruxis no espaço urbano*. Separata da Revista POLIGRAFIA 1. Edição do Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1992. P. 66

¹⁹⁸ Obra Municipal de Cemitério de Grijó. 1875, f. FALTA. Cota: F/09/III/2 - Cx. 12. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. [Em-linha]. Consulta realizada em: 13 de novembro de 2017 às 15:29. Disponível em: A.M.S.M.B. [<https://bit.ly/2N9iGxU>]

¹⁹⁹ Obra Municipal de Cemitério de Grijó. 1875, f. FALTA. Cota: F/09/III/2 - Cx. 12. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. [Em-linha]. Consulta realizada em: 13 de novembro de 2017 às 15:29. Disponível em: A.M.S.M.B. [<https://bit.ly/2N9iGxU>]



Fig. 68 - Local onde se localizava o Passo do Alto do Couteiro. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

Na planta de 1885²⁰⁰ (fig. 69) vemos outra marcação delineada por um retângulo que estaria inserido no muro e que presentemente apenas resiste as marcas (fig. 71). Acreditarmos ter-se tratado também de uma capela destinada ao apoio do percurso processional dos passos do Senhor. Possivelmente, estes edifícios teriam imagens no seu interior sendo abertas durante as festividades.

As obras ocorridas no século XIX destinavam-se à abertura de vias de comunicação e arranjos urbanísticos e rurais. Neste contexto, e após a extinção das ordens religiosas masculinas em 1834, o mosteiro de Grijó foi dividido e vendido, sendo que a parte da cerca tornou-se privada. Possivelmente, o culto e o patrocínio a estes objetos terão diminuído acabando por perder a sua função.

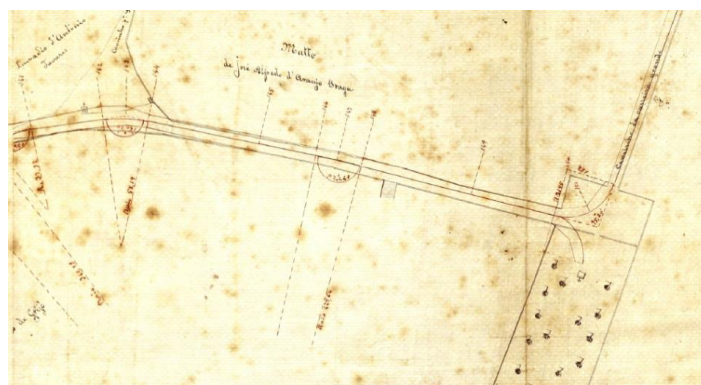


Fig. 69 - Recorte da planta. Freguesia de Grijó. Projeto da estrada Municipal das vendas de Grijó ao Convento de Grijó. 1885

²⁰⁰ Projeto da estrada Municipal das vendas de Grijó ao Convento de Grijó. 1885, f. FALTA Cota: A/9/2-Pt.4 - Doc.11. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. [Em-linha]. Consulta realizada em: 13 de novembro de 2017 às 15:35. Disponível em: A.M.S.M.B. [<https://bit.ly/2NdxDPE>]

Continuando a circular pela rua Cardoso Pinto, novamente surge um nicho (fig. 70), mas desta vez não temos as marcas de pré-existência. Ao analisarmos o território surgiu-nos a dificuldade de designar algumas dúvidas entre se seriam *Alminhas* ou capelas de Passos, porque ambas ficariam em caminhos processionais e atualmente não existe a divisão entre capela dos Passos e capelas de *Alminhas*.



Fig. 70 - Nicho no muro da antiga cerca do mosteiro de Grijó. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017



Fig. 71 - Marcas de uma possível capela de Passos. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

Apesar das transformações urbanas que deterioraram as zonas rurais e urbanas e desvincularam velhos caminhos, ainda hoje estes nichos participam no programa processional na época da Quaresma e, ao longo do ano são-lhes prestados culto colocando velas. Mais uma vez, comprova-se que a tipologia *Alminhas* ou capelas de Passos terá sofrido uma transformação e, hoje, ambas partilham das mesmas funções.

Mesmo que desprovidos de imagens que estariam no interior destas capelas ou nichos, utilizadas para suportar os acontecimentos bíblicos da Paixão narrados através das estações²⁰¹, atualmente continuam a desempenhar a sua função como símbolos de fé, marcos de antigos caminhos, mesmo que alterados pelas transformações da malha urbana, mas ainda preservados na memória da população.

²⁰¹ **TEIXEIRA**, Raquel Brochado. *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010. P. 30



Fig. 72 – Pormenor da mensagem no cruzeiro datado de 1895, Rua do Sr. do Padrão. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017



Fig. 73 – Cruzeiro datado de 1895, Rua do Sr. do Padrão. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

Contraditoriamente ao que acabamos de referir ao longo do século XIX, neste território também irão erguer-se novos cruzeiros e outros serão restaurados²⁰². Alguns ainda seriam usados para rezar. No entanto, essa prática foi-se perdendo e estes objetos receberam outras funções, tornando-se marcos de centro de arraiais e de festas dos padroeiros²⁰³. Nesta realidade, surge na freguesia de Grijó um cruzeiro (fig. 73) identificado como sendo dos finais do século XIX.

Neste cruzeiro, datado de 1895 vemos inscrito «O CRUX AVE SPES ÚNICA» (fig. 72) que significa Salve a Cruz, nossa única esperança²⁰⁴. Este é o lema atribuído à Congregação de Santa Cruz pelo beato Basile Moreau, sendo estas palavras derivadas de um antigo hino *Vexilla regis* que era cantado na Sexta-feira Santa²⁰⁵.

²⁰² **TEIXEIRA**, Raquel Brochado. *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010. P. 40

²⁰³ **SANTOS**, Maria Madalena Loureiro dos. *Penafiel – Cruzeiros e Alminhas. Subsídio para um inventário*. Relatório de Estágio do Mestrado em História da Arte portuguesa apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2017. P. 17-18

²⁰⁴ Congregation of Holy Cross – Ave Cruz Spes Única. *Ave Crux Spes Única* [Em-linha]. Consultado a 19 de setembro de 2018 às 16:56 Disponível em: [<http://www.holycrosscongregation.org/spirituality/ave-crux-spes-unica/>]

²⁰⁵ Congregation of Holy Cross – Ave Cruz Spes Única. *Ave Crux Spes Única* [Em-linha]. Consultado a 19 de setembro de 2018 às 16:56 Disponível em: [<http://www.holycrosscongregation.org/spirituality/ave-crux-spes-unica/>]

Até à data da finalização deste trabalho não nos cruzamos com nenhuma informação que possa esclarecer tanto o cruzeiro neste local, como o porquê desta frase inscrita. No entanto, parece-nos possível que em 1895 fizesse parte das procissões que passariam neste local durante Quaresma.

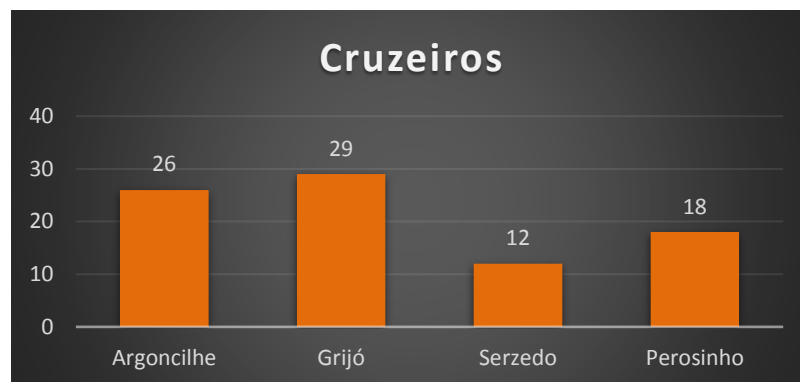


Fig. 74 - Gráfico com a contagem de todos os cruzeiros encontrados nas freguesias de Argoncilhe, Grijó, Serzedo, Perosinho. Gráfico realizado por Vera Barbosa, 2018

Assim, como foi efetuado em relação as *Alminhas* dispomos a contagem (fig. 74) de cruzeiros encontrados nas freguesias. Nestes dados estatísticos estão inseridos, todos os cruzeiros, independente da sua função. Queremos novamente recordar que este resultado é um inventário iniciado na recolha dos elementos ainda presentes no território, não estando finalizado o seu estudo porque não conseguimos percorrer todas as ruas da freguesia de Argoncilhe.

A maior parte destes cruzeiros encontram-se perto de muros de habitação, sendo que muitos, provavelmente, terão sido movidos da sua localização original. As freguesias que se mostram com maior número são também as que mais contêm cruzeiros que fazem parte da via-sacra. Por último, muitos dos cruzeiros que ainda marcam a nossa paisagem cultural são os que se encontram nos adros das igrejas ou capelas, simbolizando um lugar de templo.

Mais do que a monumentalidade da construção, o fervor reside na possibilidade de os fiéis poderem fazer o caminho processional pelas estações. Atualmente ainda se vive essa fé na altura da Quaresma em que as pessoas sentem compaixão pela Virgem, sentem a dor dela enquanto mãe que acompanhou Cristo, o seu filho, até ao Calvário e assiste à sua morte.



Fig. 75 - Cruzeiro colocado para simbolizar o percurso de Cristo na quaresma. Junto a capela de Santo António, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

O nosso território ainda se encontra marcado pelas vias-sacras que servem as procissões. Mesmo em locais onde não existem cruzes para cumprir o ato para-litúrgico, a memória das procissões por esses caminhos, assim como a renovação desta liturgia, repete-se e revive-se com a colocação de cruzes em madeira (fig. 75), temporárias, como acontece na freguesia de Grijó junto à Capela de Santo António.

Os cruzeiros continuam a ser mostras do nosso património cultural, histórico e artístico, sendo necessário conservar e mostrar às sociedades modernas como esses elementos podem coexistir no crescimento urbanístico. Inicialmente erguidos como manifestação religiosa, são atualmente identitários da nossa história, dos nossos locais e a partir deles podemos conhecer o nosso passado. Todos os objetos contam histórias, marcam lugares de encontro e convivem com as vivências do quotidiano. Tanto os cruzeiros como as *Alminhas* são contributos sobre a constituição dos espaços das aldeias, sendo também objetos simbólicos de necessidade espiritual da comunidade. Enquadrando-se nas vivências religiosas nos espaços públicos.

A título de exemplo destes percursos processionais, recolhemos três vias-sacras, nomeadamente uma na freguesia de Grijó no lugar de Murraceses, outra na freguesia de Perosinho no lugar de Sergueiros e, por último, uma na freguesia de Argoncilhe no lugar de S. Domingos. Estas vias-sacras encontram-se ainda completas, mas muitas vezes estes marcos de percurso processional são vandalizados, criando o desaparecimento de alguns

cruzeiros ou, no caso de haver 15 estações, esse facto deve-se a mudanças nas regras litúrgicas implantadas²⁰⁶.

Ainda marcam profundamente a paisagem destas freguesias desempenhando o seu papel primordial e coexistindo com as sociedades modernas, respeitando a sua presença. Em alguns casos estes elementos são movidos dos seus locais originais ou são demolidos.

3.3.1 - A Via-Sacra e o Calvário de Murraceses

A via-sacra e o calvário no lugar de Murraceses na freguesia de Grijó iniciam o seu percurso processional na capela de Santa Margarida. Esta via-sacra ainda se encontra composta pelos catorze cruzeiros.

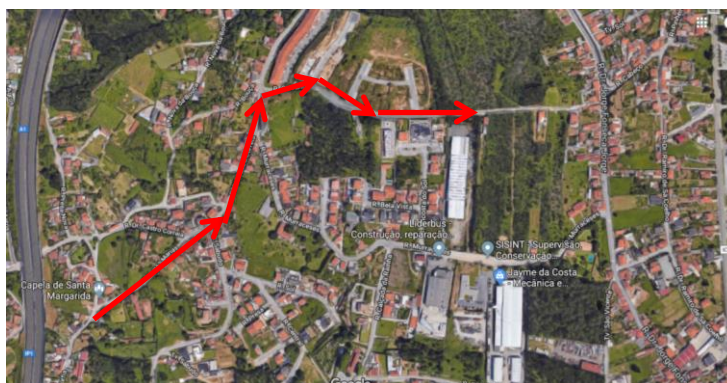


Fig. 76 - Marcação do percurso da via-sacra até ao Calvário no lugar de Murraceses, freguesia de Grijó. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018

A Capela de Santa Margarida situa-se num largo, perto de uma fonte e a via-sacra inicia-se à sua esquerda na rua 3 Marias. Aqui temos presentes os cinco primeiros cruzeiros, estando todos junto aos muros das casas.

²⁰⁶ **SANTOS**, Maria Madalena Loureiro dos. *Penafiel – Cruzeiros e Alminhas. Subsidio para um inventário*. Relatório de Estágio do Mestrado em História da Arte portuguesa apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2017. P. 93-94



Fig. 77 - Quarto cruzeiro que compõe a via-sacra. Lugar e Murraceses, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 78 - Possível estrutura do antigo lugar do cruzeiro que compõe a via-sacra. Lugar e Murraceses, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Em particular o quarto cruzeiro (fig. 77) mostra que a rua poderia ser mais elevada, acentuando a ideia de percurso difícil como estes caminhos pedem. Também o quinto cruzeiro poderá ter sido colocado em um novo lugar, pois existe uma estrutura (fig. 78), no outro lado da rua, que parece indicar ter sido construída para receber um cruzeiro.

Continuando o percurso pela rua Dr. Castro Correia, encontramos mais dois cruzeiros, novamente junto aos muros das casas. Comparando o sexto (fig. 79) cruzeiro com o sétimo, nota-se que o primeiro é mais antigo e possivelmente o muro foi feito após a sua colocação no espaço.



Fig. 79 - Sexto cruzeiro que compõe a via-sacra. Lugar e Murraceses, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 80 - Cruzeiro representando a cruz de Cristo. Lugar e Murraceses, freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Finalmente, na rua Calvário, encontramos os últimos sete cruzeiros. Também alguns parecem ser mais antigos que outros e novamente terão sofrido alterações de lugares. Ao repararmos nos cruzeiros do Calvário percebemos essa alteração, porque o

programa destinado a estes três cruzeiros obriga-os a permanecer lado a lado. No entanto, persiste a ideia inicial em que o cruzeiro de Cristo fica ao centro, ladeado pelos outros dois. Além disso, é o único cruzeiro com a referência à morte (fig. 80), podendo ser observada na base.

Percebe a escolha deste percurso pelo elevado local imitando assim o percurso de Cristo até à morte. Sem dúvida que muitos destes cruzeiros poderiam ter sido retirados dos seus locais originais, mas não podemos confirmar sem documentação. Contudo, as marcas de destruição presentes nas bases ou nas próprias cruces relevam, em alguns destes cruzeiros, um ato de vandalismo ou deslocação pouco cuidadosa, sendo mais uma razão para salvaguardar destes objetos. Com o crescimento urbano podem desaparecer e a identidade local também.

3.3.2 - A Via-sacra e o Calvário de Sergueiros, Perosinho

No lugar de Sergueiros podemos encontrar a capela de Santa Marinha e a capela do Senhor do Calvário, interligadas por uma via-sacra.

Em todo o território que analisamos, estas vias-sacras ainda cumprem o seu papel primordial durante a Quaresma. Embora o lugar de Sergueiros não seja exceção, o percurso é mais curto (fig. 81) relativamente aos outros dois exemplos aqui apresentados. No entanto, o que importa são os percursos que dão a possibilidade de o peregrino poder fazer o caminho de Cristo. Nota-se que apesar de ser pouco elevado, no final do século XIX era considerado um monte, denominado monte de Sergueiros e chamado de lugar pitoresco²⁰⁷.

²⁰⁷ **COSTA**, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Salvador de Perosinho*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Junta de Freguesia de Perosinho, 2000. P. 223

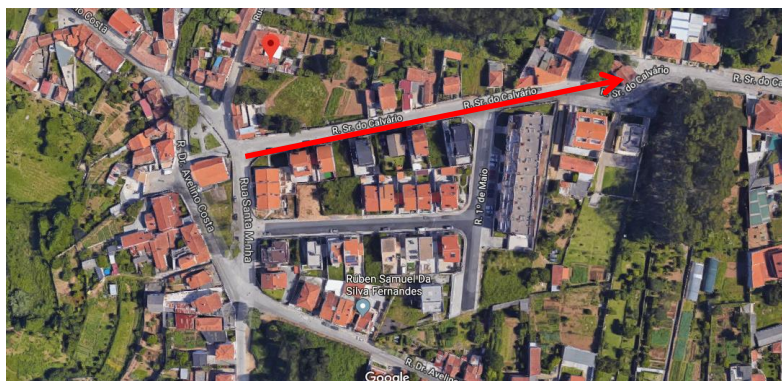


Fig. 81 - Percurso da via-sacra entre acapela da Santa Marinha à capela do Senhor do Calvário. Lugar de Sergueiros, freguesia de Perosinho. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018

Existem ainda as catorze estações que têm início na capela da Santa Marinha e terminam na capela do Senhor do Calvário (fig. 83). O topónimo desta última, reforça o ato de se viver o percurso de Cristo até ao Calvário.



Fig. 82 - Um dos cruzeiros pertencentes à via-sacra do Lugar de Sergueiros, freguesia de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Fig. 83 – Capela do Senhor do Calvário. Lugar de Sergueiros, freguesia de Perosinho. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Temos notícia de em 1891 da existência de uma festa anual em honra do Senhor do Calvário no mês de maio²⁰⁸. Em 1931 é referida a existência dos cruzeiros, sendo possível terem sido erguidos na segunda metade do século XIX, devido à festividade.

O percurso que a comunidade nos indicou não apresenta nenhum vestígio de que tivesse sido um percurso processional. O crescimento das freguesias leva ao desaparecimento destes instrumentos e noutros casos perdem a sua identidade de

²⁰⁸ **COSTA**, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Salvador de Perosinho*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Junta de Freguesia de Perosinho, 2000. P. 242

sacralização passando a ter significado apenas para uma pequena parte da sua comunidade nos ritos religiosos.

3.3.3 -A Via-Sacra e o Calvário de Argoncilhe

A via-sacra na freguesia de Argoncilhe (fig. 84) principia na igreja matriz cujo patrono é S. Martinho e termina na capela de Nossa Senhora das Neves. O percurso é feito por duas ruas principais, a rua de S. Martinho e a rua de S. Domingos.

O caminho processional é marcado por nove cruzeiros até aos três cruzeiros do Calvário. Os restantes ficam depois espalhados pelo Largo da capela de Nossa Senhora das Neves.



Fig. 84 - Percurso da via-sacra entre a igreja de Argoncilhe e a capela de Nª Sra. das Neves. Freguesia de Argoncilhe. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018

Também estes cruzeiros foram movidos do seu lugar original em alguns casos e outros mantidos. O nosso registo fotográfico (fig. 85), realizado ao longo do trabalho de campo na rua de S. Martinho, mostra a localização final destes elementos após as obras para melhoramento e alargamento da rua. Contudo, através da ferramenta *Google Maps* na *Street View* (fig. 86) datada de 2009 podemos ver a deslocação e as obras feitas neste local, compreendendo onde estavam os cruzeiros.



Fig. 85 - Cruzeiro da via-sacra atualmente. Freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 86 - Cruzeiro da via-sacra em 2009. Print a partir do Google Maps, 2018

Os cruzeiros marcavam o início de culto, de construções e não deviam ser movidos do seu lugar original, porque, além de serem protetores de lugares, também são marcos de limites de outras épocas e crenças.

Na freguesia de Argoncilhe parece ter havido esse cuidado em manter os cruzeiros nos seus lugares originais - a maior parte deles - e demolir apenas o muro para alargar a via.



Fig. 87 - Calvário localizado no adro de Nª Sra. das Neves. Lugar de S. Domingos, freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

No fim deste percurso processional, encontramos o Calvário (fig. 87), localizado no adro da capela da Nossa Senhora das Neves. Além das três cruzes que marcam o Calvário, o local contém outras cruzes. Certamente que os outros cruzeiros serão marcos com outras funções, sendo o que se encontra em frente à capela um marco de lugar de templo e outros poderão estar relacionados com mudanças na liturgia.

3.3.3.1 - Capela de Nossa Senhora das Neves, Argoncilhe

Anteriormente a esta capela dedicada a Nossa Senhora das Neves existiu uma primitiva que seria abobadada. A atual foi mandada construir em 1581 pelo Prior do mosteiro de Grijó.

As obras dos finais do século XX no interior desta capela permitiram a descoberta da imagem que vemos no altar (fig. 88). Durante a nossa conversa com a D. Maria José Pinto, uma das zeladoras da capela e responsável pelo andor que carrega a imagem antiga de Nossa Senhora das Neves, descobrimos que o retábulo que constituía a capela-mor foi retirado há cerca de 30 anos, descobrindo-se, assim a imagem.



Fig. 88 - Altar da capela da N^a Sra. das Neves. Lugar de S. Domingos, freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

A referência à existência deste nicho que se encontra na capela-mor, surge já no *Santuário Mariano*²⁰⁹. As obras realizadas na capela posteriormente a esta documentação certamente terão apagado a sua existência da memória da comunidade, assim como a presença desta imagem. Tanto o nicho como a imagem da Nossa Senhora das Neves encontravam-se escondidos por um retábulo retirado há cerca de 30 anos.

As narrativas que circulavam no seio da comunidade antes desta descoberta no apenas se referiam à imagem mais antiga que, atualmente, sai nas procissões. No

²⁰⁹ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. [Em-linha]. Disponível em: <https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1>

inventário realizado na obra *Nossa Senhora na Arte*²¹⁰ a imagem da Nossa Senhora das Neves, a mais antiga (fig. 89), é datada da segunda metade do século XVI:

“(...) não tem retabolo de madeyra; mas tem huma targe, ou cousa semelhante a ella grande, & de pedra muyto bem lavrada, que começa do Altar, ou da banquetta para sima, em que está collocada a Imagem da Senhora. (...)a segunda Imagem he de mayor estatura; porque tem cinco palmos, he obra mais moderna, & tambem de pedra, mas de excellente escultura, tem o Menino Deos em seus braços, & ambas as Imagens da Mãy, & do Filho Santissimo tem coroas de prata muy perfeytas.”²¹¹



Fig. 89 - Primeira imagem dedicada a Nª Sra. das Neves. Capela de Nª Sra. das Neves, lugar de S. Domingos. Freguesia de Argoncilhe. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

Esta segunda imagem foi mandada fazer em Coimbra²¹², depois de a primeira ter desaparecido e colocada, então, no seu lugar. Mais tarde, segundo a tradição, a imagem foi descoberta numa capela em Aveiro e os moradores da freguesia de Argoncilhe foram buscá-la²¹³. Contudo, não querendo desfazer-se da nova imagem de Nossa Senhora das Neves, colocaram a mais antiga no lado da epístola como mencionado no trecho.

²¹⁰ COUTINHO, B. Xavier. *Nossa Senhora na Arte – Alguns Problemas Iconográficos e uma Exposição Marial*. Associação Católica do Porto, 1959. P. 198

²¹¹ SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 511-513 [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]

²¹² SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 512-513 [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]

²¹³ SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*.

“Há nesta Ermida duas Images de nossa Senhora, & ambas formadas de escultura de pedra, & esta he a mais antiga; tem o Menino Deos sobre o braço esquerdo, & este te na mão duas espigas, huma de trigo, & outra de milho painço, tudo de pedra; & esta Santissima Imagem he a quem os seus devotos dão o titulo das Neves; não está no meyo da targe, pela causa que adiante direy; mas està cm grande veneração no mesmo Altar à parte da Epistola, sobre a Banqueta, & debayxo de hum docel de tella, colocada sobre huma pianha tambem de pedra, ou represa, que sahe da mesma targe”²¹⁴

Havia o costume de se fazerem três procissões de Ladainhas com o Cura da igreja de S. Martinho de Argoncilhe. A primeira ia à Capela de Nossa Senhora das Neves, a segunda à Capela de Nossa Senhora do Campo, ambas na mesma freguesia, e a terceira destinava-se a ir à Nossa Senhora de Fontes em procissão, juntamente com o mosteiro de Grijó²¹⁵.

O culto a Nossa Senhora das Neves ainda é muito forte, sendo já muito concorrido pelo menos desde o final do século XVII e inícios do século XVIII. Sabemos que muitas das freguesias vizinhas visitavam a capela:

“(…) sua casa muyto frequentada de romagens, faziaõse-lhe novenas, & muytos em acção de graças por favores recebidos lhe hiaõ levar as suas promessas, como ao presente se continuaõ, & tambem hiaõ muytos povos, & lugares daquelle destrito com as suas procissoens, & ainda ao presente vaõ à Freguesia de Lobaõ, a de Mozellos, a de São Jorge, a de Saõ Guido, a do Olival, & a de Sandim incorporadas com os seus Parocos; tambem se vem ao presente muytos signaes, & memorias dos favores, & mercès da Senhora, ender das paredes daquella sua casa, muytos quadros, & alguns delles bem antigos, & gastados do tempo.”²¹⁶

Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 512-514 [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

²¹⁴ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 512-514 [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

²¹⁵ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 147

²¹⁶ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*.

A D. Maria José Pinto presenteou-nos com mais uma narrativa em torno da Nossa Senhora que hoje se conta na comunidade. Segundo a tradição, houve uma época de muito calor e os moradores locais pediram a Nossa Senhora que nevasse e assim aconteceu. Foi a partir deste acontecimento que as pessoas começaram a tratar a Nossa Senhora como Nossa Senhora das Neves.

Capítulo 4. – Lugares destinados ao Sagrado

Desde a Idade Média que existe o costume de proteger o território através de símbolos sagrados, sendo muitos deles mencionados no capítulo anterior. Contudo, também a construção de ermidas está associada a espaços sacros, definidos desta forma pela sua localização em lugares altos e distantes dos núcleos habitacionais. A visita a ermidas exige que o romeiro se desloque até ao local a fim de pedir ou agradecer algo.

Além disso, todos os pequenos templos têm vindo a ser considerados ermidas, não havendo a distinção entre as terminologias de capela e ermida²¹⁷. Ao longo do tempo ambas as terminologias têm sido indiferenciadamente utilizadas para o mesmo objeto, sendo uma realidade atual. O termo ermida indica, assim, lugares afastados dos aglomerados urbanos e dados como lugares onde se manifesta o divino, definição que tem que ser compreendida dentro de períodos cronológicos.

Assim, a contemporaneidade tem vindo a usar tanto capela como ermida para todos os templos que distam do centro das freguesias ou cidades e que apresentam a função de proteger os campos e as colheitas²¹⁸. No entanto, não é nossa intenção discutir no âmbito deste estudo esses dois conceitos, mas sim trazer uma leitura crítica sobre os lugares onde se inserem. Além disso, temos recorrido ao longo do trabalho o uso do termo capela em vez de ermida para evitar confusão nas terminologias.

Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 513-515 [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

²¹⁷ RESENDE, Nuno. *Fervor & Devoção: património, culto e espiritualidade nas ermidas de Montemuro : séculos XVI a XVIII*. Tese de doutoramento em História da Arte Portuguesa. Porto, 2011. P. 36

²¹⁸ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. Religiosidade popular e ermidas. *Religiosidade Popular. Studium Generale: Estudos Contemporâneos*. Porto. Nº 6 (1984). P. 14

“Habitar não é a única maneira de nos situarmos. Todos os actos da vida, particularmente os que se repetem, implicam certas localizações de formas, de signos, de valores, de representações, e, por conseguinte criam lugares.”²¹⁹

Os lugares isolados, como os santuários no topo dos montes, ainda conservam a sacralidade devido à permanência das práticas devocionais, tornando-se também importantes polos do crescimento económico pela sua vertente turística.

Partindo da dinâmica dos espaços, analisaremos o caso da capela da Nossa Senhora de Fontes que não pode ser entendida como objeto singular, mas sim como elemento dinamizador do sítio onde se insere.

Relembremos o caso do Monte Murado, já analisado no capítulo *Na encosta do Monte Murado: A Capela de Nossa Senhora do Pilar*. A deslocação da imagem da Nossa Senhora de Crasto - que estaria na antiga fortificação localizada no Monte Murado - para o lugar Crasto e, de forma sugestiva posteriormente, para a igreja matriz de Perosinho. Todas estas deslocações interligam os vários espaços mencionados, diluindo as barreiras geográficas locais, podendo ser esta imagem considerada dinamizadora dos espaços.

O mesmo acontece na freguesia de Serzedo, no lugar de Fontes. A edificação da capela de Nossa Senhora de Fontes cujo culto gera a dinâmica entre dois espaços: o lugar da capela e o lugar da aparição. Este desenvolvimento é distribuído ao longo da via principal, respeitando o espaço da capela, erguida num ponto mais elevado mas inserido na malha urbana situada perto da referida via:

“A eleição do local, em montes, para a implantação de ermidas pode também ser motivada pelas lendas que os enaltecem quando, por exemplo, aí há tradições de velhos povoados ou castelos (...). As capelas isoladas prestam-se muito melhor que as paroquiais às vivências de peregrinação que é partir (saindo do espaço quotidiano), o fazer uma viagem, idealmente a pé, passando por espaço não familiar e por vezes custosos, para ter a sensação de encontro num espaço sagrado e aí saudar o santo, dar as voltas à capela, entrar, rezar, tocar ou beijar a imagem e deixar esmola”²²⁰.

²¹⁹ **FREMONT**, Armand. *A Região, Espaço Vivido*. Editor Livraria Almedina. Coimbra, 1980. P. 133

²²⁰ **MATTOSO**, José. *Portugal Medieval. Novas Interpretações*. Vol 8. Círculo de Leitores. 2002. P. 81

A partir da época moderna a leitura dos espaços modifica-se e no mesmo lugar veremos a convivência simultânea de realidades profanas e sagradas:

“É preciso, entretanto, observar que o espaço que hoje aparece no horizonte de nossas preocupações, de nossa teoria, de nossos sistemas não é uma inovação; o próprio espaço na experiência ocidental tem uma história, e não é possível desconhecer este entrecruzamento fatal do tempo com o espaço. Pode-se dizer, para retrair muito grosseiramente essa história do espaço, que ele era, na Idade Média, um conjunto hierarquizado de lugares: lugares sagrados e lugares profanos, lugares protegidos e lugares, pelo contrário, abertos e sem defesa, lugares urbanos e lugares rurais (onde acontece a vida real dos homens).”²²¹

A antiga hierarquização existente na Idade Média vai perdendo força e as práticas das suas comunidades veem os espaços a coexistir no mesmo local. As capelas e/ou ermidas distanciavam-se das “igrejas paroquiais e pela sua requerida posição dominante elas se implantam, tantas vezes, perto dos limites paroquiais”²²², além de comporem a paisagem da aldeia, completando “demarcação das fronteiras do espaço religioso.”²²³. Cria-se um vínculo entre os locais e os mártires contribuindo para a peregrinação, assim como a existência de relíquias, muito promovida na época moderna²²⁴. Todavia, uma imagem encontrada pode ser também considerada como uma relíquia para a sua comunidade, sendo suficiente para despoletar um lugar de devoções e crenças.

4.1. Nossa Senhora de Fontes: Espaços Conectados

A capela, simbolicamente passa a ser vista como um elemento que contribui para a proteção do território. As lendas e/ou aparições pressupõem o nascimento de um culto e incentivam a construção de um templo, caracterizando-o como um sítio sagrado simbolicamente.

²²¹FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. Outubro de 1984. P. 411-412

²²²MATTOSO, José. *Portugal Medieval. Novas Interpretações*. Vol 8. Círculo de Leitores. 2002. P. 80

²²³SANTOS, Maria Madalena Loureiro dos. *Penafiel – Cruzeiros e Alminhas. Subsidio para um inventário*. Relatório de Estágio do Mestrado em História da Arte portuguesa apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2017. P. 13-14

²²⁴ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da. *Dirigismo na produção da imaginária religiosa nos séculos XVI-XVIII: as Constituições Sinodais*. Separata da revista Museu – IV, série nº5, 1996. P. 188



Fig. 90- Capela de Nª Sra. de Fontes, Lugar de Fontes, freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016



Fig. 91 – Epigrafe com a informação da construção da capela de Nª Sra. de Fontes. Colocada no interior da capela. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016

Durante e no rescaldo do Concílio de Trento deu-se a transladação da imagem da aparição, para o novo templo, um lugar “melhor & mais levantado, & fez isto no anno de 1556”²²⁵, pelo Prior Vicente da Gama (1555-1558), cónego do Mosteiro.

“Tem na porta principal da banda de fora um rotolo q diz: Esta Ermida de N. S. de Fontes é do mosteiro de Sam Salvador da Igreja e sufragança à sua igreja de S. Mamede de Cerzedo; a qual foi de novo reedificada por Prior e Convento do dito mosteiro em o anno de Jesus Nosso Senhor 1556 annos em 8 de dezembro”²²⁶.

Esta epígrafe (fig. 91) estaria na parte de fora da capela, encontrando-se agora à entrada da nave do lado do evangelho.

Antes da edificação desta capela (fig. 90), não muito longe da atual, existiu uma outra também dedicada ao culto a Nossa Senhora de Fontes, lugar onde lhe é atribuído a aparição da imagem:

“(…) **apparecera no sitio em que se lhe fizerama primeyra Ermida**, a qual ficava em distancia da em que hoje está a Senhora, pouco mais de **hum tiro de pedra para a parte do Sul** (...). Deo-se logo parte aos Religiosos daquelle Mosteyro de Grijó, que a

²²⁵ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 504-505 [Em-linha]. Disponível em: <https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1>

²²⁶ **CRUZ**, D. Marcos da. *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosdeio athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 149

sorão buscar, & trouxerão em procissão para o seu Mosteyro, collocando-a em lugar decente; porèm **como a Senhora havia escolhido aquelle lugar**, para delle fazer muytos favores, & beneficios àquelles candidos Aldeomens, **não quis ficar na casa dos Religiosos**, no dia seguinte a não acharão, & fazendo se as devidas diligencias pela descobrir, **vierão finalmente a achalla no mesmo lugar da sua manifestação**; segunda vez a levárão os Religiosos para o seu Mosteyro; mas a **Senhora os desenganou, que a sua morada havia de ser no sitio em se havia manifestado**. Reconhecida a vontade de May de Deos, lhe mandarão logo fazer hum nicho de madeyra em quanto se lhe fazia hua Ermida, em que fosse venerada, & buscada de todos, & por ser descoberta entre duas fontes, lhe derao o titulo (...)”²²⁷

A crença nesta manifestação, onde presenciamos o fervor e veneração de uma imagem nos locais de aparição, enriquece a sacralidade do local e o seu significado²²⁸.

Com a transferência da imagem milagrosa para a nova capela, esse espaço tornava-se o principal lugar de culto a Nossa Senhora de Fontes.

O local da antiga capela (fig. 92) continua vivo na memória da população, sendo referido até aos nossos dias. Todavia, o culto destina-se à atual capela e a comunidade dedica as suas orações à imagem do altar-mor.

Assim, torna-se o principal lugar de culto à imagem e, o facto da antiga capela hoje estar subterrada demostra que a sua importância diminuiu ao longo do tempo. Ressalvamos que, devido à falta de documentação que possa comprovar esta lacuna, apenas referimos que durante o século XX as pessoas se dirigiam ao local à procura da água, considerada milagrosa, que jorrava das duas fontes que ladeavam a antiga capela²²⁹. Esta atribuição a água milagrosa prende-se com a necessidade de sacralizar lugares, desde a Idade Média, onde nascia água considerado um bem essencial à vida. Como a água vem

²²⁷ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 504-509. [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]. Destacamos no texto as informações que são mais relevantes para o nosso trabalho.

²²⁸ **MATTOSO**, José. *Portugal Medieval. Novas Interpretações*. Vol 8. Círculo de Leitores. 2002. P. 79

²²⁹ Esta informação é facultada pela comunidade local. Algumas pessoas presenciaram este acontecimento há relativamente poucos anos

de baixo de pedras – que eram vistas como lugares de onde saíam entidades malignas – tem de ser sacralizada com capelas, aparições ou cruzes.

No entanto, nos nossos dias a memória deste lugar apenas se preserva numa faixa mais envelhecida da comunidade local, devido às transformações no local, marcadas pela transferência do culto para a nova capela.



Fig. 92 - Captura de ecrã da vista aérea da localização da passagem e capela antiga da Nossa Senhora de Fontes. Google Maps. Alterações realizadas por Vera Barbosa, 2018

O novo local possivelmente pertenceria aos terrenos do Mosteiro de Grijó, visto que poucos anos depois, em 1588, existe a compra do assento da Ermida de Nossa Senhora de Fontes por D. Nicolau dos Santos²³⁰. Considerando esta informação, porventura não teria esta comunidade monástica o interesse do domínio da Ermida e do seu assento?

Outra razão que poderá ter levado a essa mudança relaciona-se com a posse do terreno que em meados do século XVII pertencia a Francisco Alurey²³¹. Contudo, não podemos esquecer que uma das questões debatidas na reforma católica se prendia com localização de templos em lugares limpos e destacados.

O terreno onde se localiza a antiga capela destina-se a albergar hoje uma vertente mais lúdica da festa religiosa da Nossa Senhora de Fontes, realizada no dia 8 de setembro.

²³⁰ **CRUZ**, D. Marcos da. *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 362v

²³¹ **CRUZ**, D. Marcos da. *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 149

Na planta²³² (fig. 93) vemos que esse lugar se encontrava desocupado nos finais do século XIX, possuindo apenas uma pequena estrutura junto à estrada municipal que poderia tratar-se de uma pequena habitação, lavadouro ou fonte.

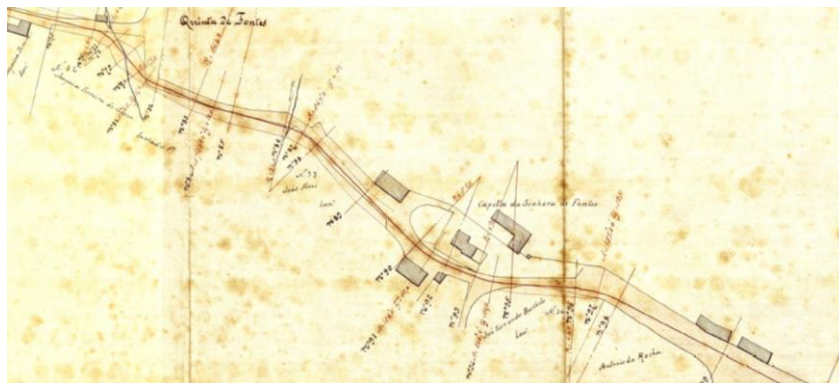


Fig. 93 - Recorte da Planta com marcação da estrada municipal entre Serzedo à Póvoa (Grijó). Datada de 1884

Levantamos esta hipótese porque percebemos a existência de um elemento, marcado na planta mais à esquerda, com dimensões semelhantes, que seria possivelmente um moinho, uma vez que distinguimos a passagem de um canal de água com desvio para esse equipamento. Talvez este elemento fosse destinado ao uso comunitário, visto que as habitações parecem estar representadas nesta planta em dimensões superiores.

Esse caminho estreito, que aparece na planta de 1884, hoje está ocupado por umas escadas. A estrutura projetada no mapa já não existe, no seu lugar temos uma edificação construída pela Câmara Municipal de Gaia em 1968, situada mais abaixo. Não sabemos o que contém no seu interior, sabendo apenas tratar-se de um equipamento de água que serviu a comunidade. Mais uma vez a existência de algum equipamento de água perto da estrada, que o atual veio a substituir, parece-nos plausível. Esta estrada ainda não estava concluída no início do século XX, havendo obras entre os anos de 1907 a 1910²³³.

No século XVII e XVIII torna-se muito concorrida e, por isso, mais que a escolha de um lugar alto e limpo, acreditamos na existência de um interesse económico por parte

²³² Projeto da estrada de Serzedo à Póvoa. 1884, f. FALTA. Cota A/9/2-Pt.6-Doc.24. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. [Em-linha]. Consulta realizada em: 25 de abril de 2018 às 10:23. Disponível em: A.M.S.M.B. [<https://bit.ly/2InPgr8>]

²³³ COSTA, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Mamede de Serzedo – A propósito do milenário da sua Igreja*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Serzedo, 2000. P. 162

da comunidade monástica. A vontade do Prior D. Vicente da Gama (1555-1558) de custear toda a construção e pedir uma nova imagem para culto abarcou muito mais que devoção. Em momento de reforma da Ordem com a separação dos bens entre o mosteiro em Vila Nova de Gaia e Grijó entre 1564 a 1566, assim como a reforma do mosteiro de Grijó, certamente este património gerido pelos cônegos também constaria nas obras de melhoramento.

Assistimos à apropriação por parte de uma Ordem de uma imagem e um lugar, muito frequentado pelas freguesias vizinhas e não só. Interessava controlar e também mostrar o poder desta comunidade religiosa através dos materiais usados para a edificação da capela, descrita entre os séculos XVI e XVII de “ouro e azul sua das couzas mais assuada q se acha fora dos muros da cidade”²³⁴. Frei Agostinho de Santa Marinha acrescenta ainda:

“Tem esta nova Ermida, que he de **bastante grandeza**, & capacidade, em o corpo huma Capella separada do corpo da Ermida, que faz de comprido vinte palmos, & de largo dezasete, & no **arco da mesma Capella tem grades de pao preto bronzeadas**, & feytas ao moderno com muyta perfeição; toda a **Capella está azulejada**, & tem bastante Sacristia, aonde se guardão as cousas, que pertencem ao culto, & serviço da Senhora; o corpo da Ermida tem quarenta & hum palmo de comprido, que **também está azulejado**; tem na **porta principal hum alpendre obrado com muyta perfeição**, & lageado (...)”²³⁵

A escolha do lugar não se terá restringido apenas ao “aspecto paisagístico do local eleito para a implantação da capela, escolhido por ser ameno, por ser dominante ou por ser espaço invulgar”²³⁶, como muitas vezes nos surge referido na documentação relacionada em outras ermidas. Este local, onde se encontra a capela de Nossa Senhora

²³⁴ **CRUZ**, D. Marcos da. *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 149

²³⁵ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 504 – 509. [Em-linha]. Disponível em: <https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1>. Destacamos no texto as informações que são mais importantes para o nosso trabalho.

²³⁶ **ALMEIDA**, Carlos Alberto Ferreira de. *Religiosidade popular e ermidas*. Religiosidade Popular. Studium Generale: Estudos Contemporâneos. Porto. Nº 6 (1984). P. 78

de Fontes, certamente também funcionava com um marco de território pertencente ao mosteiro de Grijó.

Outra questão que levantamos na análise deste lugar é a possibilidade de capela da Nossa Senhora de Fontes ter sido um antigo santuário pelas suas características. A realidade é que se torna num templo com peregrinações e romagens e na documentação é por vezes referenciada como um santuário:

“(…) vem algumas procissoens de antigo costume áquelle Santuario, como são de todas as Freguesias daquelle Izento, que ficão nos limites do Bispado do Porto (…).”²³⁷

Além das habituais procissões que se realizavam durante o ano, também nos é descrito uma situação que prova a devoção forte por Nossa Senhora de Fontes no século XVII:

“Estando aquella Comarca da Feyra muyto afflicta, com as muytas, & graves doenças, que havia, & de que morrérão muytos, sendo Prior daquelle Convento de Grijó hum Religioso de muyta virtude, & zelo, ordenou se fizesse huma procissão de preces à Senhora das Fontes; com esta noticia concorreo muyta gente, no dia em que ella se havia de fazer para acompanharem a Senhora, & para isso se enfeytarão os caminhos, fizeram-se Altares, & arcos triunfaes (...) aonde acompanhavão tambem muytos Conigos, & Sarcedores seculares, que hiaõ entoando a Ladainha com muyta devoção.”²³⁸

Com efeito, tal comprova a força e expansão de um culto para além do seu espaço. Se na freguesia de Perosinho é uma imagem que permite mitigar as barreiras geográficas

²³⁷ SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 504 – 509. [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]. Destacamos no texto as informações que são mais importantes para o nosso trabalho.

²³⁸ SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 504 – 509. [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]. Destacamos no texto as informações que são mais importantes para o nosso trabalho.

através da sua narrativa de transladação, aqui estamos perante uma situação de fé que contribui de igual modo para atenuar as barreiras.

No capítulo seguinte veremos com mais detalhe procissões que ocorriam pelo território, sendo mencionado a capela de Nossa Senhora de Fontes. Atualmente, ainda se assiste à afluência de pessoas do concelho de Vila Nova de Gaia e de Santa Maria da Feira.

Os santuários não surgem unicamente em pontos altos. Também sacralizam lugares ermos de baixa altitude como nos mostra este exemplo, localizado num vale, nos limites da freguesia. Pela questão da sua localização, perto de uma das vias principais e nos limites de uma paróquia, fatores que pesaram na escolha do lugar. No entanto, não podemos esquecer da questão simbólica referente à proteção.

Cercado por Outeiros, como menciona a toponímia dos lugares vizinhos e também a Quinta dos Outeiros, além de ser descrito à época como um lugar de montes e bosques com várias alamedas de castanheiros entre outras árvores²³⁹.

Presentemente, esta capela cumpre a sua função primária destinada ao culto, persistindo a vontade de sacralizar o seu lugar, mantendo-se destacada. Não obstante esta realidade, e ainda que muito viva pela comunidade, tem vindo a ser alvo de tentativa de apropriação do seu adro para a criação de uma via de acesso aos terrenos que ladeiam a capela.

Esta tentativa de monopolização conduziu o padre anterior da freguesia a gradear do recinto como medida preventiva e de tentativa de proteção do lugar.

Sabemos, através de um testemunho dado pelo Senhor João Manuel Oliveira²⁴⁰, que existia um edifício perto da capela que podia ser o mesmo assento comprado pelo D. Nicolau Santos em “ (...) 1588 em q comprou o assento da Ermida a Sra. de Fontes por sincoenta mil reis, q ao principio servio de virem a elle os Padres deste mosteiro ter um dia de refugio do

²³⁹ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 504 – 509. [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]

²⁴⁰ Morador do Lugar de Fontes onde se localiza a ermida de Nossa Senhora de Fontes

trabalho de toda a semana. Hoje he onde os curas de Cerzedo tem a sua residência.”²⁴¹. A tratar-se da mesma, esta fora demolida recentemente, altura em que a posse da residência pertencia à Quinta do Outeiral. Após observarmos a planta de 1884 (fig. 93) é perceptível a sua existência numa estrutura em «L» onde se lê *Capella de Senhora de Fontes*.

As transformações que atualmente vemos neste local são o resultado das obras feitas em 1988 (fig. 94).



Fig. 94 - Registo das obras feitas na capela de Nª Sra. de Fontes. Localizada no interior da capela. Lugar de Fontes, freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016

4.1.1 As Imagens de Nossa Senhora de Fontes

Ao contrário do que vimos na capela da Nossa Senhora do Pilar, o sentimento de pertença por parte da comunidade sobre o lugar de Fontes, permitiu que a devoção e os seus objetos - destinados ao culto-, assim como a história local, não se dissipassem ao longo do tempo.

A imagem (fig. 96) que se encontra no altar, ao centro do retábulo (fig. 95), trata-se da mesma encomendada por Prior Vicente da Gama (1555-1558) no século XVI, altura em que também se trasladou a primeira imagem da antiga capela:

“He esta Santissima Imagem de escultura, **formada em pedra**; mas tão excellentemente obrada, que **não parece ser obra das mãos de homens** (...)a sua proporção tão quatro palmos & meyo; & tem ao **seu soberano Fillho Menino sobre o**

²⁴¹CRUZ, D. Marcos da. *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 362v

braço esquerdo; lançando a mão direyta ao rosto da Senhora, com huma tão natural, & engraçada acção, que enleva os corações de quantos contemplão esta graça, para com a soberana May, a que ella tambem responde pegando lhe no pè esquerdor com a sua mão direyta, & olhando para elle com um carinho (...)está pintada, & estofada sobre a mesma materia de pedra com todo o primor, & perfeição da arte, com floroens de ouro, & algumas pedras que fazem as roupas muyto mais lustrosas [fig. 97]; tem coroa imperial, & o Menino outra, ambas de prata ricamente lavradas.”²⁴²



Fig. 95 - Altar da capela da Nª Sra. de Fontes. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital, 2016



Fig. 96 – Imagem da Nª Sra. de Fontes no altar da capela da Nª Sra de Fontes. Freguesia de Serzedo. Fotografia digital, 2016

Poucas foram as mudanças desta imagem entre o século XVIII e a atualidade. Sabemos que a coroa que a Nossa Senhora de Fontes tem é outra, estando a anterior na sacristia, e não encontrámos a coroa de Jesus correspondente à descrição. Ao lado desta imagem, pelo menos no século XVIII, existia uma imagem mais pequena que segundo a tradição era a imagem milagrosamente aparecida:

“ (...) assim se tem por certo ser huma **Imagem pequenina**, que em **hum nicho proporcionado ao seu tamanho se vé** (que não **excede de palmo**) esta se vé **junto à Imagem grande**: esta Imagem pequenina, que se deve ter certamente, pela que **milagrosamente se manifestou, que parece ser de madeyra, está estofada, & tem o**

²⁴² **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 504 – 509. [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1]

Menino Deos sobre o braço esquerdo, mas na manufactura não he tão perfeytamente obrada, como a Imagem grande de pedra.”²⁴³



Fig. 97 - Detalhes do Traje de Nossa Senhora de Fontes. Pintado e estofado sobre a pedra. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016

Essa mesma imagem também era usada nas procissões que aconteciam todos os meses²⁴⁴. No curso da nossa investigação identificamos duas das imagens (fig. 98 e fig. 99) guardadas na sacristia, ambas esculpidas em madeira, com cerca de um palmo como descrito no trecho. Ainda que a falta de documentação comprove se alguma destas imagens é a que vemos descrita, não permitindo a confirmação de qual das imagens seria a que estava na antiga capela fomos informados de uma imagem (fig. 98) usada em procissões. Neste sentido, consideramos essa imagem a da aparição, o que vai de encontro à própria idia da comunidade. Mais do que debatermos sobre a primeira imagem dita milagrosa, interessa compreender a força da devoção e a crença sobre uma imagem e como ela permanece e continua a manter esse fervor até aos nossos dias.

²⁴³ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 507 – 509. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

²⁴⁴ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 507 – 509. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)



Fig. 98 - Imagem possível da aparição na antiga capela. Lugar de fontes, freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2016

As narrativas sobre imagens milagrosas que voltam aos locais onde apareceram mostra a vontade de proteger lugares ou a necessidade de criar novos polos de devoção, muito mais visíveis no culto mariano. Essas aparições, por sua vez, são sempre feitas a crianças ou pastores e a imagem deve voltar ao lugar onde foi encontrada. As imagens que mais recebem devoção são as que aparecem milagrosamente de várias formas sendo a de Nossa Senhora de Fontes por meios de revelação celeste em lugares pouco habitados, ou seja, em lugares que à época seriam ausentes do quotidiano humano. Estas imagens são tratadas com valor-relíquia, o que se traduz em um carácter imemorial ou milagroso²⁴⁵.

O fervor deste culto a Nossa Senhora de Fontes é registado até aos nossos dias pelos ex-votos²⁴⁶ que a ela são dedicados e, sendo possível identificar na capela um ex-voto (fig. 99) que faz referência a uma parte da sua narrativa. Neste quadro conseguimos ver a aparição da imagem a um pastor. Interessante de notar que o Santuário Mariano²⁴⁷ e a Crónica de Grijó não referem se seria um pastor ou uma criança. Contudo, por serem

²⁴⁵ **ALMEIDA**, Carlos Alberto Ferreira de. *O culto da Nossa Senhora, no Porto, na época moderna: perspectiva antropológica*. Porto: [s.n.], 1979. P. 161

²⁴⁶ “O ex-voto assume a vocação memorativa dessa esperança, testemunho, antes d mais, uma atitude profundamente crente, na entrega com confiança ao Deus da vida, que se faz presença amorosa também na protecção intercessora dos santos. (...) O ex-voto baliza sempre, independentemente da expressão, tipologia ou riqueza informativa, dois vectores que assinalamos como nucleares: traduz um gesto e cria uma memória.”. **AZEVEDO**, Carlos Moreira (Dir.). *Dicionário d História Religiosa de Portugal*. Centro de Estudos d História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Volume 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. P. 234

²⁴⁷ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723.

lugares de cultivo houve esta associação e adaptação à realidade da época. Também pode descrever que quem doou era um pastor que se fez retratar como a pessoa a quem surgiu o milagre.

A imagem de Nossa Senhora das Fontes, na narrativa surgiu entre duas fontes e não no céu. Por isso, reforçamos a ideia de se tratar de uma adaptação por parte de quem o ofereceu. No entanto, esta visão de aparição a um pastor permaneceu na memória da comunidade, havendo a junção por parte da narrativa - que afirma a aparição da imagem entre duas fontes – e a aparição ter sido feita a um pastor.



Fig. 99 - Ex-voto guardado na capela de N^a Sra. de Fontes. Fotografia digital, 2016

“Muytos são os prodigios com que a Mãe de Deos sempre favoreceo as suplicas, & **orações dos seus devotos**, & de muytos delles são **testemunhas as memorias, que deyxarão, em mortalhas, cabeças, braços, peytos, corações, & outros signaes semelhantes, que se vêm pender do arco da sua Capella, & Ermida**; vem algumas **procissoens de antigo costume áquelle Santuario**, como são de todas as Freguesias daquelle Izento, que ficão nos limites do Bispado do Porto, no ultimo dia das Ladainhas; tambem em occasioens de necessidades publicas vão os moradores daquellas terras, com as suas procissões a buscar o favor, & amparo (...)”²⁴⁸

²⁴⁸ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 507 – 509. [Em-linha]. Disponível em: [\[https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1\]](https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1)

Esta devoção descrita no século XVIII ainda se vive. No dia da festa, dedicada a Nossa Senhora de Fontes ainda se veem oferendas em cera como forma de agradecimento pela sua intervenção. Também se presenteia com colares de ouro, sendo alguns colocados na imagem que sai no dia da procissão. Além disso, outras formas vão surgindo como forma de devoção, como oferecer o véu à mesma imagem assim como, contribuir de forma monetária para que a festa continue a existir.

O culto a Nossa Senhora de Fontes ainda é muito forte, sendo uma das demonstrações de devoção no dia da procissão. Após se realizar o percurso processional, o andor com a imagem da Nossa Senhora de Fontes é dirigido para o fogo-de-artifício, porque a população quer que a Nossa Senhora veja o que prepararam para si. É uma forma de homenagear e agradecer.

4.2. Igreja de S. Mamede de Serzedo: As relíquias de S. Mena

Para além dos marcos e as capelas expostas nos limites das freguesias ou em lugares ausentes do quotidiano que protegem esses espaços, às igrejas é atribuída a proteção de uma paróquia e simultaneamente são o marco legítimo de um território:

“A igreja não só obriga e protege os mortos, assegurando-lhes o além, mas também beneficia os vivos e é a garantia da protecção de Deus para os frutos da terra e do exorcismo dos males. Dela saíam as procissões, com relíquias e ladainhas, a abençoar os campos e a excomungar as pragas das sementeiras. Ela era o pólo da protecção de Deus e dos seus santos para os vivos e seus interesses (...)”²⁴⁹

Durante o nosso estudo, poucas informações foram surgindo sobre a igreja matriz de Serzedo, também denominada com igreja de S. Mamede de Serzedo (fig. 100). No entanto, como todos os edifícios que temos vindo a estudar pertenceu ao património do Mosteiro de Grijó:

²⁴⁹ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Território paroquial de Entre-Douro-e-Minho: sua sacralização*. Nova Renascença . Porto: Associação Cultural "Nova Renascença". Vol. I, nº 2 (1981). P. 207

“A igreja de Serzedo geria, na zona, os interesses do Mosteiro, sendo um prolongamento da acção do prior e dos cônegos e tinha uma certa autonomia resultante das avultadas rendas recebidas. (...) várias vezes, as funções paroquiais em Serzedo eram exercidas por cônegos agostinhos. Somente, em Grijó, Serzedo e Sá na freguesia de Rio Meão, as terras eram exploradas directamente.”²⁵⁰



Fig. 100 - Igreja de Serzedo. Lugar da Igreja na freguesia de Serzedo. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

A apropriação deste edifício sucedeu durante o século XII, quando os cônegos compraram a parte de Nuno Gonçalves²⁵¹, passando a gestão da igreja, na sua totalidade para os cônegos do mosteiro de Grijó.

Em 1557 a igreja primitiva foi demolida por estar muito velha²⁵², colidindo com o período de obras realizadas durante o priorado de D. Vicente da Gama (1555-1558), como vimos já em exemplos anteriores. Foi erguida uma nova igreja, sendo apenas

²⁵⁰ **COSTA**, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Mamede de Serzedo – A propósito do milénário da sua Igreja*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Serzedo, 2000. P. 45

²⁵¹ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 147

²⁵² **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 147v - 148

concluído a capela-mor²⁵³ e, posteriormente, no tempo do Prior D. Estevam pintado o retábulo da “capela mayor”²⁵⁴.

Durante a transferência dos objetos que constavam no interior, para demolição da igreja primitiva, descobriram-se duas relíquias guardadas no altar-mor “metidas em sua pia de pedra debaixo da Ara, fechadas com sua taboa por sima, q estava celada com dois cellos, q parece eram dos Bispos q sagraram esta igreja, por ser costume antigo porem-se reliquias no altar para se verificarem as palavras, q o sarcedote diz quando entra na missa”²⁵⁵. Na nova igreja, essas relíquias foram veladas num cofre forrado a veludo carmim no exterior e colocadas no novo altar-mor aos pés da imagem de S. Mamede²⁵⁶

Essas relíquias pertenciam ao “glorioso Santo S. Mamede e S. Mena Martyres com seus rótolos; as quais estavam metidas em sua caixinha, debaixo da qual se acharam também uns pos (q pareciam ser de terra) sem rotolos algum; porem suposto que sobre eles estava a caixinha as relíquias os Santos Martyres tevece por sem duvida tambem seriam reliquias, a q se devesse veneração, e já bem pode ser fossem terra da sepultura dos Santos Martyres S. Mamede e S. Mena.”²⁵⁷.

Em relação à relíquia de S. Mamede não temos dúvidas de quem se trata, o Mártir é o Orago de Serzedo. No entanto, a relíquia S. Mena sugere-nos algumas dúvidas. Consultando a obra *Iconografía del Arte cristiano. Iconografía de los santos*, de Louis Réau, são apresentadas duas possibilidades: S. Menas mártir egípcio e S. Mena mártir de Lorena.

²⁵³ CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 331v

²⁵⁴ CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 335

²⁵⁵ CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 147v - 148

²⁵⁶ CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 147v - 148

²⁵⁷ CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 147v-148

O primeiro S. Menas²⁵⁸ (fig. 101) é um mártir do século III convertido em santo nacional no corpo dos santos egípcios. Segundo a narrativa, a sua mãe era infértil e pediu à Virgem que lhe concedesse um filho, ao qual Ela respondeu *Ámen*, como confirmação.

Foi durante o seu serviço no exército romano no Egito, que S. Menas, não concordando a perseguição aos cristãos, se converteu. Como proclamava a sua fé, sem esconder, rapidamente o imperador Diocleciano soube e ordenou que o torturassem²⁵⁹.

E “junto a su tumba brotaba una milagrosa fuente de aguas vivas donde los peregrinos llenaban sus cantimploras de cerâmica, llamadas *eulogias*. (...) en 1906, pusieron a la luz una *cripta* com una cisterna que tenía esta inscripción: «Toma agua de la san Menas si quieres que cese tu mal.»”²⁶⁰



Fig. 101 - Recorte de S. Mena das Crônicas de Nuremberg.

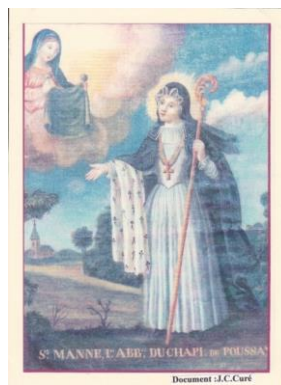


Fig. 102 - Santa Mena, Abadessa de Poussay

Enquanto Santo Mena é um culto conhecido por vários territórios cristãos, Santa Mena²⁶¹ (fig. 102) é um culto regional do Norte de França. Na obra já citada *Iconografía del Arte cristiano. Iconografía de los santos*, temos pouca informação sobre Santa Mena, sendo necessário recorrer a estudos franceses para dissecarmos sobre a sua narrativa.

Santa Mena sentindo-se ameaçada pelas perseguições aos cristãos, refugiou-se em Vosges perto de Poussay. Durante a sua fuga, deparou-se com um rio que teria de

²⁵⁸ [Em-linha]. Disponível em: [<https://www.wdl.org/pt/item/4108/>]

²⁵⁹ RÉAU, Louis. *Iconografía del Arte cristiano. Iconografía de los santos – De la G a O*. Tomo 2, Volume 4. Edições del Serbal, 2001. P. 399

²⁶⁰ RÉAU, Louis. *Iconografía del Arte cristiano. Iconografía de los santos – De la G a O*. Tomo 2, Volume 4. Edições del Serbal, 2001. P. 399

²⁶¹ Consultado a 10 de agosto de 2018. [Em-linha]. Disponível em: [<http://toulouis54.skyrock.co/3092425119-Jeuxey-88-le-tableau-de-sainte-Menne-Manne.html>]

atravessar. “Elle s’avance, se signa et les eaux se retirèrent pour la laisser passer.”²⁶². Perto do local onde sucedeu o milagre “planta son bâton dans le sol et en fit jaillir une source”²⁶³, conhecida como fonte de Santa Mena. Transformando o seu bastão numa árvore.

Após a sua morte o seu corpo foi enterrado na capela erguida nesse local em sua homenagem. No século XI o seu corpo foi transladado para a abadia de Poussay, o qual se tornou padroeira²⁶⁴. Essa transladação deu-se no ano 1036 pelo bispo Brunon – futuro Papa Leão IX –, onde foram preservadas e honradas até à revolução francesa. Em novembro de 1792 tudo que continha na abadia de Poussay foi transferido para Mirecourt²⁶⁵.

Ambas as narrativas sobre estes mártires fazem referência a fontes. Ao recordarmos a narrativa sobre a Nossa Senhora de Fontes percebemos que, além do topónimo *Fontes*, a Nossa Senhora terá surgido entre duas fontes. A partir do confronto desta documentação colocamos a hipótese de haver uma sobreposição de cultos. Independente da atribuição das relíquias a um destes mártires, existe uma reminiscência de um culto que envolve milagres em locais com fontes que tornam a água milagrosa.

Assim, com esta sugestão de haver ligação entre S. Mena e Nossa Senhora das Fontes, achamos que o culto já existiria e foi posteriormente substituído por Nossa Senhora de Fontes por volta do século XIV-XV. Apontamos para esta época porque sabemos que Serzedo em meados de 1366 se encontrava com falta de população²⁶⁶. Como tal, tinham todo o interesse em trazer mais pessoas para estas terras e, provavelmente uma das formas que fora utilizada foi a aparição da Nossa Senhora de Fontes, aproveitando um culto a S. Mena, talvez pouco lembrado à época e eventualmente substituindo-o por

²⁶² **MOZZANI**, Éloise. *Légendes et Mystères des Régions de France*. Éditions Robert Laffont, S.A., Paris, 2014. [S/ Página]. [Em-linha]. Disponível em: [<https://bit.ly/2vwWzrb>]

²⁶³ **MOZZANI**, Éloise. *Légendes et Mystères des Régions de France*. Éditions Robert Laffont, S.A., Paris, 2014. [S/ Página]. [Em-linha]. Disponível em: [<https://bit.ly/2vwWzrb>]

²⁶⁴ **A IMLING, PAR SARREBOURG**. *Notice sur Les Reliques de Sainte Menne – Vierge Toulouise au IV Siecle*. Le 6 novembre, 1861. P. 7. [Em-linha]. Disponível em: [<https://bit.ly/2M3veah>]

²⁶⁵ **A IMLING, PAR SARREBOURG**. *Notice sur Les Reliques de Sainte Menne – Vierge Toulouise au IV Siecle*. Le 6 novembre, 1861 P. 7. [Em-linha]. Disponível em: [<https://bit.ly/2M3veah>]

²⁶⁶ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 148v

uma invocação da Nossa Senhora como sucedia algumas vezes, lembrando que em 1491 já é referenciado a existência de Santa Maria de Fontes²⁶⁷.

Outra razão que nos leva a crer que o culto a Nossa Senhora de Fontes surgiu nos finais do século XIV é uma doação em 1363 por Vicente Simoes ao Mosteiro de Grijó de “humas ermidas, que tinha na freguesia de Cerzedo”²⁶⁸, onde podia constar a capela de Nossa Senhora de Fontes ou S. Mena, no caso de se tratar de uma sobreposição de culto.

Decerto poucos conheceriam S. Mena, um culto pouco expandido em Portugal. Existia o incentivo por parte da Igreja ao culto dos santos, relíquias e devoções de que as crónicas são exemplos²⁶⁹, mas é sobretudo a iconografia de Cristo que começa a ser mais valorizada com temas humanizados ou da Paixão, assim como a da Virgem²⁷⁰.

Como já referido, na época moderna houve a iniciativa de reforçar o culto às relíquias. Assim, contrariamente a esta hipótese de sobreposição de cultos, pode ter existido uma motivação, por parte dos cônegos de Grijó de promover a existência de relíquias. Sendo a nossa fonte primordial uma crónica cujo carácter se centra na glorificação, neste caso no enaltecimento de uma Ordem. Além destas relíquias, também no mosteiro de Grijó é referido a relíquia de Nossa Senhora²⁷¹. Portanto, apontamos também a hipótese de se tratar de um reforço de poder por parte desta Ordem. Não

²⁶⁷ “Em documento de 1491, há referências a Santa Maria de Fontes (M^o3, n^o11)” . Informação disponível em **COSTA**, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Mamede de Serzedo – A propósito do milénário da sua Igreja*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Serzedo, 2000. P. 58

²⁶⁸ **SANTA MARIA**, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. P. 499-501. [Em-linha]. Disponível em: [<https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1>]

²⁶⁹ **COSTA**, Marta Sofia. *A Construção da memória como instrumento de legitimação do presente: em torno da Crónica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó de D. Marcos da Cruz (século XVII)*. Dissertação no Mestrado em História e Património (Mediação Patrimonial). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Setembro, 2016. P. 42

²⁷⁰ **COSTA**, Marta Sofia. *A Construção da memória como instrumento de legitimação do presente: em torno da Crónica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó de D. Marcos da Cruz (século XVII)*. Dissertação no Mestrado em História e Património (Mediação Patrimonial). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Setembro, 2016. P. 43

²⁷¹ “Esta relíquia consta da terra, em que caio o leite da Virgem Santissima Sra. Nossa, e parte e seu precioso vestidos. Está metida em uma arca de prata obrada obra de meyo relevo. He antiga neste mosteiro por q já existia nelle no anno de 1363. Como consta do inventário q o Prior mor D. Affonso Esteves mandou fazer das couzas deste mosteiro no anno de 1363 (...)”. Informação disponível em **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 313v

havendo mais documentação que possa esclarecer a existência dessas relíquias ou a sobreposição do culto, ficam as duas hipóteses registadas como duas possíveis realidades.

Durante os séculos XVI a XVIII em Portugal, assim como na Europa, vivia-se um período de reestruturação da Igreja. Os decretos de Trento obrigam ao cumprimento dos deveres pastorais e litúrgicos, e passa a existir um controlo ideológico e estético²⁷². Neste fluxo de mudança, a Igreja percebe o poder da imagem para educar as classes analfabetas e, para isso, as disposições tridentinas defendem a limitação da iconografia religiosa porque “a representação do sagrado deve ser feita para fins devocionais e de veneração de santos, de Jesus Cristo e da Virgem, cultos muito difundidos no período pós-tridentino”²⁷³. Interessava criar uma “maior formação doutrinal e catequética e acompanhamento pastoral assim como a vigilância da vida e dos costumes”²⁷⁴ e menos o acesso direto da população às Escrituras.

É neste contexto que surgem trabalhos hagiográficos nacionais e regionais com a intenção de dar a conhecer os santos, mártires e pessoas ilustres de cada local, ação que resulta de um pensamento pós-tridentino que se preocupa com a memória e identidade de cada país e região²⁷⁵. Mais uma vez faria todo o sentido apropriação de um culto para incentivar outro que seria regional e corresponderia à nova realidade religiosa, que se ocupa com a valorização da imagem e, em especial da figura de Cristo, da Virgem e dando preferência aos mártires mais popularizados podendo ser regionais ou não.

A “crença em milagres que mostram a vontade de a imagem ser venerada aí – porque levada para a paróquia voltava de noite ou chorava – enriquecem a sacralidade do local e as suas

²⁷² COSTA, Marta Sofia. *A Construção da memória como instrumento de legitimação do presente: em torno da Crónica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó de D. Marcos da Cruz (século XVII)*. Dissertação no Mestrado em História e Património (Mediação Patrimonial). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Setembro, 2016. P. 41

²⁷³ COSTA, Marta Sofia. *A Construção da memória como instrumento de legitimação do presente: em torno da Crónica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó de D. Marcos da Cruz (século XVII)*. Dissertação no Mestrado em História e Património (Mediação Patrimonial). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Setembro, 2016. P. 41

²⁷⁴ COSTA, Marta Sofia. *A Construção da memória como instrumento de legitimação do presente: em torno da Crónica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó de D. Marcos da Cruz (século XVII)*. Dissertação no Mestrado em História e Património (Mediação Patrimonial). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Setembro, 2016. P. 42

²⁷⁵ COSTA, Marta Sofia. *A Construção da memória como instrumento de legitimação do presente: em torno da Crónica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó de D. Marcos da Cruz (século XVII)*. Dissertação no Mestrado em História e Património (Mediação Patrimonial). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Setembro, 2016. P. 47

significações, tornando o santo, para além de intercessor poderosos (...) A relação com a imagem, que aí apareceu ou aí se venera, é tão sentida e antropomorfiza-se tanto que ela se torna única e relíquia”²⁷⁶.

Havia a necessidade de criar a relação entre o lugar e a comunidade, na qual a Nossa Senhora de Fontes, a imagem da aparição e a água que jorra das fontes são consideradas milagrosas, criando uma referência que se mantém até hoje.

Capítulo 5. - As marcas da Freguesia de Grijó

Apesar das transformações na malha urbana da freguesia de Grijó ainda é possível ver muitas marcas de fé que sacralizavam os espaços, além dos já mencionados no capítulo 3 *As marcas de Culto no Território*.

Neste sentido, uma das obras que surgiu durante estas transformações foi o projeto para o cemitério de Grijó. Em 1885 (fig. 69) ainda não havia projeto para edificar o cemitério no lugar atual, sendo que, na planta de 1875 (fig. 66) podemos observar a intenção de o construir noutro lugar, perto da Capela de Santo António, atual espaço onde se localiza “A Cotesi”²⁷⁷.

5.1 - Capela de Santo António

Atualmente este local ainda se encontra profundamente marcado pelas três vias delineadas na planta de 1875 que permitem a circulação. A avenida de Grijó, a via de circulação com o projeto para o cemitério, termina na Capela de Santo António (fig. 103).

Anteriormente à sua construção existiu uma outra capela dedicada à Santa Cruz, onde a população da freguesia de Grijó costumava ir em procissão na Cruz de Maio e na noite das Endoenças²⁷⁸. Em 1651 o Prior D. Manuel da Conceição mandou erguer uma

²⁷⁶ **ALMEIDA**, Carlos Alberto Ferreira de. Religiosidade popular e ermidas. *Religiosidade Popular. Studium Generale: Estudos Contemporâneos*. Porto. Nº 6 (1984). P. 79

²⁷⁷ A Cotesi - Companhia de Têxteis Sintéticos, S.A.

²⁷⁸ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 144.

As Endoenças eram feitas na Quinta-feira Santa.

nova capela dedicada a Santo António, destruindo a anterior “na qual se festeja todos os anos o santo com pregação e Missa cantada a q se ajunta toda a freguesia”²⁷⁹.



Fig. 103 - Capela de Santo António. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017



Fig. 104 - Altar da capela de Santo António. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

No interior da capela, no altar-mor ao centro temos a imagem da *Pietá* (fig. 104), ladeada pelas figuras de Santo António, vestindo o hábito branco da ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, e S. Roque.



Fig. 105 - Projecto de Rectificação e Ajardinamento do Largo de Santo António, Freguesia de Grijó. 1940



Fig. 106 – Localização da capela de Santo António. Freguesia de Grijó. Print a partir do Google Maps, 2018

Na planta de 1940²⁸⁰ (fig. 106) vemos a retificação e o ajardinamento do Largo de Santo António. Observando com mais atenção, em frente da capela de Santo António, temos mencionado um cruzeiro que hoje já não existe (fig. 105).

²⁷⁹ **CRUZ**, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634. P. 144

²⁸⁰ Obra municipal de projecto de rectificação e ajardinamento do Largo de Santo António Freguesia de Grijó. 1940, f. FALTA. Cota: F/09/III/2 – Cx. 13. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner [Em-linha]. Consultado a 13 de novembro de 2017 às 15:45. Disponível em: A.M.S.M.B. [https://bit.ly/2y0J3wo].

5.2 – As capelas do Senhor do Padrão

Na rua Cardoso Pinto, a par da cerca, ergue-se uma capela de Passo (fig. 108) ou, como atualmente é conhecida, as *Alminhas do Senhor do Padrão* (fig. 110). Na planta de 1885²⁸¹ (fig. 107) o local onde temos este Passos está marcado uma cruz indicando esta capela.



Fig. 107 - Recorte da planta. Freguesia de Grijó. Projeto da estrada Municipal das vendas de Grijó ao Convento de Grijó. 1885



Fig. 108 - Marcação da localização das *Alminhas do Senhor do Padrão*. Print a partir do Google Maps. Alterações feitas por Vera Barbosa, 2018

Este edifício está situado num cruzamento datado de 1868, porém, essa datação pode referir-se às alterações no edifício, podendo já existir como indicado na planta.

No interior encontramos uma estrutura em vidro e madeira com o tema da *Crucificação* (fig. 109), com a imagem de Cristo em pedra. Tanto a imagem como o fundo seriam policromados, sendo ainda possível detetar vestígios de cor. A estrutura que protege esta imagem parece posterior e possivelmente colocada numa tentativa de preservação, visto apresentar sinais de degradação.



Fig. 109 – *Alminhas do Senhor do Padrão*. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017



Fig. 110 – Figura de Cristo no interior das *Alminhas do Padrão*. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

²⁸¹ Projeto da estrada Municipal das vendas de Grijó ao Convento de Grijó. 1885, f. FALTA Cota: A/9/2-Pt.4 - Doc.11. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. [Em-linha]. Consulta realizada em: 13 de novembro de 2017 às 15:35. Disponível em: A.M.S.M.B. [<https://bit.ly/2NdxDPE>]

Na parede de fundo, ladeando este altar, temos duas figuras em azulejo. Do lado direito Maria Madalena (fig. 111) e do lado oposto S. João Evangelista (fig. 112) identificados.



Fig. 111 – Pannel de azulejo com a imagem de S. João Evangelista. *Alminhas* do Senhor do Padrão, na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017



Fig. 112 - Pannel de azulejo com a imagem de S. João Evangelista. *Alminhas* do Senhor do Padrão, na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

Na fachada do edifício conserva-se uma placa de homenagem aos *Amigos da Musica no 1º Centenário 1868-1968* (fig. 113). Mais uma vez, surge a data já referida, sendo uma possível referência a um período de reforma do edifício.



Fig. 113 - Placa de homenagem aos Amigos da Música no 1º Centenário 1868-1968. *Alminhas* do Senhor do Padrão, na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017



Fig. 114 – Frontão da capela das *Alminhas* do Senhor do Padrão, na freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

O frontão interrompido está revestido a azulejo representando os instrumentos da Paixão ou *Arma Christi* (fig. 114). Ao centro vemos o véu de verónica ou *Sudarium*, do lado esquerdo três pregos ou cravos, simbolizando os utilizados para pregar as mãos e os pés de Cristo. No lado oposto figura o martelo utilizado para pregar Cristo na cruz, o

alicate para remover os pregos e os dados utilizados pelos soldados para decidir quem levaria a túnica de Jesus.

A outra capela de Passos (fig. 115), que encontramos no nosso território, localiza-se na rua do Senhor do Padrão. Apesar de não ser possível ver o seu interior, esta capela sofreu alterações mantendo apenas a sua fachada.



Fig. 115 – Capela do Senhor do Padrão. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

Ambas as capelas parecem desempenhar a função de capela dos Passos e também alminhas. Consideramos estas hipóteses devido à sua localização, sempre perto de encruzilhadas, e também porque, durante a Quaresma, a capela *Alminhas do Padrão* fazia parte do percurso processional.

5.3 - Capela de Nossa Senhora da Graça

A primeira referência à capela da Nossa Senhora da Graça (fig. 116) que nos surge na documentação data de 1758²⁸², sendo da responsabilidade do padre Luiz Vieira Leal. Além desta referência à existência da capela não encontramos documentação que possa suportar uma análise mais profunda sobre o culto ou edificação.

²⁸² **CAPELA**, José Viriato; **BORRALHEIRO**, Henrique Matos Rogério. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Coleção Portugal nas Memórias Paroquiais e 1758. Braga, 2009.



Fig. 116 - Capela da Nª Sra. da Graça. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2017

Desta forma, a nossa análise continua com base naquilo que observamos e registamos durante o trabalho de campo. Depois de 1758 surge um Breve datado de 27 de março de 1778, que se encontra na capela de Nossa Senhora da Graça, o qual aqui transcrevemos:

“O Doutor Francisco Matheus Xavier de Carvalho Mestre Escolla na Santa Sé Cathedral desta Cidade do Porto, e nella, e em todo o seo Bispado Provizor pelo Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Dom Fr. Joam Rafael de Mendonça Monge de S. Jeronimo do Concelho de sua Magestade Fidessissima por merce de Deos e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto: &...Faço saber a todos os que o presente virem em como por parte do Doutor Joam Joze da Fonceca Leal desta Cidade me foi apresentado hum Breve de indulgencias, concedido pelo Santissimo Padre Pio Sexto de felis memoria à Capela de Nossa Senhora da Graça da sua Quinta, sita no lugar de Curveyros freguezia do Salvador de Grijó, comarca da Feira deste Bispado (...)²⁸³

Como mencionado no trecho, esta capela em 1778 pertencia ao Dr. Joam Joze da Fonceca Leal. Sem mais referências à capela, avançamos com a hipótese da pedra de armas, que se encontra na fachada da capela estar relacionada com esta indulgência, mas sem suporte documental que possa assegurar esta sugestão, mantemos a questão em aberto.

²⁸³ O Breve de onde retiramos a informação encontra-se em Apêndice 1, Freguesia de Grijó, 1.7 – Outros Objetos/Documentos encontrados, alínea 1 - Breve presente na Capela de Nossa Senhora da Graça. Fotografia digital, 2018. P. 38



Fig. 117 - N^a Sra. da Graça. Na capela da N^a Sra. da Graça. Freguesia de Grijó.
Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018



Fig. 118 – Altar da N^a Sra. da Graça. Na capela da N^a Sra. da Graça. Freguesia de Grijó.
Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

O interior da capela contém apenas um altar (fig. 118) com a imagem da Nossa Senhora da Graça (fig. 117) ao centro. Nos nichos laterais temos duas figuras, sendo a do lado do Evangelho S. João Batista e do lado oposto Santo António.



Fig. 119 – Ex-voto datado de 1793. Na capela da N^a Sra. da Graça. Freguesia de Grijó. Fotografia digital de Vera Barbosa, 2018

A última fonte visual que nos permite conhecer mais um pouco sobre de quem seria esta capela, trata-se de um ex-voto (fig. 118). Neste quadro lê-se: “Milagre q. fês N.S.^{ra} da Grasa a Joze An.^{to} de Moura estando grave M.^{te} em formo se apegou com a S.^{ra} alcançou por sua emtresesam saude a 16 de junho de 1793 o mandou fazer pai e sogro dono desta capela”. Desta forma, os ex-votos, além de serem formas de expressão artística e devoção, também são fontes que nos permitem conhecer os seus encomendadores como este que é acompanhado de texto.

Considerações Finais

Afirmamos como principal objetivo desta dissertação identificar e compreender as marcas relacionadas com práticas religiosas nos territórios da União das freguesias Perosinho e Serzedo, União das freguesias Grijó e Sermonde e freguesia de Argoncilhe antigos territórios sobre o domínio e gestão do Mosteiro de Grijó.

Numa tentativa de responder a essa premissa, apoiamos o nosso estudo no levantamento e análise das construções existentes, nomeadamente, os cruzeiros, as alminhas, as capelas e as igrejas, elementos inicialmente, construídos para proteger as paróquias e os seus espaços, sendo hoje, utilizados apenas por um pequeno grupo.

Constatamos, assim, que a maior mudança se deu a partir do século XIX, com as novas vivências dos espaços e do crescimento urbano, aspectos que alteraram profundamente o território, passando estes elementos a serem desconectados das suas funções e, por isso alvos fáceis de vandalizar. A deslocação ou destruição deste património móvel, ou até mesmo imóvel, provoca a sua descontextualização, conduzindo a problemas futuros, como a perda de identidade territorial e das comunidades.

Se assistimos a uma transformação no território que altera a leitura dos seus espaços, a relação existente até à primeira metade do século XIX entre o Mosteiro de Grijó e estes lugares entra em decadência. Os cônegos do mosteiro foram responsáveis por criar percursos com as vias-sacras e calvários, não se restringindo apenas ao perímetro do Mosteiro e da cerca. Não só esses elementos, como os cultos em capelas ou igrejas, criados pela ordem monástica são hoje os que ainda se vivem com mais fervor.

Atualmente a leitura destes espaços está confinada apenas ao seu lugar, sem contribuir para um programa de culto. Deixaram de ser marcos dos antigos territórios e parte das estruturas hierarquizadas que definiam os territórios. Simbolicamente assinalavam lugares protegidos, contribuindo para o desenvolvimento dos seus ritos religiosos.

Entre os séculos XII e XIII as terras foram doadas por parte da realeza²⁸⁴, como o caso do couto de Grijó doado por a rainha D. Teresa, e as restantes freguesias constam

²⁸⁴ **AMORIM**, Inês. *O Mosteiro de Grijó. Senhorio e Propriedade: 1560-1720 (formação, estrutura e exploração do seu domínio)*. Da Autora, Braga, 1997. P. 73

em várias doações de particulares como forma de aumentar o domínio do Mosteiro de Grijó. Entre os séculos XIII e XIV as doações de bens continuaram atingindo, porém, um carácter mais espiritual do que de poder, comprovado pela multiplicação das missas para sufragar eternamente as almas²⁸⁵. Por fim, no século XV o mosteiro viveu um período de estagnação de crescimento devido às crises do século XIV.

Tendo em consideração esta decadência e considerando o estudo desenvolvido ao longo deste trabalho, é a partir desta altura que os elementos de devoção surgem no nosso território com maior expressão. Os cultos serão promovidos, a fim de tornar os lugares protegidos. A partir do século XVI são várias as menções a reformas de capelas, referências a relíquias e a imagens dedicadas à Virgem. Sacralizam-se os espaços, as fontes de água e os rochedos que compõem a paisagem rochosa do Monte Murado.

Alguns lugares de culto resistem porque a devoção para com o padroeiro da capela ou igreja se mantém fervorosa, e chega até aos nossos dias muito próxima do que seria antes do mosteiro perder o domínio dos territórios em 1834.

São constantes as edificações ou reformas nas capelas e nas igrejas a partir da segunda metade do século XX. Os edifícios são estucados e alguns elementos como galilés²⁸⁶ ou púlpitos²⁸⁷ que estariam no exterior, demolidos. Acreditamos que estas destruições se terão devido à perda de uso dessas dependências com a mudança na liturgia a partir da segunda metade do século XX²⁸⁸.

Temos de referir o facto de estas obras coincidirem também com o período dos estudos sobre a santidade que surgem com força entre as décadas de 60 e 70 do século

²⁸⁵ **AMORIM**, Inês. *O Mosteiro de Grijó. Senhorio e Propriedade: 1560-1720 (formação, estrutura e exploração do seu domínio)*. Da Autora, Braga, 1997.

²⁸⁶ Existia uma galilé em frente da Capela de Nossa Senhora de Fontes.

²⁸⁷ Existia um púlpito exterior no adro da Capela de Nossa Senhora do Pilar.

²⁸⁸ “As novas orientações assumidas pela Igreja Católica no Concílio Vaticano II geraram alterações concretas e práticas nos lugares de culto e colocaram novos desafios à arquitetura religiosa. (...) o espaço de culto deveria refletir a vontade renovada de aproximação e serviço às comunidades.”; “Os princípios do Movimento Litúrgico podem ser resumidos em três ideias: Regressar às fontes do cristianismo, à sua essência e autenticidade; Recentrar a liturgia em Jesus Cristo e tornar o altar o foco da celebração eucarística; Estimular a participação ativa dos fiéis numa celebração que é comunitária e realizada pelo povo de Deus.”. Informação disponível em: **CAPTIVO**, Maria Teresa Manso. *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos – Análise Morfológica*. Mestrado em Arquitetura no Instituto Superior Técnico de Lisboa. Junho, 2016, P. 12; 14

XX²⁸⁹ e que contribuíram para que as pessoas se interessassem pelos seus lugares e santos. É o retorno do tema da religiosidade que traz de novo o interesse por estes cultos. Contudo, não podemos esquecer que alguns se mantêm como devoções fortes, de que é especial exemplo o caso a Nossa Senhora de Fontes com as celebrações em 2018 de 150 anos de festividades.

Desta forma, observamos um aumento de cuidados pelos cultos e instrumentos de apoio aos ritos religiosos a partir da segunda metade do século XX, sendo mais frequente surgirem notícias e estudos como monografias a partir desta época como podemos apurar. Podemos, assim, concluir que esses estudos, e atenção ao património que surge por essa altura, alimentaram a comunidade sobre a história local, podendo ser uma das causas apontadas para que a relação e a memória do mosteiro de Grijó em alguns locais ainda se manter presente na memória da população.

Com efeito, ainda persiste na memória da população que as capelas de Nossa Senhora das Neves e a da Nossa Senhora de Fontes foram pertença do mosteiro. Mesmo que inconscientemente, este facto mostra que a história dos lugares se tornou a história das suas comunidades.

Ao fazer uso da expressão *suas comunidades* referimo-nos a quem sempre viveu na freguesia, porque são eles que se preocupam com o culto e zelam as capelas, as igrejas, as *alminhas* e os cruzeiros. É esta identidade do lugar e a devoção que salvaguardam este património, anteriormente pertencente ao Mosteiro de Grijó.

Porém, com as atuais desconexões entre as pessoas e os lugares, a perda do entendimento destes edifícios, instrumentos, lugares e, também a crença, que vai desaparecendo na sociedade, aumenta a decadência destes objetos. Esta distância que se vive nos nossos dias, a longo prazo, poderá ter um significado negativo.

É nesta perspetiva que a devoção e uso dos instrumentos não chegam para manter estes bens. Sem dúvida que ainda são as imagens as maiores responsáveis pela persistência e respeito pelas capelas, mas a longo prazo isso não será suficiente para preservar este património móvel e imóvel, assim como o imaterial. Será necessário que

²⁸⁹ ROSA, Maria de Lurdes. *Historiografia da santidade no século XXI: percursos prévios, problemáticas atuais: balanço e reflexão*. Revista Lusitânia Sacra. 28 (Julho-Dezembro 2013) 215-237. P. 222

estes elementos ganhem outro carácter num âmbito mais patrimonial sendo-lhes atribuídos novos usos para permitir a sua salvaguarda.

Os ritos religiosos e para-litúrgicos adaptam-se, podendo estes instrumentos ser substituídos e acabando por se tornarem obsoletos. Exemplo dessas adaptações são as cruzes de madeiras colocadas para simbolizar o percurso processional durante o período da quaresma devido à ausência dos antigos instrumentos. As *alminhas* e cruzeiros que desempenhavam o papel de marcação de caminhos antigos e símbolos de proteção, assim como as capelas e as igrejas terão de receber novos usos para sobreviverem no futuro.

Enquanto o culto às imagens – objetos principais onde reside a devoção – continuarem a ter o seu carácter de fé estes permaneceram ativos pelo uso, evitando a destruição ou museificação dos mesmos. Tais acontecimentos acabarão por despoletar ainda mais a perda da memória do passado. Estas imagens demonstram ainda o poder detido por esta Ordem monástica, observada pela qualidade da produção e pela escolha dos materiais, reveladores de um gosto erudito.

Todavia, o cuidado de escolher as imagens para o programa da igreja de Grijó, e também de colocar Santo António vestido de branco, uma clara alusão à Ordem, prova a cultura e o conhecimento destes religiosos, que procuravam posicionar-se e manter a sua sobrevivência em relação às novas Ordens religiosas que iam surgindo. Para isso, procuraram mostrar não só o seu poder através das imagens – no que respeita à manufatura –, mas também distinguir-se pela sua história e as relações com a nobreza, realeza e instituições, sendo disso exemplo a presença de figuras importantes da Igreja, como doutores ou fundadores, bem como uma procura em mostrar referências à Santa Cruz de Coimbra, de onde adquiriram o hábito. Por último, a forma de representar Santo António vestido de branco – hábito da Ordem dos Cónegos de Santo Agostinho – mostra uma vez mais esta vontade de referir e salientar figuras importantes para a Ordem monástica.

Com a destruição destes bens, ou a sua desvinculação dos lugares originais, tais leituras não serão possíveis de se fazer. Ainda que hoje o impacto devocional iniciado pelos cónegos do mosteiro de Grijó se sinta, estas relações não são já conhecidas.

As relações com os antigos territórios não existem, sendo a sua memória apenas presente pela oralidade de alguns lugares das freguesias. Mais uma vez o nosso trabalho surge como um contributo para a leitura destes espaços, mostrando que o mosteiro e as freguesias partilham um património que se valoriza pelas suas ligações e deixam de ser elementos singulares. Assim, todos estes instrumentos para o culto funcionam como um programa de devoção e poder que ultrapassa as fronteiras administrativas e se transforma num projeto de memória e identidade da ordem monástica e também das comunidades herdeiras desse legado.

Outro ponto que nos suscitou interesse na elaboração deste estudo foi a escolha de lugares para edificação de capelas. Esta investigação possibilitou o contacto com várias capelas que compreendem o período entre o século XIII e o XVI, esta delimitação é importante para entendermos algumas conclusões que nos foi possível dissecar. Primeiro, relembremos as capelas que foram estudadas neste trabalho para entender a questão da escolha de lugares.

A capela de Nossa Senhora do Pilar - erguida no lugar de Crasto – surge implantada mais perto da população, por volta do século XIII, mostrando a escolha do lugar por ser habitado.

A Capela de Nossa Senhora de Fontes, cuja sua história corresponde a uma aparição, situa-se num lugar ermo e longe da vida quotidiana. Também este sítio é uma fronteira entre Serzedo e Grijó sendo a ermida primitiva mencionada a partir do século XV. Com as novas regras da liturgia que coincide com as mudanças e reformas feitas na Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, em que estavam entre o novo mosteiro localizado em Vila Nova de Gaia e o antigo mosteiro de Grijó, edifica-se uma nova capela, num lugar mais alto e limpo. Também se encomenda uma nova imagem que corresponda à mensagem de poderio que a ordem monástica queria transmitir. A nova imagem é colocada no altar, assim como à imagem da aparição que, é transladada para a nova capela e colocada também no altar. Esta imagem *aparecida* é a que saía em procissão para que todos os devotos pudessem vê-la.

A Capela de Nossa Senhora das Neves datada do século XVI mas com antecedentes, foi edificada num lugar alto e ermo e, também como marco do fim da via-

sacra. Nesta capela as duas imagens – a primitiva e a que se encontra atualmente no altar, ambas na invocação de Nossa Senhora das Neves – coexistem nos nossos dias. Pelo facto da primeira imagem da Nossa Senhora das Neves ter desaparecido, por um espaço de tempo, foi encomendada uma nova. Quando a primeira foi redescoberta, ambas as imagens ficaram no altar da capela-mor, colocando-se a mais recente no nicho central. Em finais do século XX a comunidade não sabia da existência da mais recente, pois a colocação de um retábulo – que foi retirado há cerca de 30 anos – escondeu a imagem havendo apenas memória da primeira.

Nestas três capelas, cuja fundação se dá em séculos diferentes, identificámos algumas características que diferem na escolha do lugar para erguer capelas e/ou ermidas. Ao longo do século XIII na escolha do lugar pesaria sobretudo a edificação perto de populações. Se pensarmos que era uma época de guerras, as capelas não estariam muito deslocadas dos centros populacionais, pois as pessoas instalavam-se perto de rios, castelos e estradas, a fim de obter proteção. Tendo a fortaleza do Monte Murado perdido o seu uso devido às terras de Santa Maria terem sido conquistadas, decerto que faria mais sentido deslocar o culto para uma nova capela no centro primitivo do lugar de Crasto, fazendo com que a população obtivesse proteção e permanecesse.

Nos séculos seguintes, a fundação de capelas prendia-se com outras questões, que não as do século XIII. A necessidade de expandir o território e de contornar os medos que se sentiam pelos lugares ermos, sendo a maior parte deles também altos afastados da vida quotidiana, permitiu o estabelecimento de ligações entre as pessoas e os lugares.

Marcado por um período de pestes, pobreza e falta de população em algumas zonas do território nacional, o século XIV caracterizou-se pela edificação de templos e aparição de imagens milagrosas, uma forma de trazer esperança às populações e, em alguns lugares considerados perigosos devido à presença de identidades malignas. A presença de um milagre ou imagem servia como forma de colocar fim a alguns destes medos. Os lugares favoritos eram montes com muitos rochedos e espaços com água cuja edificação ou surgimento de uma imagem sagrada era suficiente para acabar com a crença em seres malignos naqueles lugares.

Exemplo disto é a capela da Nossa Senhora das Neves, erguida longe do primitivo núcleo onde se situa a capela de Nossa Senhora do Campo. Antes dos cónegos de Grijó terem construído a atual capela existiu uma anterior cuja datação não é conhecida, mas comprova esta ideia e a necessidade de se erguerem templos em lugares altos e pouco habitados.

Por outro lado, exemplo de sacralização da água é a capela da Nossa Senhora de Fontes, a primitiva. Neste caso não é só a capela que importa, mas também a imagem que aparece entre duas fontes facto que comprova a santidade da água e a proteção do lugar.

As diretrizes que surgem no século XVI, ditam que as capelas e igrejas estejam em lugares limpos, higienizados e imaculados, com um adro a circunscrever a capela ou igreja. Com efeito, é neste clima de reforma que a capela de Nossa Senhora de Fontes é construída num lugar que respeite os princípios enunciados, indo ao encontro das diretrizes da Igreja e às novas normas da liturgia.

Através destes exemplos percebemos que a edificação de capelas nestes territórios se prende com razões administrativas, de necessidade, de devoção e de proteção, tentando fazer com que a população se estabelecesse para manter as terras conquistadas.

Outra questão que também levantamos durante a nossa investigação sobre a capela de Nossa Senhora de Fontes referia-se à possibilidade de esta ser ou não considerada um santuário. Existem várias designações para santuário, vejamos alguns significados:

“Parte de uma igreja onde se arrecadam e veneram relíquias de vários santos: «...santuários em que se guardavam as relíquias dos santos célebres» (...) Lugar recôndito, ou vedado ao público, destinado à guarda ou conservação de objetos dignos de veneração”²⁹⁰; “ (...) o santuário é parte do templo onde se desenrolam as funções da celebração da missa. Compreende o altar com o seu supedâneo e todo o recinto em que se encontra a credência, os bancos para o celebrante e os ministros, as bancadas

²⁹⁰ S/a - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Volume xxvii: Sanch-Seara Lisboa/rio de janeiro: editorial enciclopédia, limitada, [s.d.]. P. 419

para o clero e o espaço suficiente para todos os movimentos que comporta a função sagrada. Em muitas igrejas abrange praticamente quase toda a capela-mor.”²⁹¹.

Através dos significados mencionamos parece que qualquer templo poderia ser considerado um santuário. No entanto, a capela de Fontes destaca-se pela existência de uma imagem que por si tem o carácter de *aparecida*, a água das fontes que a ladeava é considerada milagrosa e essa imagem adquire um valor de relíquia. São as relíquias, um dos fatores que gera em redor de um lugar esse conceito de santuário.

É interessante de notar que, não existe um padrão entre as vias-sacras dispersas pelos nossos territórios. É certo que existe sempre o ato de peregrinar, as estações e o caminho que é feito em ascensão. Contudo não partem todas do mesmo lugar e não terminam todas no monte.

A via-sacra e o calvário de Fontes partiam da Capela de Nossa Senhora de Fontes e dirigiam-se ao monte, promovendo a dificuldade de peregrinar e acentuando o martírio de Cristo. Em contrapartida, a via-sacra e o calvário de Argoncilhe, parte da igreja matriz e termina na Capela de Nossa Senhora das Neves.

Uma via-sacra e calvário mais recentes, como é o caso encontrado no lugar de Ordonhe na freguesia de Argoncilhe, parecem começar num lugar alto, na igreja do Cristo Rei e terminar no Santuário da Nossa Senhora da Azenha por apresentar as três cruzes, identificando o Calvário. Tal poderá dever-se a novas questões litúrgicas, que não obrigam a seguir um percurso em ascensão como aconteceria em séculos anteriores.

Uma via-sacra e calvário em Perosinho no Lugar de Sergueiros, numa escala menor, inicia-se na Capela de Santa Marinha e termina na Capela do Senhor do Calvário. Também a demolida via-sacra que iria da igreja matriz de Perosinho à Capela da Nossa Senhora do Pilar faz um percurso em ascensão.

No Lugar de Murraceses a via-sacra inicia-se na Capela de Santa Margarida e termina no calvário disposto no alto, que seria um lugar também de difícil acesso, sendo o caso mais semelhante ao que existiu no Lugar de Fontes.

²⁹¹ S/a - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Volume xxvii: Sanch-Seara Lisboa/rio de janeiro: editorial enciclopédia, limitada, [s.d.]. P. 419

Quando nos referimos a património ativo, estamos a considerar os bens que ainda prestam a sua função primordial de sacralidade e correspondem a certos ritos religiosos. De certo modo, algumas pessoas conhecem o seu valor e os reconhecem-no no ceio da comunidade como essenciais para as suas práticas.

O património não ativo é todo aquele cuja história foi esquecida ou desvinculada, sendo apenas a festa realizada como forma de cumprir mais uma função litúrgica, mas que para a comunidade não tem qualquer referência. Exemplo disto são as vias-sacras que acabam por ser demolidas e destruídas e a construção de dependências agregadas a capelas, de que é exemplo Nossa Senhora da Graça em Grijó, cuja varanda está ligada à capela.

Estes lugares e instrumentos encontram-se ativos porque ainda respeitam os seus ritos religiosos. As devoções em torno das imagens e das capelas ainda se mantêm, ainda que com diferentes expressões. Também as *Alminhas*, mesmo na ausência de imagens, são objetos de culto e de cuidados, observando-se a colocação de flores ou velas. Mesmo que hoje nenhuma imagem esteja presente no seu meio, estes objetos ainda são valorizados pelas comunidades, integrando as suas práticas devocionais. Seria interessante discutir o porquê destas práticas ainda se manterem em sítios ausentes de imagens. Será que as pessoas ainda se lembram do que tinha no nicho? Haverá ainda uma relação com a função das alminhas e dos caminhos como forma de proteger?

Atualmente, *Alminhas* e cruzeiros desempenham as mesmas funções de proteção e devoção, não havendo a antiga hierarquia de funções que a eles se destinavam. Vemos *Alminhas* e cruzeiros a proteger caminhos, encruzilhadas ou a participar das vias-sacras durante os rituais da Quaresma.

Também o material usado na construção de *Alminhas* e cruzeiros apresenta mudanças nas suas construções.

A força de culto mariano, com as capelas e imagens que resistem até aos nossos dias, promoveu a edificação de outras capelas também dedicadas à Virgem, tornando-se parte deste programa mariano que se torna intemporal.

Este património cultural imaterial, entendido pelas suas “práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos,

objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados”²⁹², é o principal contributo para a diversidade da cultura, promovendo a aproximação entre os diferentes povos ou grupos e afirmando as suas identidades.

Consideramos, assim, que com o trabalho aqui desenvolvido apresentamos contributos em três vertentes, que se complementam entre si e demonstram a riqueza e possibilidades do território apresentado e dos muitos elementos que o sacralizam.

Para as comunidades locais o nosso trabalho é um contributo que permite a salvaguarda da identidade e memória transmitida de geração em geração, sendo igualmente um registo da constante recriação dos usos destes elementos, adaptados às mudanças devocionais e para-litúrgicas.

A presente dissertação procura servir como um contributo para a história destas freguesias e do legado da comunidade dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Grijó, juntando-se a outros estudos já existentes, que permitem uma articulação entre as várias marcas de devoção e poder.

As imagens da Nossa Senhora por nós inventariadas enriquecem os estudos iconográficos e os que se dedicam ao culto mariano e contribui, de igual modo, para o entendimento das dinâmicas do espaço. Também o nosso trabalho de campo permitiu a criação de tabelas que se encontram disponíveis em apêndice, podendo ser objeto de atualização regular.

Ao leitor interessado nestes temas possibilita a *descoberta* do território, as suas histórias e tradições, a partir dos elementos que muitas vezes passam despercebidos ou não são compreendidos porque fazem parte de práticas religiosas que apenas alguns grupos sociais mantêm vivas. Traduzindo, assim, este estudo a intenção de valorizar estes elementos através do seu conhecimento.

É essencial que estes elementos possam coexistir na vida contemporânea, mesmo que se tornem obsoletos. Torna-se urgente criar uma gestão patrimonial destes bens para que sejam protegidos e permitam a sua sobrevivência como marcas da

²⁹² **LOPES**, Flávio; **CORREIA**, Miguel Brito. Património Cultural – Critérios e Normas Internacionais de Proteção. Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. UNESCO, Paris, 17 de outubro de 2003. P. 388

passagem do tempo. Estes elementos humanizam a paisagem, são testemunhos de velhos caminhos, dos limites de território paroquial e das práticas devocionais.

O nosso trabalho debruça-se sobre a leitura do espaço sacro. Desta forma, definimos a nossa pesquisa e análise tendo em conta a movimentação das imagens, a influência dos seus cultos no território e as transformações urbanas que levaram ao desaparecimento de alguns destes elementos protetores dos espaços humanizados. No entanto outros exemplares chegaram até nós, cumprindo ainda as suas funções de devoção.

Como agentes do património, o nosso objetivo prende-se com a importância de reafirmar os laços entre a cultura e o desenvolvimento do território, “respeitando o valor intrínseco de cada um dos seus elementos”²⁹³, podendo surgir deste trabalho itinerários culturais a fim de mostrar “a mensagem espiritual do passado de todos os seus componentes, como peças pertencentes a um mesmo conjunto que reforça o seu significado”²⁹⁴ e promover a diversidade cultural da Humanidade.

Estamos conscientes do valor destes elementos e da falta de estudo sobre os mesmos. Consideramos neste trabalho um estudo inicial que convida à abordagem de novos temas.

Não nos sendo possível abordar todos os temas sugeridos ao longo desta investigação, consideramos necessário finalizar a nossa dissertação com uma reflexão acerca da abertura a trabalhos futuros.

Neste contexto, importa abordar com maior profundidade o programa de imagens encomendado e pensado para a igreja do mosteiro de Grijó. Conseguimos identificar que a escolha dessas imagens não foi aleatória, tratando-se de uma forma de demonstração de poder por parte da Ordem monástica. A leitura das imagens apresentadas nos altares, capelas, e também no claustro, é compreendida por nós como um programa único. Assim, necessita de um enquadramento histórico mais detalhado, que permita

²⁹³ **LOPES**, Flávio; **CORREIA**, Miguel Brito. Património Cultural – Critérios e Normas Internacionais de Proteção. Carta sobre Itinerários Culturais. ICOMOS, Quebec (Canadá), em 4 de outubro de 2008. P. 457

²⁹⁴ **LOPES**, Flávio; **CORREIA**, Miguel Brito. Património Cultural – Critérios e Normas Internacionais de Proteção. Carta sobre Itinerários Culturais. ICOMOS, Quebec (Canadá), em 4 de outubro de 2008. P. 457

estudar aspetos administrativos e sociais, analisar separadamente cada imagem no que respeita à sua narrativa e culto, atendendo às características excepcionais com que estão representadas.

O estudo não deve restringir-se às imagens de vulto ou imagens vestidas, mas também incluir as telas presentes nas capelas laterais, altares do transepto, assim como no retábulo da capela-mor.

Também fica em aberto uma análise dos painéis da capela de Nossa Senhora do Pilar que suscitou interesse, mas que não nos foi possível analisar com a profundidade desejada, dada a evidente limitação temporal exigida para a apresentação deste trabalho.

Bibliografia

Trabalhos Académicos

- ABREU**, Susana Matos. *A Docta Pietas ou a Architectura o Mosteiro de S. Salvador também chamado Santo Agostinho da Serra (1537-1692)*. Mestrado em História de Arte em Portugal, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1999
- ALMEIDA**, Cátia Filipa Santos. *O Mosteiro de São Pedro de Pedroso: Estudo Patrimonial de uma Instituição Beneditina (1212-1307)*. Mestrado em Estudos Medievais, 2016.
- CARMO**, Tiago João Alves. *Os castelos no Baio-Ferrado (séc. X- XIII)*. Mestrado em Arqueologia, 2016.
- CAPTIVO**, Maria Teresa Manso. *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos – Análise Morfológica*. Mestrado em Arquitetura, Instituto Superior Técnico de Lisboa. Junho, 2016
- COSTA**, Marta Sofia. *A Construção da memória como instrumento de legitimação do presente: em torno da Crónica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó de D. Marcos da Cruz (século XVII)*. Dissertação no Mestrado em História e Património (Mediação Patrimonial). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Setembro, 2016.
- LOPES**, Maria Inês Afonso. *Por Minha Alma. Raízes históricas do Culto das Almas do Purgatório em Portugal (Séculos XVII e XVIII)*. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.
- RESENDE**, Nuno. *Fervor & Devoção: património, culto e espiritualidade nas ermidas de Montemuro : séculos XVI a XVIII*. Tese de doutoramento em História da Arte Portuguesa. Porto, 2011.
- SANTOS**, Ana Rita Pontes. *Dicionário Iconográfico da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho com base na análise das duas pinturas. Segundo Volume*. Mestrado em História da Arte Portuguesa, 2016
- SANTOS**, Celso Francisco dos Santos. *A Architectura do Mosteiro de S. Salvador de Grijó 1574 – 1636*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Volume I e II. Porto, 1988.

SANTOS, Maria Madalena Loureiro dos. *Penafiel – Cruzeiros e Alminhas. Subsidio para um inventário*. Relatório de Estágio do Mestrado em História da Arte portuguesa apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2017

TEIXEIRA, Raquel Brochado. *Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010

Monografias

ARAUJO, Presbítero José Ribeiro de. *Perosinho. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1980

COUTO, Manuel António Pereira. *A freguesia de S. Mamede de Serzedo – Contributos para o estudo dos seus limites na Época Moderna*. Instituto de História Moderna. Junta de Freguesia de Serzedo. Porto, 2006.

COSTA, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Mamede de Serzedo – A propósito do milenário da sua Igreja*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Serzedo, 2000

COSTA, Francisco Barbosa da. *Notícia Histórica da Freguesia de S. Salvador de Perosinho*. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Junta de Freguesia de Perosinho, 2000.

Artigos

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Senhora da Abadia*. Revista Etnográfica - Museu de Etnografia e História. Vol. 2, tomo 2, nº4. Abril, 1964

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Território paroquial de Entre-Douro-e-Minho: sua sacralização*. Nova Renascença . Porto: Associação Cultural "Nova Renascença". Vol. I, nº 2 (1981) p. 202-212.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Religiosidade popular e ermida. Religiosidade Popular - Studium Generale: Estudos Contemporâneos* . Porto. Nº 6 (1984).

- ALMEIDA**, Carlos Alberto Ferreira de. *O culto da Nossa Senhora, no Porto, na época moderna: perspectiva antropológica*. Porto: [s.n.], 1979
- OLIVEIRA**, P. Miguel de. *Igrejas em Terra de Santa Maria*
- ROCHA**, Manuel Joaquim Moreira da. *Construção de Capelas pela irmandade do Senhor dos Passos – Uma via crúis no espaço urbano*. Separata da Revista POLIGRAFIA 1. Edição do Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1992
- ROCHA**, Manuel Joaquim Moreira da. *Dirigismo na produção da imaginária religiosa nos séculos XVI-XVIII: as Constituições Sinodais*. Separata da revista Museu – IV, série nº5, 1996
- RODRIGUES**, Ana Maria S. A. *A Formação da rede paroquial no Portugal medievo*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. SEEM, 2006, pp. 685-695.
- ROSA**, Maria de Lurdes. *Historiografia da santidade no século XXI: percursos prévios, problemáticas atuais: balanço e reflexão*. Revista Lusitania Sacra. 28 (Julho-Dezembro 2013) 215-237.

Enciclopédias e Dicionários

- AZEVEDO**, Carlos Moreira (Dir.). *Dicionário d História Religiosa de Portugal*. Centro de Estudos d História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Volume 1 a 4. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- CIRLOT**, J. E. *A Dictionary of Symbols*. Second Edition, 1971. [Em-linha]. Disponível em: [<https://archive.org/details/DictionaryOfSymbols>]
- S/a - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Volume xxvii: Sanch-Seara Lisboa/rio de janeiro: editorial enciclopédia, limitada, ,[s.d.]. P. 419

Revistas e Jornais

Jornal dos Carvalhos

- [S/A] - «As Festas dos Carvalhos». IV Série, nº 1. 15 de Agosto de 1990. P – 3
- [S/A] - «Ainda as belezas naturais do histórico Monte Murado». IV Série, nº3. 15 de Outubro de 1990. P – 3
- [S/A] - «Freguesia Perosinho». IV Série, nº6. 15 de Janeiro de 1991. P – 2;13
- [S/A] - «Freguesia de Serzedo». IV Série, nº7. 15 de Fevereiro de 1991. P – 2

[S/A] - «Freguesia de Grijó». IV Série, nº8. 15 de Março de 1991. P – 2

[S/A] - «Monte Murado – Estação Arqueológica». IV Série, nº10. 15 de Maio de 1991.
P – 4-5

Fontes Escritas

ANJOS, Fr. Luís dos; **CARVALHO**, Nicolau de. *Jardim de Portugal*. Coimbra: em casa de Nicolao Carvalho, 1626. [Em-linha]. Disponível em: [<http://purl.pt/14013/3/#/1>]

CARDOSO, Luis. *Portugal Sacro-profano*. 1767. [Em-linha]. Disponível em: [<https://archive.org/details/portugalsacropro03carduoft>]

CARDOSO, Jorge; **OLIVEIRA**, Henrique Valente de. *Agiologio Lusitanodos*. Officina Craesbeekiana, 1652-1744. [Em-linha]. Disponível em: [<http://purl.pt/12169/4/>]

Cónegos Regrantes de Santo Agostinho; Cónegos de Santa Cruz. *Livro das constituições e Costumes (...)*. Coimbra: Canonicos regulares do moesteyro de Sancta Cruz, 1530-1577. [Em-linha]. Disponível em: [<http://purl.pt/index/livro/aut/PT/98689.html>]

COSTA, António Carvalho da. *Corografia Portuguesa e Descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal*. Officina de Valentim da Conta Deslandes, Lisboa, 1706-1712. [Em-linha]. Disponível em: [<http://purl.pt/434/4/>]

CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma*. 1634.

CUNHA, D. Rodrigo da. *Catalogo dos Bispos do Porto*. Porto: Officina Prototypa Episcopal. Volume 2, 1742. [Em-linha]. Disponível em: [<https://archive.org/stream/catalogodosbispo00cunh#page/n277/mode/2up>]

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. [Em-linha]. Disponível em: [<https://archive.org/details/santuariomariano07sant/page/n1>]

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos*

Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora. Volume 5. Lisboa, 1707. [Em-linha].
Disponível em: [<https://archive.org/details/santuariomariano05sant/page/n5>]

Bibliografia Geral

- ABREU**, Susana Matos. *Diogo de Castilho e João de Ruão: uma parceria invulgar no traçado do Mosteiro de S. Salvador da Serra (Serra do Pilar)*, 2007
- AMARAL**, Luís Carlos; **ALARCÃO**, Jorge de. *Livro das Campainhas (códice da segunda metade do século XIV). Mosteiro de São Salvador de Grijó*. Documentos sobre Vila Nova de Gaia 4. Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 1986.
- AMARAL**, Luís Carlos. *São Salvador de Grijó na Segunda Metade do Século XIV. Estudo de gestão agrária*. Edições Cosmos, Lisboa, 1994.
- A IMLING, PAR SARREBOURG**. *Notice sur Les Reliques de Sainte Menne – Vierge Toulouse au IV Siecle*. Le 6 novembre, 1861. [Em-linha]. Disponível em: [<https://bit.ly/2M3veah>]
- AMORIM**, Inês. *O Mosteiro de Grijó. Senhorio e Propriedade: 1560-1720 (formação, estrutura e exploração do seu domínio)*. Da Autora, Braga, 1997.
- BACCI**, Michele. *Shaping the Holy Topography of Saint Catherine in the Late Middle Ages*.
- CARDOSO**, P. Luiz. *Diccionario Geografico*, escrito ao Rey D. João V. Tomo I. Lisboa, 1747
- CAPELA**, José Viriato; **MATOS**, Henrique. Co-autor; **BORRALHEIRO**, Rogério, co-autor. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Portugal nas memórias paroquiais de 1758; volume 5. Braga, 2009
- CAPELA**, José Viriato; **MATOS**, Henrique. Co-autor; **BORRALHEIRO**, Rogério, co-autor. *As Freguesias do Distrito de Aveiro e Coimbra nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Portugal nas memórias paroquiais de 1758; volume 7. Braga, 2011

- COSTA**, Agostinho Rebelo da. *Descrição topografica, e historica da Cidade do Porto*. Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789. [Em-linha]. Disponível em: [<http://purl.pt/22517>]
- COSTA**, Avelino. *A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média*, 1957
- COUTINHO**, B. Xavier. *Nossa Senhora na Arte – Alguns Problemas Iconográficos e uma Exposição Marial*. Associação Católica do Porto, 1959
- CHAVES**, Luís. *A Arte Popular. Aspectos do Problema*. Biblioteca Popular do Instituto Port. De Arqueologia, História e Etnografia. Portugalense Editora. 2ª Edição, Porto, 1959
- CHAVES**, Luís. *Portugal Além. Notas Etnográficas*. Vol. 1. Edições Pátria. Gaia – Portugal.
- DURAND**, Robert. *Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó (XIe-XIIIe siècles)*. 1971.
- FADIGAS**, Leonel. *Fundamentos Ambientais do Ordenamento do Território e da Paisagem*. Edições Sílabo, Lisboa, 2007
- FEIO**, Rui. *Roteiro do Culto Mariano em Terras de Bragança e Zamora*. Itinerários, histórias e lendas. Informações sobre o culto actual. Edição Câmara Municipal de Bragança, 2012.
- GANDRA**, Manuel J. [Coordenador]. *O Eterno Feminino no Aro de Mafra*. Edição Câmara Municipal de Mafra, 1994.
- GILES**, Kate. *Seeing and believing: visuality and space in pre-modern England*.
- LEAL**, Pinho. *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. 1873
- MATTOSO**, José. *Portugal Medieval. Novas Interpretações*. Volume 8. Círculo de Leitores. 2002
- MOZZANI**, Éloïse. *Légendes et Mystères des Régions de France*. Éditions Robert Laffont, S.A., Paris, 2014. [Em-linha]. Disponível em: [<https://bit.ly/2vwWzrb>]
- OLIVEIRA**, P. Miguel de. *A Padroeira de Portugal. Notas e Documentos*. Edições letras e artes, Lisboa 1940

- OLIVEIRA**, P. Miguel de. *As Paroquias rurais portuguesas. Sua origem e formação*. União Gráfica. Lisboa, 1950
- OLIVEIRA**, P. Miguel de. *História Eclesiástica de Portugal*. Edição Revista e Actualizada. Editor Europa-América, 1994
- PINHEL**, Ilidio da Silva Marta de. *Invocação Nova de um Culto Antigo*. Novelgráfia, Viseu, 1985.
- RÉAU**, Louis. *Iconografía del Arte cristiano. Iconografía de los santos – De la G a O*. Tomo 2, Volume 4. Edições del Serbal, 2001.
- REBELO**, P. Domingos. *O Culto a Maria na Diocese de Aveiro*. Edição Movimento dos Cruzados de Fátima e Secretariado Diocesano de Aveiro, 1989.
- SANTOS**, Manoel Rodrigues dos. *Descrição Topográfica de Villa Nova de Gaya (1ª ed.)* Porto: Imprensa Real, 1881. [Em-linha]. Disponível em: [https://archive.org/details/descripcaotopogr00mont>]
- SERRÃO**, Joaquim Veríssimo. *Livro das Igrejas e Capelas do Padroado dos Reis de Portugal - 1574*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português, 1971.
- SILVA**, Armando Coelho Ferreira da. *As Tesserae Hospitales do Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado Pedroso, V.N. Gaia – Contributo para o Estudo das Instituições e Povoamento da Hispania Antiga*. Vila Nova de Gaia, 1983
- VITORINHO**, Pedro. *Cruzeiros Portuenses*. Porto, 1941

Sítios em Linha

Rancho Infantil e Juvenil Padeirinhas de Valongo Fundado 27 Novembro 1986. *Procissão das velas em Susão, Valongo*. Publicado a 16 de maio de 2012. [Em-linha]. Consultado a 24 de setembro de 2018 às 13:32 Disponível em: [https://padeirinhadevalongo.blogspot.com/2012/05/procissao-das-velas-em-susao-valongo.html]

Congregation of Holy Cross – Ave Cruz Spes Única. *Ave Crux Spes Única* [Em-linha]. Consultado a 19 de setembro de 2018 às 16:56 Disponível em: [http://www.holycrosscongregation.org/spirituality/ave-crux-spes-unica/]

Cartografia

Projeto da estrada Municipal das vendas de Grijó ao Convento de Grijó. 1885, f. FALTA. Cota: A/9/2-Pt.4 - Doc.11. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. [Em-linha]. Consulta realizada em: 13 de novembro de 2017 às 15:35. Disponível em: A.M.S.M.B. [https://bit.ly/2NdxDPE]

Obra Municipal de Cemitério de Grijó. 1875, f. FALTA. Cota: F/09/III/2 - Cx. 12. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. [Em-linha]. Consulta realizada em: 13 de novembro de 2017 às 15:29. Disponível em: A.M.S.M.B. [https://bit.ly/2N9iGxU]

Projeto da estrada de Serzedo à Póvoa. 1884, f. FALTA. Cota A/9/2-Pt.6-Doc.24. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. [Em-linha]. Consulta realizada em: 25 de abril de 2018 às 10:23. Disponível em: A.M.S.M.B. [https://bit.ly/2InPgr8]

Obra municipal de projecto de rectificação e ajardinamento do Largo de Santo António Freguesia de Grijó. 1940, f. FALTA. Cota: F/09/III/2 – Cx. 13. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner [Em-linha]. Consultado a 13 de novembro de 2017 às 15:45. Disponível em: A.M.S.M.B. [https://bit.ly/2y0J3wo].